MADONNA EM *OLHOS DE SERPENTE*

E O EROTISMO PERTURBADOR DE *LUA DE FEL*, O NOVO **POLANSKI**

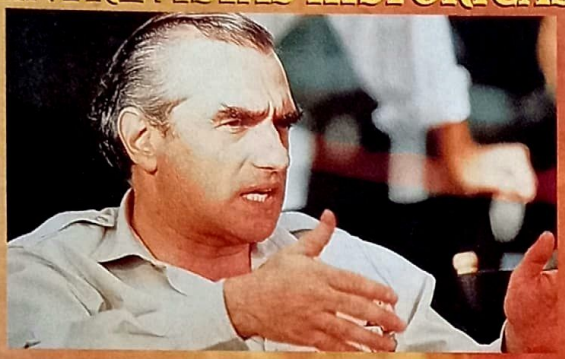
SET

CINEMA & VÍDEO

EDITORA AZUL

5633 - Novembro, 1993 - Ed. 77 - Ano VII - Nº 11 - CR$ 820,00

ENTREVISTAS HISTÓRICAS



MARTIN SCORSESE

DA MÁFIA À ARISTOCRACIA EM 20 ANOS DE HOLLYWOOD

LOUIS MALLE E STEPHEN FREARS

POR ELES MESMOS

JIM ABRAHAMS

O GOZADOR IMPLACÁVEL DE *TOP GANG 2 – A MISSÃO*

KANE HODDER

O CARNICEIRO **JASON** DE *SEXTA-FEIRA 13*

O ALVO

VAN DAMME

CORRE ATRÁS DA MAIOR BILHETERIA DE SUA VIDA

ISSN 0104-1592

VÍDEO GIGI, QUESTÃO DE HONRA, CYRANO, MARIDOS E ESPOSAS, A MEGERA DOMADA, CARNOSSAURO

adm/pidiak

JAPAN POP SOM

A Sanyo está trazendo para o Brasil um dos maiores sucessos musicais do Japão. O Compact System DC-D30. Com ele, você vai conhecer os grandes hits mundiais da tecnologia. Como o equalizador, que oferece um ajuste específico para cada estilo de música. São 8 opções pré-programadas e 3 programáveis, além de um visor digital que apresenta analisador de espectro com 5 modos de visualização. A gravação do CD para fita é totalmente computadorizada, com quatro formas diferentes de edição. E como parte do show, o Sanyo DC-D30 ainda oferece timer, sleep, wake-up (despertador), rádio digital AM/FM com 36 posições de memórias, entrada para microfone, toca-discos e videocassete ou videodisco. Sanyo DC-D30. A tecnologia traduzida em fidelidade, potência e decibéis.

SANYO

Muitos leitores provavelmente já estão gritando: "Oh, não, Van Damme de novo na capa de SET!" Mas há duas fortes razões para isso. A primeira é que *O Alvo*, seu novo filme, marca a estréia hollywoodiana do diretor chinês John Woo. Respeitadíssimo em seu país, principalmente por ter modificado a estrutura dos filmes de gângster e por trabalhar com ângulos de câmera inusitados, Woo – elogiado por diretores do calibre de Martin Scorsese, Oliver Stone e Quentin Tarantino – e *O Alvo* têm a tarefa de tirar Van Damme do quarto lugar na lista dos atores musculosos e elevá-lo à categoria de superastro no mercado americano.

O segundo motivo é que a outra grande estréia programada para este mês – a já aclamada *Época da Inocência*, de Martin Scorsese – foi adiada pela sua distribuidora brasileira para o início de 1994. Para suavizar a espera, antecipamos a publicação de uma sensacional entrevista com este diretor que já faz parte da história do cinema desde filmes como *Caminhos Perigosos* (73) e *Taxi Driver* (76), e que com a adaptação do romance de Edith Wharton desbrava temas e terrenos inéditos em sua obra.

Para dar a Scorsese o espaço que ele merece, deixamos de publicar nesta edição as seções *Mito* e *Freeshop*. Em dezembro elas voltam com tudo, podem esperar...

Fotos da capa: Jean-Claude Van Damme, Madonna (LFI); Martin Scorsese (Gamma-Sigla) e *Sexta-Feira 13* (Europa/Carol)

4 TAKES
Festival de festivais: Veneza, Toronto, Chicago, a Mostra Internacional de Cinema do Banco Nacional e as entrevistas com os ilustríssimos visitantes Louis Malle e Stephen Frears

16 O ALVO
O filmes mais ambicioso de Jean-Claude Van Damme e uma entrevista com o mestre chinês dos filmes de ação, John Woo

24 MARTIN SCORSESE
Uma conversa com o diretor se transforma numa verdadeira aula de cinema

32 ENTREVISTA
Jim Abrahams solta o verbo e detona os filmes que inspiram suas paródias

36 SEXTA-FEIRA 13 PARTE 9
Tudo sobre o último massacre do psicopata mais humilhado no cinema de terror

41 VIDEOLANÇAMENTOS
Cyrano, O Rei Pasmado e a Rainha Nua, Gigi, Camossauro, Maridos e Esposas e *Questão de Honra*

56 NOVOS FILMES
Lua de Fel, Olhos de Serpente, A Grande Família, Tina e *Super Mario Bros.*

62 CARTAS

64 FILMOGRAFIA

66 NOSTALGIA

TOOTSIE 2"

ADIVINHA QUEM...

A comédia *Mrs. Doubtfire* apresenta mais um ator hollywoodiano vestido de mulher: Robin Williams. Seu personagem está divorciando-se e, por estar desempregado, perde para a esposa (Sally Field) a guarda dos três filhos. Ocupada com sua intensa vida profissional, ela procura por uma babá. Ele tem a brilhante idéia de se disfarçar de tutora inglesa e... consegue o emprego!

DEPARDIEU OU NICHOLSON

À PROCURA DO DIVINO MARQUÊS

Y. Forestier-Sygma

O diretor Paul Verhoeven já está na ativa com o seu novo projeto: um roteiro que adapta a biografia do Marquês de Sade escrita por Maurice Lever. Para personificar o escritor apaixonado e furioso, os produtores cogitam dois nomes: Jack Nicholson ou Gérard Depardieu.

SPIELBERG X SPIELBERG

DINOSSAUROS DEVORAM E.T.

Além de ainda contar com *Tubarão* e *Os Caçadores da Arca Perdida* entre as dez maiores bilheterias de todos os tempos, Steven Spielberg conseguiu se superar. Onze anos depois de estourar a boca do balão com *E.T. – O Extraterrestre*, ele superou a marca, arrecadando até outubro, com *O Parque dos Dinossauros*, quase 705 milhões de dólares (*E.T.*, até hoje, teve uma bilheteria mundial de cerca de 701 milhões). A inflação ajudou: *O Parque* ainda não foi assistido por mais espectadores do que ...*E o Vento Levou* e *E.T.* Seu recorde, por enquanto, é apenas financeiro. Mas ele chega lá.

Ilustração: Speto

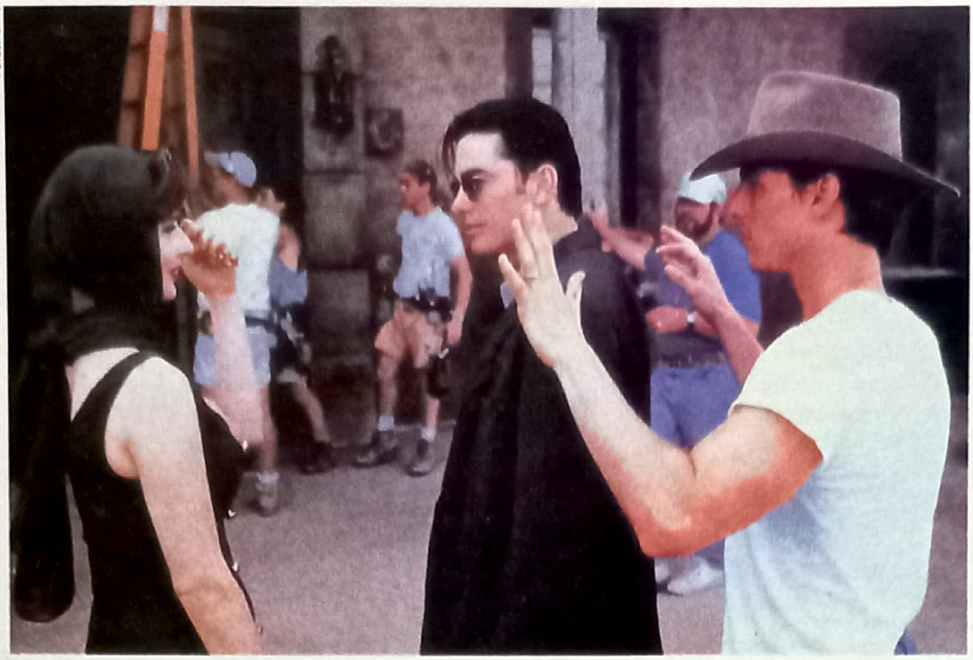
Stills

TRUE ROMANCE

CULT DE ENCOMENDA

Estreou em setembro, nos EUA, um dos candidatos a *cult* do ano, o grande sucesso *True Romance*, dirigido por Tony Scott (*Fome de Viver*) e com roteiro assinado por Quentin Tarantino (*darling* da mídia desde sua estréia com *Cães de Aluguel*). O elenco faz jus à badalação: protagonizado por Christian Slater e Patricia Arquette, a irmã de Rosanna em vias de se transformar na nova namoradinha da América. O filme conta ainda com as presenças de Dennis Hopper, Val Kilmer, Christopher Walken, Brad Pitt (recém-saído de *Kalifornia*, exibido nas mostras internacionais de cinema do Rio e de São Paulo deste ano) e um Gary Oldman (*Drácula*) rastafari. A história é mais uma variação do casal que, para ficar junto, pisa no calo de policiais e mafiosos, sendo obrigado a pôr o pé na estrada.

Fotos: Stills



ATORES NA DIREÇÃO

NOVATOS VETERANOS

Kevin Costner e Clint Eastwood não estão mais sozinhos. Cresce cada vez mais o número das estrelas do cinema que decidiram dirigir um filme. As inscrições mais recentes são quatro nomes conhecidos, entre eles uma lenda viva do cinema e a atual maior bilheteria do mundo.

Mel Gibson chegou na frente nessa leva de novatos dirigindo com segurança de veterano *The Man Without a Face*, drama difícil sobre um menino e seu professor particular desfigurado e misterioso, que valeu ao astro elogios rasgados.

Tom Cruise e Tom Hanks optaram por uma trilha ao mesmo tempo menos arriscada e mais estilizada, associando-se à nova série de TV *Fallen Angels* (ver SET nº 9, ano 7). Cada um ficou com um episódio: Cruise dirige "The Frightening Framis", com Isabella Rosselini e Peter Gallagher, e Hanks, o sombrio "I'll Be Waiting", estrelado por Bruno Kirby e Marg Helgenberger – o próprio Hanks faz uma aparição especial no papel mais assustador de toda a sua carreira.

Robert De Niro demonstrou categoria e conhecimento de causa com *A Bronx Tale*, a história da luta de um menino adolescente enquanto se decide entre o pai honesto, trabalhador mas pobre (De Niro) e o gângster poderoso Chazz Palminteri (também autor do roteiro).

Outros nomes de menos calibre também entraram na onda: Morgan Freeman dirigiu *Bopha!*, história de um policial da África do Sul cujo filho se recusa a seguir os passos do pai; Gregory Hines, *White Man's Bruden*, filme independente e de baixo orçamento sobre relações inter-raciais em Nova York; e o durão Steven Seagal debuta com *On Deadly Ground*, em que faz um ecologista que luta contra uma companhia petrolífera no Alaska. E, por fim, Diane Keaton, que em 1987 fez o documentário *Heaven,* estréia com o longa *Pet People*, sobre uma família cujos animais domésticos magicamente se tornam humanos.

Acima, Tom Hanks aprontando no set e, no alto, Tom Cruise dirigindo Peter Galagher e Isabella Rosselini

THE JOY LUCK CLUB

O ORIENTE NA AMÉRICA

Está em cartaz nos EUA o filme que a imprensa acredita vá mudar a imagem dos asiáticos residentes lá. *The Joy Luck Club*, adaptação do romance homônimo de Amy Tan, fala das relações de quatro chinesas e suas respectivas filhas nascidas em solo americano. Num momento em que obras asiáticas conquistam o reconhecimento no circuito internacional – como o Urso de Ouro no Festival de Berlim dado ao tailandês O Banquete *de Casamento* (em cartaz em São Paulo) – , o diretor Wayne Wang se afirma como um dos maiores nomes desta "nova onda". Quem quiser conhecer outras obras de Wang pode assistir, em vídeo, a duas produções inéditas: o estiloso Dança*ndo com o Perigo* (1987) e o elogiado *Por uma Xícara de Chá* (1989).

Da esquerda para a direita: Val Kilmer, Sam Elliott, Kurt Russell e Bill Paxton

NO VELHO OESTE...

DUELO HISTÓRICO

Os americanos já estão assistindo a *Tombstone*, sobre o lendário Wyatt Earp e um dos mais famosos duelos da história do Oeste americano – o confronto em O.K. Corral (ocorrido em outubro de 1881). Earp é interpretado por Kurt Russell, e seus irmãos, Morgan e Virgil, respectivamente por Bill Paxton e Sam Elliott. Doc Holliday é Val Kilmer.

Além de *Tombstone*, está em andamento o novo projeto de Walter Hill, drama histórico escrito para as telas por John Milius e Larry Gross. Ainda sem título e previsto para estrear no Natal, narra os meses que antecederam à rendição do lendário apache Gerônimo (Wes Studi, de *O Último dos Moicanos*), em 1886. No elenco, Jason Patric, Robert Duvall e Gene Hackman.

Clint Eastwood está na melhor fase de sua carreira: depois dos Oscar de *Os Imperdoáveis*, o sucesso de *Na Linha de Fogo* e a volta à direção com *A Perfect World*, seu nome foi confirmado para presidir o júri do Festival Internacional de Cinema de Cannes do próximo ano.

Sônia Braga e Cacá Diegues vão transformar *Tieta do Agreste*, de Jorge Amado, em filme. O roteiro está sendo escrito por Cacá e João Ubaldo Ribeiro. As filmagens começam no início de 1994.

A Record brinda os fãs de *Twin Peaks* com uma reprise da série. A partir de 9 deste mês, os 32 capítulos estarão no ar todas as terças-feiras. Infelizmente, em versão dublada.

CASAIS

UNIÕES MILIONÁRIAS

Se em seu mais novo filme *Angie, I Say*, Geena Davis é uma mãe solteira que reanalisa sua vida e suas motivações, na vida real, no entanto, já está muito bem encaminhada – Davis se casou no mês de setembro com o diretor Renny Harlin (*Risco Total*), com uma cerimônia estimada em 700 milhões de dólares. Como Hollywood é uma Babilônia de relações, a ciranda passional não pára por aí. Michelle Pfeiffer anunciou em setembro que arranjou um pai para a filha adotiva Claudia Rose, de seis meses: o produtor de TV David Kelley, cuja união será oficializada no próximo verão americano. Depois de Michelle e do casamento e a (suposta) gravidez inesperada de Julia Roberts com o cantor Lyle Lovett, duas outras atrizes estão na porta da igreja: Daryl Hannah há muito roubou o coração de John F. Kennedy Jr., cujo casamento será na casa de Schwarzenegger; enquanto isso, Winona Ryder trocou Johnny Depp por David Pierne, da banda Soul Asylum. Os diretores também não ficam atrás: enquanto Spike Lee se casou em 2 de outubro com a procuradora de Justiça Tanya Lewis, Martin Scorsese não desgruda de Ileana Douglas, atriz que ele revelou em *Cabo do Medo*.

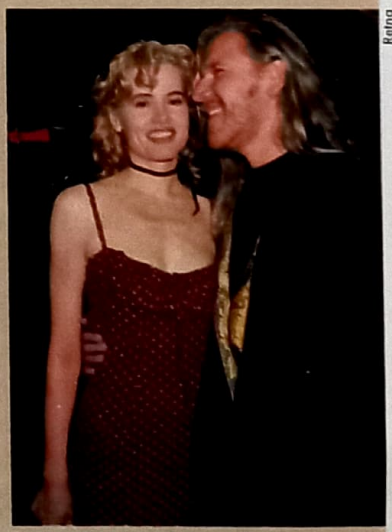
LFI

Michelle Pfeiffer e David Kelley

Daryl Hannah e Kennedy Jr.

LFI

Winona Ryder e David Pierne



Retna

Geena Davis e Renny Harlin

Carlos Figueira

David Silverman, diretor de animação dos *Simpsons*, no Rio

ANIMAÇÃO
VITRINE DE FERAS

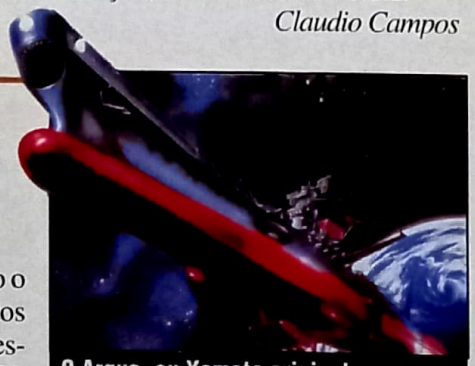
A Anima Mundi, mostra internacional de animação, realizada no final de agosto no Centro Cultural Banco do Brasil, trouxe ao Rio de Janeiro um panorama do que está sendo produzido no Canadá, EUA, Inglaterra, Holanda e Rússia, além do heróico esforço nacional. Um dos homenageados foi o veterano Stil, que fez seu primeiro filme, *Batuque* (1970), em papel de embrulho e em transparências de vidraças.

Mais do que um simples festival de curtas de animação, a mostra foi uma celebração ao atual *boom* do gênero e de seu reconhecimento como uma arte que une sensibilidade, imaginação e técnica. O evento, inédito na América Latina, foi organizado pelos animadores Cesar Coelho, Aida Queiroz, Léa Zagury e Marcos Magalhães, diretor do célebre *Meow*, laureado em Cannes, em 1982. Dois grandes nomes internacionais foram os convidados especiais: o holandês Paul Driessen, de *Submarino Amarelo* (1967), e o americano David Silverman, o homem por trás dos imprevisíveis ângulos dos *Simpsons*, e que está desenvolvendo *The Critics*. Segundo ele, "a série é sobre um bem-sucedido crítico que trabalha num programa sobre cinema, tem ex-mulher, um filho e seu melhor amigo é um ator australiano meio Mel Gibson, meio Crocodilo Dundee".

Os vídeos e filmes apresentados mostraram as mais diversas técnicas, como as animações de bonecos de massa, que predominaram na seleção inglesa, ou os inacreditáveis efeitos de computação gráfica dos americanos, com destaque para o curta *Monalisa Descending a Staircase*, vencedor do Oscar de 1993, e que dão a pista do que é a próxima fronteira da animação, ou a realidade virtual.

Claudio Campos

ANIMAÇÃO 2
REVIVAL À JAPONESA


O Argus, ou Yamato original, concebido por Reiji Matsumoto

Uma onda de *revivals* vem agitando o público japonês. Desenhos animados criados especialmente para vídeo resgataram velhos heróis de séries de TV, como o Robô Gigante e o Vingador do Espaço. Outro herói, o Oitavo Homem, ganhou uma nova animação e um longa em *live action* para cinema. Mas o mais aguardado retorno é o do desenho *Encouraçado Espacial Yamato*, conhecido nos EUA como *Star Blazers* e no Brasil como *Patrulha Estelar*, que está sendo desenhado por Syd Mead, o criador das máquinas e cenários de *Blade Runner*, *2010*, *Aliens – o Resgate*. A nova saga está em produção e deve sair no ano que vem. No Japão, é claro.

Alexandre Nagado

TRAILER
BREVE NUM CINEMA PERTO DE VOCÊ

A presença do astro **MACAULAY CULKIN** viabilizou a realização de *The Nutcracker*, transposição para as telas da bela coreografia do The New York City Ballet, sob a direção de **EMILE ARDOLINO** (*Dirty Dancing*). O astro está entusiasmado com este novo desafio. Será certamente o filme-dança de maior bilheteria da história, e um dos mais baratos (10 milhões de dólares) a ser protagonizado por Culkin. Além da coreografia de George Balanchine, com partitura de Piotr Tchaikovsky, haverá efeitos especiais da Industrial Light & Magic.

Romeo is Bleeding pode ser descrito como *Os Bons Companheiros* sob a ótica de Goethe. É uma fábula *dark* sobre o desejo, a traição e o terrível cotidiano da polícia de Nova York. **GARY OLDMAN** é um policial que joga nos dois lados da lei, assim como se relaciona na boa com esposa (**ANNABELLA SCIORRA**) e amante (**JULIETTE LEWIS**). A aparente harmonia se desintegra com a presença de uma assassina (**LENA OLIN**). O universo retratado faz parte do mundo que o diretor **PETER MEDAK** tão bem registrou em filmes como *O Segredo de uma Sentença* (1990) e *Os Implacáveis Krays* (1991).

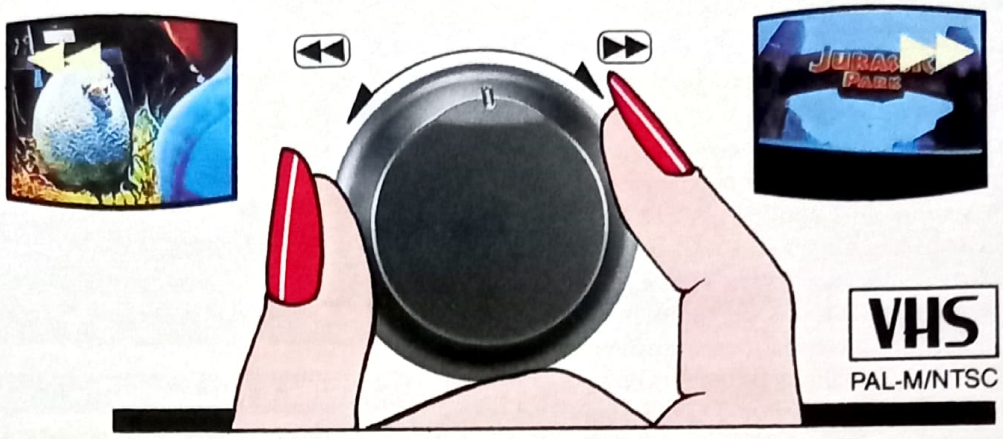
A peça já foi encenada em São Paulo, com o nome *Seis Graus de Separação*. Escrita em 1990 por John Guare, *Six Degrees of Separation* fez grande sucesso ao captar à perfeição o espírito nova-iorquino, enriquecendo com subtramas a história real de jovem negro que se apresentou à sociedade como filho de Sidney Poitier, conquistando fama às custas da "mentira". No elenco da versão para o cinema, dirigida por **FRED SCHEPISI** (*Um Grito no Escuro*), estão **DONALD SUTHERLAND**, **STOCKARD CHANNING**, **WILL SMITH** (*Feita por Encomenda*), **MARY BETH HURT** e **BRUCE DAVISON**.

JIM SHERIDAN trabalha novamente com o ator **DANIEL DAY-LEWIS**. Depois de tê-lo presenteado com *Meu Pé Esquerdo*, filme que deu a Lewis o Oscar de melhor interpretação masculina, Sheridan o dirige em *In the Name of the Father*, sua primeira produção para um grande estúdio americano. É a história real de Gerry Conlon, jovem irlandês que permaneceu 15 anos preso por um ato terrorista que não cometeu. A também oscarizada **EMMA THOMPSON** interpreta a advogada que tenta libertar Conlon.

O diretor **HUGH WILSON** (*Carruagens de Fogo*) garante que *Guarding Tess* não é um *Na Linha de Fogo*, o novo sucesso de Clint Eastwood. Antes de mais nada, trata-se de uma comédia. A história, de qualquer forma, tem semelhanças. Neste caso, **NICOLAS CAGE** é um agente do Serviço Secreto que é contratado para proteger uma ex-Primeira Dama (**SHIRLEY MACLAINE**). A química entre os dois atores, dizem, é explosiva.

RECURSOS FANTÁSTICOS COM UM SIMPLES MOVIMENTO.

Em cada modelo de videocassete Panasonic você tem uma emocionante experiência.
O Super Jog e o Shuttle permitem controlar a maioria dos modos de reprodução e efeitos com um simples movimento.
Com a "Busca Rápida", por exemplo, você pode checar a cena que está sendo exibida simplesmente girando o Super Shuttle.
Os videocassetes Panasonic também oferecem a você muitos outros recursos fantásticos. É realmente a evolução com facilidade de operação.



VHS
PAL-M/NTSC

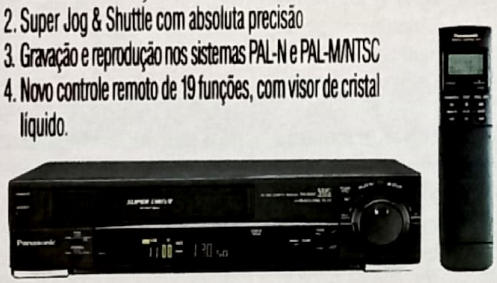
SUPER DRIVE SYSTEM

NV-SD10BR

1. Sistema de 4 cabeças de vídeo
2. Super Shuttle com absoluta precisão
3. Gravação e reprodução nos sistemas PAL-M/NTSC
4. Função Quase-Reprodução nos sistemas PAL-N/B/G
5. Sistema de imagem de alta qualidade
6. Limpeza automática das cabeças
7. Controle remoto simplificado
8. Tampa superior à prova de poeira

NV-SD20BR

1. Sistema de 4 cabeças de vídeo
2. Super Jog & Shuttle com absoluta precisão
3. Gravação e reprodução nos sistemas PAL-N e PAL-M/NTSC
4. Novo controle remoto de 19 funções, com visor de cristal líquido.



NV-HD100BR

1. Sistema de som Hi-Fi estéreo
2. Funções Super Jog & Shuttle
3. Gravação e reprodução nos sistemas PAL-N e PAL-M/NTSC
4. Novo controle remoto de 20 funções, com visor de cristal líquido.

Produtos Importados À venda na Zona Franca de Manaus

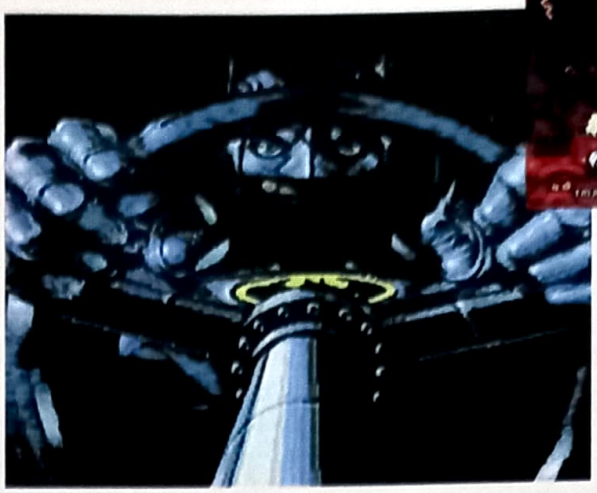
Panasonic

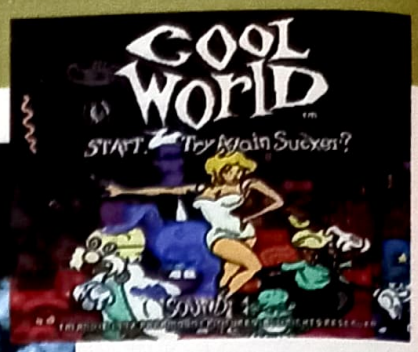
GAMES

CINEMA EM CARTUCHO

Todo filme que se preze tem uma versão em livro ou em trilha sonora. Mas pode incluir outro produto na sua lista de cinemaníaco colecionador: videogame. A indústria mundial de jogos eletrônicos está cada vez mais em sintonia com o cinema, lançando games que se baseiam em bem-sucedidos roteiros. O legal é que você não fica passivo e pode conduzir as histórias de várias maneiras, jogando e participando como um integrante do elenco. E qualquer filme entra na jogada: drama, comédia, terror. Dá pra viajar de montão!

Ivan David Silva





No sentido anti-horário: *Família Addams*, *Aladdin* e *Alien*³. Ao alto, *Batman Returns*

DEZ BOAS DICAS DE GAMES CINEMATOGRÁFICOS

Sugerimos alguns games animalescos. Mate sua curiosidade e divirta-se

ALIEN³ – A melhor versão é a do console do Super NES, mas saiu também para Mega Drive, Nintendo e Master System. O jogo tem várias fases em que você tem pouco tempo para libertar prisioneiros das garras dos aliens. Muita ação e suspense.

BATMAN RETURNS – É bastante fiel ao roteiro do filme. O jogador comanda Batman, que deve descer o braço em Pingüim e seus capangas. Pintou para Mega, Nintendinho e Master System, mas a versão para Super NES é disparadamente melhor.

JURASSIC PARK – O massacrante marketing da superprodução de Spielberg acabou nos proporcionando um baita game de aventura, principalmente em Mega Drive e Sega CD, onde os dinossauros ficaram graficamente perfeitos. Mas existem também as versões para Super NES e Nintendo.

WAYNE'S WORLD – Tão engraçado quanto o filme. Bobagem em cima de bobagem. Wayne empunha uma guitarra desafinada, cujos acordes terríveis detonam os inimigos. Obrigatório! Só saiu para Super NES.

COOL WORLD – Tão cabeça quanto o filme. Os gráficos são animalescos, maravilhosos. O jogo é difícil pacas, mas vale a pena. Kim Basinger aparece mais gostosona que na vida real.

ALADDIN – Em sintonia com os finos traços dos desenhos animados de Walt Disney, *Aladdin* apresenta os mais belos gráficos do Mega Drive. A versão de Super NES também debulha.

THE ADDAMS FAMILY – *The Addams Family*, do Super NES, é muito mais interessante que a versão do cinema. Os gráficos são impressionantes, com cenários perfeitos e animação impecável.

BRAM STOKER'S DRACULA – Tem versão para Super NES, Mega Drive e Game Gear, mas a que mais promete mesmo é a de Sega CD. Em compact disc, o jogo se tornou perfeito, usando até imagens do próprio filme.

INDIANA JONES AND THE FATE OF ATLANTIS – É a quarta parte da série que não existiu na grande tela. Várias seqüências do game são cine-ma puro. Um dos maiores charmes desta clássica "adventure" para PC é ser uma mistura de filme com jogo. Com um detalhe importante: é interativo, tornando cada aventura um filme todo particular.

TERMINATOR 2 – Pintou para PC, Mega Drive e Nintendo. Para bancar o Arnold Schwarzenegger na versão do Mega, você precisa jogar com a Menacer, um acessório que simula uma pistola de verdade. Os gráficos não são nota dez, mas têm altas imagens digitalizadas. Ah! *Terminator 2* aparece em arcade também, só que em forma de pinball. Demais!

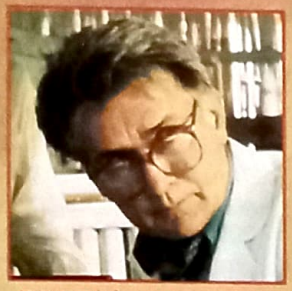
SE VOCÊ QUER ASSISTIR UM FILME COM MUITA AÇÃO, NÓS TEMOS O FILME CERTO!

MATT SALINGER
A Revanche dos Nerds,
Capitão America

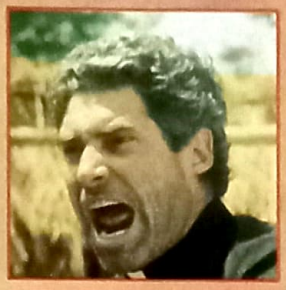
MICHAEL IRONSIDE
Scanners, Highlander II, Top Gun,
O Limite da Traição, Rosa de Fogo,
O Vingador do Futuro

HAING S'NGOR
Oscar de Melhor Ator Coadjuvante
em "Os Gritos do Silêncio",
Triângulo de Ferro

UM SUPER-ELENCO,
NUMA SUPER-PRODUÇÃO
QUE VAI DE ENCONTRO
AO SEU
SUPER-BOM GOSTO.



MARTIN SHEEN
Apocalypse Now, Wall Street,
A Travessia de Cassandra,
Império do Sol, Gandhi,
A Hora da Zona Morta



MICHAEL NOURI
Flashdance

SAM JENKINS
Fogueira das Vaidades,
Ed e Sua Mãe Morta

**NAS ARDENTES SELVAS
DO CAMBODJA,
UM HOMEM TENTA MODIFICAR
UM MUNDO TOTALMENTE
SEM LEI!**

FORTUNAS DA GUERRA

**Em Todos Os Campos de Extermínio, Encontramos as Sementes da Oportunidade,
Onde a Morte de Um, é a Salvação de Outro.
Um filme com ação do começo ao fim, retratando o sub-mundo cruel e selvagem da guerra.**

JÁ NA SUA LOCADORA

SUNSET FILMES

SPECIAL DISTRIBUIDORA DE FILMES LTDA.
Rua Curupá, 873-A - Tatuapé - 03355-010 - São Paulo SP
CENTRAL DE ATENDIMENTO
Telefone: (011) 918-4696 - *TRONCO CHAVE* - Fax: (011) 911-8421

RAM 262-4046

AÇÃO - 1993

Volta ao Mundo

Em quatro cidades diferentes, uma panorâmica da produção internacional de cinema, onde se destacam os filmes feitos longe de Hollywood

• RIO DE JANEIRO

SELETA INTERNACIONAL

A Mostra Banco Nacional de Cinema deste ano foi muito mais uma maratona de pré-estréias, trazendo para os cinéfilos cariocas e paulistas uma seleta dos festivais internacionais com filmes que fatalmente entrarão no mercado, do que as surpresas cinematográficas que marcaram as edições anteriores. Tirando o estranhíssimo e surpreendente cinema vindo do Irã, a Mostra foi um termômetro de uma certa calmaria que marcou o cinema mundial entre 1992 e 1993, com muitos filmes bons mas pouca coisa realmente impactante.

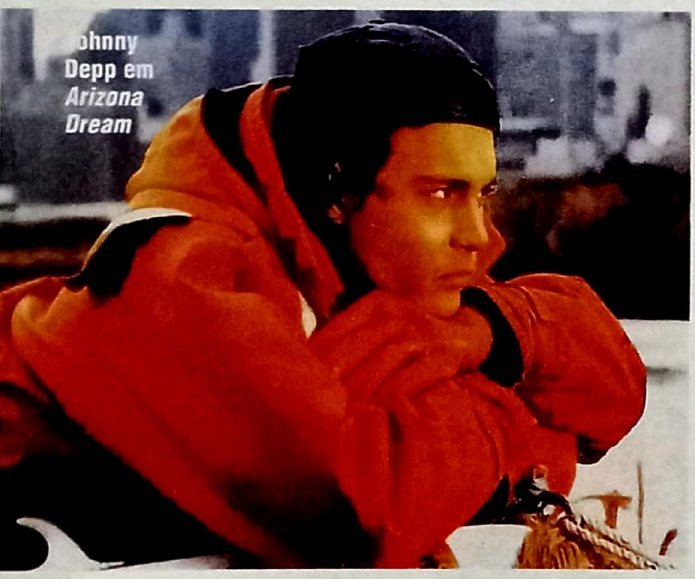
O casamento e a família foram um tema recorrente nos filmes da Mostra, que (sinal da Aids?) defenderam a vida a dois em filmes descabeladamente românticos e deliciosos como *Sintonia de Amor*, de Nora Ephron, ou *Banquete de Casamento*, comédia gay-familiar.

Romantismo e homossexualismo, desta vez feminino, marcam o filme *Diário Roubado*, de Cristine Lipinska, produção francesa com o frescor juvenil de um filme de Truffaut, ousado no tema mas absolutamente convencional no tratamento cinematográfico. A ousadia formal supreende mesmo no vietnamita *O Cheiro de Papaia Verde*, de Than Anh Hung, de uma plasticidade singular em que o drama familiar e as relações de classe são pano de fundo para um sutil ensaio sobre a descoberta do amor. Fechando a harmonia conjugal, o inofensivo *Escrito nas Estrelas*, de Percy Adlon.

Nos filmes desta mostra, a santa família, hetero ou homossexual, só entra em pane em filmes bem mais radicais como *Arizona Dream*, de Emir Kusturica, e em duas pequenas obras-primas: *Lua de Outono*, de Clara Law (Leopardo de Ouro no Festival de Locarno de 1992) e *Noite e Dia*, de Chantal Ackerman. Completando o ciclo dos choques e crises, *Corpos em Movimento*, de Michael Steinberg. Na trilha do desencontro e das crises, *Naked*, do inglês Mike Leigh (Palma de Ouro em Cannes de 1993) e *Equinox*, do canadense Alan Rudolph, suspense filosófico cheio de humor.

A família anos 90 e todo o aprendizado de tolerância e convivência com diferenças radicais aparece no inspirado filme *A Grande Família de Stephen Frears* (ver matéria em *Novos Filmes*). Também é o nascimento de um bebê que desencadeia, de forma mais furiosa e sem qualquer humor, o sentimento anti-institucional e anti-familiar de Peter Greenaway em *O Bebê de Macon*, que merece ser visto como uma proposta radical que leva às últimas conseqüências a relação do cinema com o teatro.

Ivana Bentes


Johnny Depp em *Arizona Dream*

• CHICAGO

EM CENA, OS LATINOS

A obra da diretora, atriz e produtora paulista Eliana Fonseca foi um dos destaques do 9º Festival Latino de Chicago, Estados Unidos, que se realizou entre os dias 24 de setembro e 7 de outubro. Além do programa especial com cinco curtas-metragens de Eliana (*Epopéia*, *Esconde, Esconde*, *Frankenstein Punk*, *A Revolta dos Canudos* e *Dove é Meneghetti*), a participação brasileira incluiu ainda *Perfume de Gardênia*, de Guilherme de Almeida Prado, e *Capitalismo Selvagem*, de André Klotzel. O festival, dirigido pelo colombiano Pepe Vargas, cresce a cada edição e este ano teve orçamento de 500 mil dólares e um público de 20 mil pessoas.

Com a exibição de cerca de oitenta filmes (entre curtas e longas), procedentes da América Latina, o festival ofereceu um raro panorama do cinema latino-americano. Por exemplo, a prolífica produção do México – maior produtor atualmente da América Latina, com trinta filmes por ano – e a diversidade de temática do cinema argentino, que vem em segundo lugar, com aproximadamente quinze filmes anuais.

Entre os destaques, o mexicano *Vida Conjugal*, do jovem realizador Carlos Carrera, comédia sobre a vida de um casal burguês, da juventude à velhice, e o argentino *Tango Feroz*, primeiro filme de Marcelo Piñeyro, sobre o cantor de rock Tanguito, falecido aos 26 anos. Em cartaz há vários meses em Buenos Aires, o filme – premiado no Festival de San Sebastian, Espanha – já é a maior bilheteria da história do cinema argentino. E ainda o peruano *La Vida Es Una Sola*, de Marianne Eyde, corajosa abordagem sobre o sofrimento de uma aldeia indígena, espremida entre a pressão "revolucionária" da organização Sendero Luminoso e a repressão militar.

Helena Salem

• TORONTO

NADA DE NOVO

Três prêmios de júri, um prêmio de público e outro dado pela imprensa foram distribuídos aos vencedores selecionados entre os 299 filmes de 46 países apresentados no 18º Festival dos Festivais, realizado em Toronto, Canadá, de 9 a 18 de setembro.

As diferentes escolhas demonstram que não houve unanimidades em Toronto. O júri oficial escolheu *Save my Los Nigga' Soul*, de Clement Virgo, como o Melhor Curta e *Me, Mom and Mona*, de Mina Shum, como o Melhor Documentário canadense. O prêmio Toronto City, dado ao

***O Bebê de Macon*, proposta radical de Peter Greenaway, que leva às últimas conseqüências a relação cinema e teatro**

Melhor Longa-Metragem foi para *Kanehsatake: 270 Years of Resistance*, da Veterana Alanis Obomsawin. Para os mais de seiscentos jornalistas reunidos no festival, o Melhor Filme foi *Naked*, de Mike Leigh (sensação no início do ano em Cannes), com *The Piano* (de Jane Campion) e *Trois Couleurs: Bleu* (de Krzusztof Kielowski) empatados em segundo lugar. O filme de Campion também conquistou o segundo lugar – ao lado de *A Bronx Tale*, a estréia de Robert De Niro como diretor – do prêmio de público dado pela cervejaria Carlsberg, patrocinadora do festival. O primeiro lugar ficou com *A Grande Família de Stephen Frears* (*The Snapper*). A crítica elegeu como seu favorito a estréia de Forest Whitaker como diretor – *Strapped*, exibido nos Estados Unidos pela rede de TV a cabo Showtime.

José Emilio Rondeau

• VENEZA

ESTRELAS OFUSCADAS

O Festival de Veneza fez uma grande festa para comemorar seus 50 anos. De 31 de agosto a 11 de setembro, reuniu no Lido um elenco de astros e estrelas. Lá estiveram Harrison Ford, Michelle Pfeiffer, Daniel-Day Lewis, John Malkovich, Winona Ryder, só para citar alguns nomes. Foram ofuscados, no entanto, pelo respeitável time de diretores reunido pelo curador do evento, o cineasta Gille Pontecorvo, a quem se deve o clássico político *A Batalha de Argel*. Pontecorvo conseguiu realizar o seu sonho: um simpósio de diretores – reunindo quase quatrocentos, vindos de todo o mundo – para discutir o direito de autor cinematográfico. Como o público não se interessa muito por esse tipo de discussão e prefere o *glamour*, Pontecorvo teve uma atitude ousada: abriu a mostra de Veneza à participação de Hollywood. Para não comprometer a disputa do tradicional Leão de Ouro, confinou o luxo hollywoodiano a uma seleção paralela, a que chamou Notti Veneziane.

Steven Spielberg, num golpe de mestre, virou a sensação das noites ao devolver a Pontecorvo o Leão de Ouro – recebido pelo *A Batalha...* – que o cineasta leiloou para pagar o simpósio. A nostalgia ficou por conta de Dies Irae, uma seleção de filmes de 1943, lembrando o ano em que a guerra parou o festival. E houve ainda outra seleção voltada à produção de vanguarda, Finestra Sull' Imnagine. A "janela para a imaginação" mostrou novos filmes, curtas e médias – de Werner Herzog, Nikita Mikhalkov e Kenneth Branagh. Na seleção oficial, o júri presidido por Peter Weir, do qual participou Nelson Pereira dos Santos, não descobriu o filme que valesse sozinho o Leão de Ouro. Dividiu o prêmio entre *Trois Couleurs: Bleu*, de Kristoff Kieslowski, e *Short Cuts*, de Robert Altman. O filme de Kieslowski reabilita o diretor do semi-fracasso de *A Dupla Vida de Veronique*. Merecia sozinho o troféu. Nada a objetar à vitória de Juliette Binoche como melhor atriz. Está extraordinária no poema musical-cinematográfico de Kieslowski. Para quem procura candidatos a *cult movie*, Veneza proporcionou uma descoberta muito especial: o *thriller Kalifornia*, espécie de *Easy Rider* dos anos 90.

Luiz Carlos Merten

Se A Sua Paixão É Cinema, Ligue O Rádio.

CINE ALPHA

EM CARTAZ TODO SÁBADO DAS 17 ÀS 18 HORAS

ALPHA FM

101,7 Mhz

FREQÜÊNCIA DE CLASSE

Você vai saber tudo o que acontece nos principais centros cinematográficos do mundo. Vai ficar em dia com as estréias e os filmes em cartaz. E vai ouvir trilhas sonoras inesquecíveis.

OFERECIMENTO

REVISTA SET CINEMA & VÍDEO

À Moda Européia

Louis Malle e Stephen Frears, presentes na Mostra de Cinema do Banco Nacional, discutem as diferenças entre fazer cinema nos Estados Unidos e na Europa

STEPHEN FREARS

O diretor inglês é simpático, porém dono de poucas palavras, como seu cinema que também não se prolonga em discursos dispensáveis. É enxuto e econômico. Embora consciente social e politicamente, ele trabalha apenas com roteiros de terceiros. Mesmo assim, é a sua visão de mundo e a sua maneira de sentir que se manifestam com mais força.

Frears experimenta agora uma nova ousadia dirigindo com grande orçamento mais uma trama de época, *Mary Reilly*, sobre a criada do dr. Jekyll, o lado bom de *O Médico e o Monstro*.

O que o levou a filmar *A Grande Família*?

Eu fiz o filme porque o roteiro me fez rir! Eu me diverti muito. É tão bem escrito, tão cheio de coisas acontecendo. Acho que eu queria fazer um filme sobre aquele tipo de gente. E Dublin é uma cidade muito bonita. Adoro a cerveja de lá.

Há alguma diferença dramática ou estilística entre seus filmes britânicos e seus trabalhos hollywoodianos?

Se você está gastando muito dinheiro, como numa grande produção americana, você tem que ter a certeza de estar fazendo um filme para um público imenso. Um filme como *A Grande Família* está muito mais próximo da vida, é muito mais rápido e agitado.

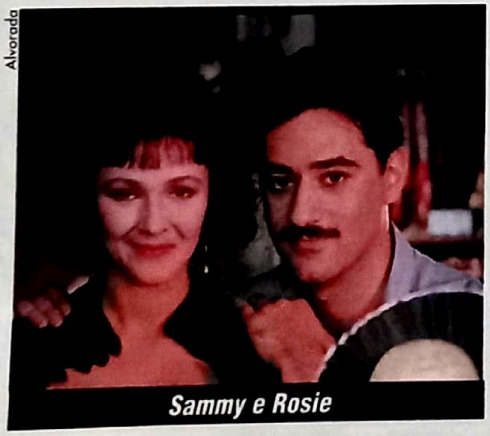
A intolerância, social em *A Grande Família*, sexual, como em *O Amor não Tem Sexo*, e racial, como em *Sammy e Rosie* e *Minha Adorável Lavanderia*, é muitas vezes o tema central dos filmes. Como você os vê, sob este ponto de vista, em comparação com os dos novos cineastas negros americanos, especialmente Spike Lee?

Seria ridículo se eu tentasse fazer filmes como os de Spike Lee. Ele pertence a uma minoria, e sabe perfeitamente bem o que significa ser negro na América. Eu sou branco, britânico e de classe média. Eu não tenho grandes problemas. O que eu tenho é uma espécie de identificação emocional com problemas raciais.

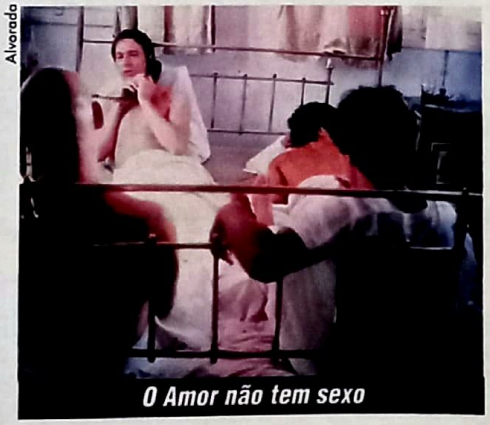
Qual foi a grande lição do seu tempo de televisão e do trabalho como assistente de cineastas como Karel Reisz e Lindsay Anderson?

Na TV, aprendi a fazer filmes. Eu fazia três por ano. Você aprende o jargão dos técnicos, o ritmo das coisas e, principalmente, aprende a não se assustar com a quantidade de problemas que surge. Com Karel Reisz, eu aprendi que as histórias devem vir da vida e que o que você faz deve ser medido pela vida, e não por padrões estéticos.

Sygma


Alvorada

Sammy e Rosie


Alvorada

O Amor não tem sexo

Paris

Minha Adorável Lavanderia

LOUIS MALLE

Ele não é, nem nunca foi, um cineasta ligado à Nouvelle Vague francesa. Muito pelo contrário, se lançou mundialmente com *Os Amantes* (1958), cronologicamente anterior ao advento da nova onda (início da década de 60). E nunca foi crítico da *Cahiers du Cinema*.

Louis Malle, que acabou de completar 61 anos de idade no dia 30 de outubro, transmitiu o seu universo de valores honestos na forma de comédias, melodramas, policiais, delírios surrealistas e até em um bom número de documentários. É, em suma, uma pessoa eternamente curiosa.

Aproveitando a temporada no Brasil, visitou, entre outros lugares, Ouro Preto em busca de sua arquitetura e degustação típicas. É um artista que não concebe a idéia de ficar parado. Melhor para nós.

Você é mais ou menos contemporâneo do Cinema Novo e várias vezes demonstrou admiração pelo cinema brasileiro.

Nos anos 60, foi um impacto muito grande para todos nós que fazíamos cinema na Europa ver filmes como *Deus e o Diabo na Terra do Sol* ou *Vidas Secas*. Quase todo mundo na França, naquele tempo, procurou aprender alguma coisa sobre cinema com aqueles filmes magníficos. Além disso, vários cineastas brasileiros passaram períodos na Europa. Foi o caso de Glauber Rocha e Carlos Diegues, por exemplo. Eu cheguei a conversar com o Nelson Pereira dos Santos sobre a possibilidade de fazer o papel principal de *Como Era Gostoso o meu Francês!*.

Vários de seus filmes – por exemplo, *Lacombe, Lucien* ou *Loucuras de uma Primavera* – se passam em momentos críticos da história da França (1944, 1968), e seus personagens são sempre pessoas comuns que, por causa desses eventos históricos, vêem seu dia-a-dia ser transformado.

Stills

Eu gosto de criar tramas que levem os personagens a alguma forma de limite. E é sempre algo exterior a nós, seja a história, seja uma paixão, que nos leva a essas situações. Acho que é em situações de limite que o ser humano se revela. Antes disso, estamos sempre construindo nossa própria imagem.

Há alguma diferença essencial entre seus filmes americanos e franceses?

Acho que sou um caso raro de cineasta europeu de língua não inglesa que se move razoalvemente bem nos EUA. Por outro lado, acredito que ninguém consegue ser totalmente bilíngüe. Para mim, é sempre mais difícil dirigir atores e avaliar seus trabalhos em in-glês. Mas meus projetos mais pessoais são feitos na França. Meus filmes americanos, como *Atlantic City* (para mim, meu melhor filme americano), são sempre mais metafóricos.

Desde *Os Amantes* (1958) até *Perdas e Danos*, o sexo é uma parte importante da sua obra. O que você acha de *Instinto Selvagem*, que usa o sexo como propulsor de ações muito violentas?

Sempre procuro tratar o sexo com a mesma honestidade com que trato a política ou a história. Sempre tento mostrar o sexo com o papel que ele tem na vida de todo mundo. Filmes como *Instinto Selvagem* não me agradam porque o sexo é objeto de espetáculo. Você pode ou não gostar de *Perdas e Danos*, mas tem que admitir que o sexo é tratado como uma coisa humana, é um casal que se entrega sem meandros a uma relação carnal e fulminante. Isto me agrada.

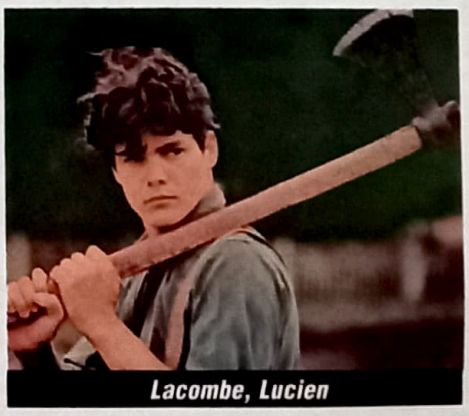
David França Mendes

Paris

Perdas e Danos

Fox

Adeus Meninos



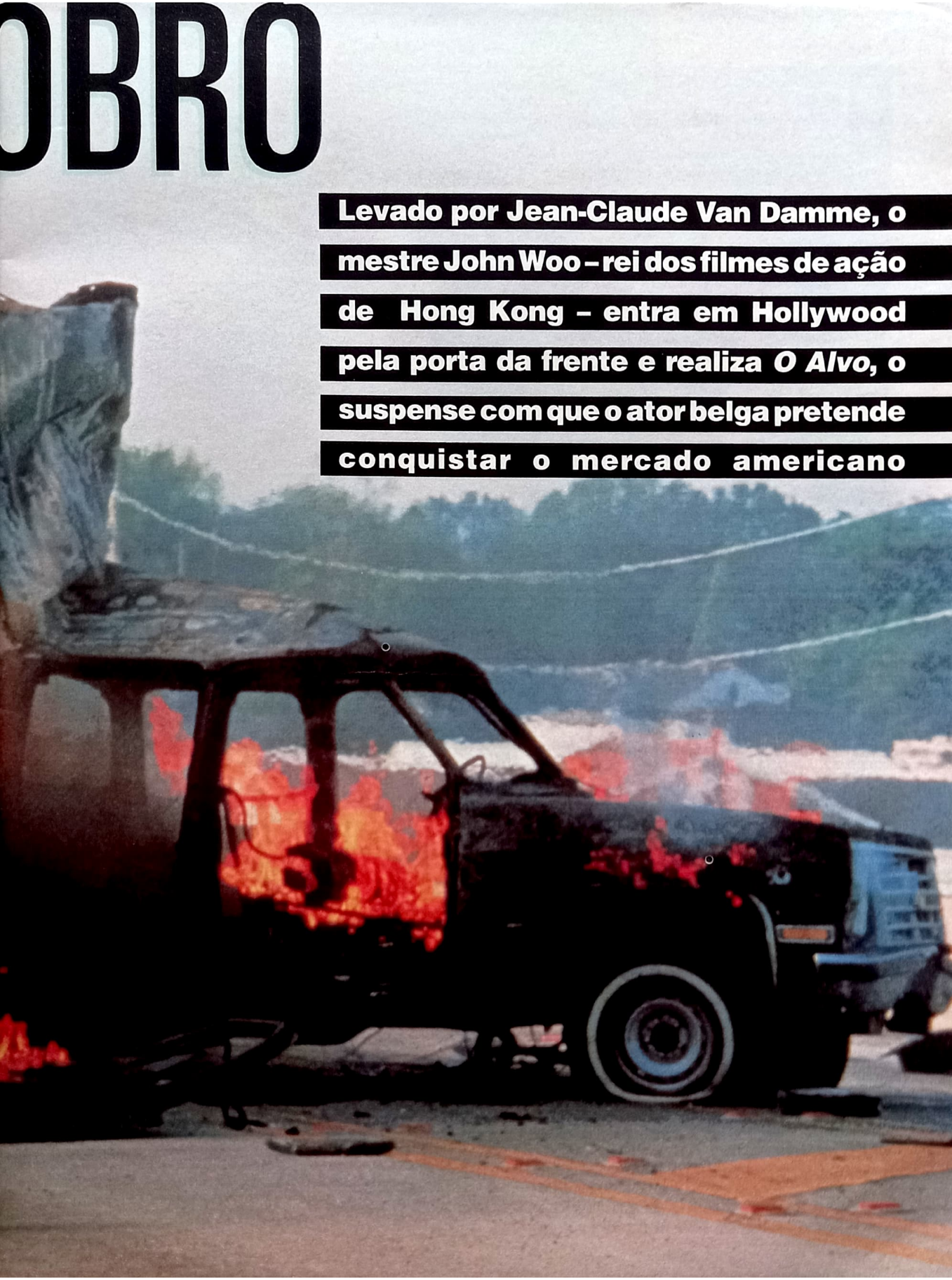
Lacombe, Lucien

JUSTIÇA EM D

Melissa Moseley

OBRO

Levado por Jean-Claude Van Damme, o mestre John Woo – rei dos filmes de ação de Hong Kong – entra em Hollywood pela porta da frente e realiza *O Alvo*, o suspense com que o ator belga pretende conquistar o mercado americano



Ocupando o quarto lugar na lista dos machões do cinema (atrás de Arnold Schwarzenegger, Steven Seagal e Sylvester Stallone) e sendo o mais jovem deles, aos 32 anos finalmente Jean-Claude Van Damme encontrou o "big deal" para se firmar como um astro de primeiro escalão. Com o faro de um homem de negócios, ele levou para os Estados Unidos o maior diretor de filmes de ação de Hong Kong, John Woo. Há cerca de quatro anos, John Woo começou a ficar conhecido no circuito dos cinemas de arte americanos e europeus. Martin Scorsese e Oliver Stone o elogiavam em entrevistas. Quentin Tarantino, "darling" da crítica e autor do cultuado *Cães de Aluguel*, disse que Woo era "o cineasta mais interessante surgido desde Sergio Leone".

"Eu queria trabalhar com John Woo porque sabia que ele seria bom para minha carreira – seus filmes têm um novo tipo de ação, eles fazem o herói parecer bom, como nos filmes franceses em preto e branco com Alain Delon", declarou Van Damme para o *Los Angeles Time*. Juntos realizaram *Hard Target* (no Brasil, *O Alvo*), longa que promete mudar completamente tudo o que já foi feito e visto no gênero.

Baseado no conto "The Most Dangerous Game", escrito em 1924 por Richard Connell e filmado por Ernest B. Schoedsack e Irving Pichel em 1932 (com Joel McCrea e Fay Wray nos papéis principais) e adaptado várias vezes em telefilmes, *O Alvo* mostra Van Damme numa nova atitude perante as câmeras: o diretor John Woo enfatiza a linguagem do corpo e dos gestos físicos do belga, e seu tradicional uso da técnica de câmera lenta dão ao karateca belga uma presença dramática surpreendente. "Van Damme está num papel completamente diferente do que se viu até hoje em seus filmes. Ele é um herói real ", diz o diretor de fotografia de *O Alvo*, Russell Carpenter.

Com um saldo nas bilheterias de quase 30 milhões de dólares obtido em cinco semanas de exibição nos EUA, Jean-Claude Van Damme sorri satisfeito. Ele declarou para a revista *Details* que "em *Soldado Universal* e *Vencer ou Morrer* tinha personagens muito passivos e às vezes sem muita ação. Mas em *O Alvo* eu estou diferente. Como um herói de verdade – sombrio e forte. Eu dou socos e pontapés, uso armas, ando a cavalo e dirijo motos."

Na verdade, este seu último trabalho é a segunda parte de um plano mirabolante para o belga conseguir impulsionar sua carreira. "Na Europa e na Ásia faço muito sucesso. Só preciso de um filme na América para me

Reviravoltas Mil

O primeiro filme americano do diretor chinês é o pior de toda a sua carreira, mas muito melhor do que já foi feito com Van Damme

John Woo faz filmes que deixam *Os Bons Companheiros* parecendo discípulo de Gandhi. Seu estilo visual é excitante, com close-ups de balas saindo dos tambores das armas e tiroteios em câmera lenta aprendidos com Sam Peckinpah. Outra grande qualidade de seus filmes são os roteiros intrincados, histórias policiais de primeira qualidade apimentadas com reviravoltas mil. Mas uma coisa tem que ficar bem clara: *O Alvo* não é um filme de John Woo. É um roteiro de outro cara que Woo dirigiu usando todo o seu arsenal espetacular de cenas de impacto. O resultado final é um filme visualmente excitante mas com um roteiro anêmico.

Esqueça a história, esqueça os meandros manjados de um roteiro mediano e se concentre no visual, na coreografia das cenas de luta, no ângulo inusitado das câmeras e na montagem

Fotos UIP

Fazendo parceria com John Woo, Van Damme espera deslanchar a carreira. Do passado, o belga traz o charme que as mulheres gostam, inclusive a atriz Yancy Butter (acima)

perfeita. Em uma cena, Van Damme dirige uma moto em pé enquanto atira em inimigos com uma metralhadora na mão. É especialmente excitante a primeira cena, quando os ricaços sanguinários matam o amigo de Boudreaux depois de uma perseguição. A cena é tão bem filmada quanto o final de *Meu Ódio Será Tua Herança*, de Peckinpah.

O Alvo vale por sete ou oito dessas cenas que colam na memória. O roteiro, infelizmente, não foge da tradicional mediocridade hollywoodiana. Você sabe tudo o que vai acontecer com meia hora de antecedência. Para dificultar ainda mais as coisas, a censura americana mandou cortar oito cenas, ameaçando proibir o filme para menores de 18 anos. Pressionado pelo estúdio, Woo teve que podar as partes mais explícitas. No entanto, já em dezembro sai em vídeo nos EUA a versão sem cortes.

Mesmo com todos os problemas, *O Alvo* é assistível. É superior aos últimos filmes de Van Damme e muito pior do que qualquer coisa que John Woo tenha escrito e dirigido. *A.B.*

Hard Target, EUA, 1993 n DIREÇÃO: John Woo n ROTEIRO: Chuck Pfarrer n FOTOGRAFIA: Russell Carpenter n PRODUÇÃO: James Jacks, Sean Daniel n Com Jean-Claude Van Damme, Lance Henricksen, Yancy Butter n UIP

estabelecer como um bom ator, para os estúdios investirem milhões em mim. Se conseguir uma bilheteria que ultrapasse os sessenta milhões de dólares, eu poderei trabalhar com os grandes diretores, como James Cameron, Paul Verhoeven, Renny Harlin, Oliver Stone." Além disso, Van Damme briga com a imagem de "herói de vídeo", e recebia até dois anos atrás um "cachê de vídeo": 600 mil dólares.

Foi com *Duplo Impacto* (1991) que as coisas começaram a melhorar: a bilheteria de 15 milhões de dólares (o máximo conseguido por seus filmes até então) fez com que recebesse três milhões de dólares para interpretar Chance Boudreaux de *O Alvo*. "Com *Duplo Impacto* fiquei conhecido 'no cinema', não é um milagre? Eu era visto como um produto de vídeo e me tornei um produto de cinema porque as pessoas gostam de mim. Aliás, tenho um compromisso muito grande com as mulheres. Elas percebem meu lado passional, e posso transferir essas emoções dos filmes de ação para romances ou dramas. Se um dia eu trabalhar com um diretor destes gêneros, poderei provar isto."

Com parte de seus desejos realizados, Van Damme agora deve muito a John Woo, que conquistou a América do Norte em 1991, quando *The Killer* (1989) foi escolhido como um dos melhores filmes do ano por jornais como o *The New York Times* e revistas como a *Rolling Stone* e um público mais amplo começou a se interessar pelo cineasta. Para quem não conhece, John Woo é um dos maiores diretores de Hong Kong, adorado em seu país porque minuto a minuto ele mistura primorosamente conflitos intensos, heróis adoráveis, vilões odiosos e relações verossímeis.

Nascido em 1948, Woo começou no cinema como assistente de produção na Cathay Film, mas antes passou pelo teatro e fez filmes experimentais em 8 mm. Em 1971, se mudou para a Shaw Brothers, onde foi assistente do prolífero diretor de artes marciais Chang Cheh, com o qual aprendeu os macetes para debutar na direção com o

independente *The Young Dragons* (1973), comprado para distribuição pela Golden Harvest, que também o contratou como diretor. Nos anos seguintes, Woo trabalhou em vários gêneros cinematográficos e inclusive lançou ao estrelado Jackie Chan e Sammo Hung com *Countdown in Kung Fu* (1975).

Mas foi na produtora Film Workshop Company que John Woo desenvolveu seu verdadeiro talento, ao realizar *A Better Tomorrow* (1986), o qual revolucionou o modo como os filmes de ação eram idealizados em Hong Kong. Audacioso nas cenas de ação, foi principalmente a abordagem emocional que o transformou num sucesso sem limites: morrer com honra, sacrificar uma vida num combate angustiante por um ideal ou um amigo são suas maiores virtudes. Woo admite que este filme é baseado em experiências pessoais e ensinamentos de seu pai, que segundo ele era um cara muito culto e que o ensinou muita coisa sobre amizade, dignidade e lealdade a Deus. "Tudo o que meu pai me ensinou existe em meus filmes, pois os personagens gostam de se ajudar mutuamente. Tudo é baseado em minhas experiências e no que aprendi desde criança."

Outro mérito do cineasta é que a tradição dos filmes de gângster de Hong Kong tem sido definida segundo seus filmes, como *A Better Tomorrow, A Better Tomorrow 2* (1987), *The Killer* (1989), *Bullett in the Head* (1990) e *Hard-Boiled* (1992). Os gângsters de John Woo são homens cuja lei é ditada pelo coração. Ao contrário do que se vê nos filmes americanos de ação, a violência e a pirotecnia na obra de Woo servem apenas como metáforas para as violentas emoções de seus heróis.

Embora tenha conquistado os Estados Unidos, Woo não descarta a possibilidade de voltar a trabalhar em Hong Kong, mas confessa que está se tornando cada vez mais difícil filmar naquele lugar, pois as audiências querem ver filmes simples, "em que possam rir e não precisem pensar".

Com um único filme realizado em terras americanas, o diretor chinês já conseguiu até uma legião de discípulos: os primeiros a seguir os passos do mestre são Stallone e Renny Harlin. Os dois vão trabalhar novamente juntos numa refilmagem de *The Killer*. E pelo que se conhece de Renny, é certo que a justiça será feita.

Deborah Peleias

ENTREVISTA / JOHN WOO
O MANDARIM

Para coreografar as cenas de ação de seus filmes, o cineasta mais badalado nos Estados Unidos se inspira em musicais dos anos 40 e 50

Esqueça tudo o que você conhece sobre filmes policiais. Pegue *Máquina Mortífera*, Mel Gibson, *48 Horas*, Walter Hill e jogue tudo no lixo. Depois de botar os olhos em qualquer filme dirigido por John Woo (46 anos), seu conceito de "filme de ação" vai mudar para sempre. Imagine um filme que combine o estilo visual de um western de Sergio Leone, personagens marcantes como em *O Poderoso Chefão* e tiroteios espetaculares *à la* Sam Peckinpah.

Quem achava que o tiroteio em câmera lenta que Peckinpah imortalizou em *Meu Ódio Será tua Herança* era uma cena intensa e impressionante, espere até se defrontar com a impensável carnificina que John Woo promove dentro de um hospital em *Hard-Boiled*, em que o herói mata bandidos enquanto carrega no colo um bebê recém-nascido. Ou na alucinante seqüência de *The Killer* em que um assassino de aluguel fuzila um político mafioso durante uma cerimônia folclórica.

O Alvo estreou bem nos Estados Unidos. Foi a primeira vez que um filme de Van Damme recebeu elogios da crítica. Peter Travers, da *Rolling Stone*, diz que o filme "reafirma John Woo como o melhor diretor de filmes de ação da atualidade". Mesmo estando abaixo do padrão de qualidade e da força dos filmes de Woo produzidos em Hong Kong, culpa principalmente da Comissão de Censura americana, que obrigou o diretor a cortar várias cenas, *O Alvo* é muito melhor do que 95% dos filmes em cartaz.

A trama é interessante: Van Damme interpreta Chance Boudreaux, um marinheiro de Nova Orleans que acaba metido na investigação de uma série de assassinatos de veteranos de guerra. Ele descobre que mercenários montaram uma espécie de Disneylândia da morte, onde milionários sem escrúpulos pagam fortunas para ter a chance de matar pessoas. Durante uma hora e meia, Woo desfila todo o seu arsenal de efeitos visuais de impacto. São closes, tiroteios em câmera lenta, ângulos inusitados de câmera, golpes de karatê filmados com criatividade rara e bandidos sendo mortos em ritmo de videogame. Mesmo quem não admira filmes violentos e quem torce o nariz para Van Damme tem que admitir que *O Alvo* é diversão garantida.

Como foi trabalhar com Van Damme?

Adorei trabalhar com ele. Van Damme é uma pessoa ótima e trabalha duro. É um cara muito ambicioso, quer mudar sua imagem e mostrar que antes de ser um lutador é um bom ator. Como todo astro, é um pouco infantil. Ele ficava tão preocupado com sua imagem que me dizia "John, filme o lado direito do meu rosto, que é mais bonito que o lado esquerdo!" (*Risos*)

Ele havia visto seus filmes?

Sim, Van Damme é um grande fã dos meus filmes.

Você estranhou o esquema hollywoodiano? Para quem está acostumado a trabalhar com equipes pequenas em Hong Kong, é difícil lidar com uma grande produção?

No começo você estranha um pouco. Aqui tudo é maior, mais rico. A equipe era dez vezes maior do que eu usava em Hong Kong. O orçamento do filme também era muito maior – 20 milhões de dólares –, cinco vezes mais do que o meu filme mais caro, *Hard-Boiled*.

Existem em Hong Kong outros cineastas que fazem filmes de ação? Estou perguntando isso porque fico impressionado com a qualidade de suas cenas de ação. Os dublês são ótimos e os efeitos especiais também. Imagino que a produção desse tipo de filme deva ser enorme.

Não, eu sou o único que faz filmes de ação em Hong Kong. O que acontece é que nosso cinema tem uma grande tradição de filmes de artes marciais. Isso explica a qualidade dos dublês.

Como você começou a se interessar por filmes policiais?

É uma história longa... Quando era pequeno, gostava de westerns e de musicais dos anos 40 e 50. Nos meus filmes, especialmente nas cenas de ação, dá para notar a influência que eu sofri dos musicais. As cenas são coreografadas como uma dança. Assisti muito a Gene Kelly e Fred Astaire. Depois passei por uma fase em que só via filmes policiais franceses da década de 60. Nos anos 70, fiquei possuído pelos filmes de Sam Peckinpah, Martin Scorsese e Stanley Kubrick. Eram tão reais, tão intensos. Os filmes desses diretores lidavam com o tema do herói trágico, que sempre me fascinou. Você pode ver que em meus filmes o herói sempre sofre.

Você não se interessa pelos filmes de ação feitos depois dos anos 70?

Gosto de alguns. O primeiro *Duro de Matar* foi muito bom.

É estranho um diretor de filmes policiais se dizer influenciado por musicais...

(*Rindo*) Eu sei, mas é verdade. A montagem de meus filmes é sempre inspirada pela montagem das cenas de dança dos musicais de Bob Fosse, como *Cabaret*. Adoro o ritmo acelerado que ele impõe aos filmes.

Você freqüentou alguma escola de cinema? Como você criou seu estilo?

Não existiam escolas de cinema em Hong Kong. Tudo o que aprendi foi através de livros e observando outros filmes. Minha família era muito pobre, então eu roubava livros sobre cinema da biblioteca. Foi assim que aprendi.

Seus filmes são muito violentos. *The Killer* e *Hard-Boiled* ganhariam provavelmente uma censura 18 anos nos Estados Unidos. O estúdio pediu para você amenizar um pouco a violência em *O Alvo*?

Sim eu tinha sido avisado que aqui havia uma grande preocupação com a violência nos filmes. A maior preocupação é da produtora, lógico, porque quanto mais severa é a censura menos gente vai ver o filme. Tivemos que levar *O Alvo* oito vezes para o Comitê de Censura da MPAA (*Motion Picture Association of America*), até que eles nos deram uma censura PG-17 (*pessoas de até 17 anos precisam ir acompanhadas dos pais*). Mesmo com todos os cortes, deu para manter o ritmo da narrativa e da ação. Quero no futuro lançar em vídeo a versão sem cortes.

Você não foi criticado em Hong Kong quando decidiu vir para os Estados Unidos?

Não, todos ficaram felizes por mim. Meus amigos sabiam que meu sonho era filmar em outro país, levar meu talento para outras pessoas. Adoro conhecer outros lugares, outras culturas.

Quais são seus planos para o futuro? Algum outro filme em produção?

Sim, vou filmar *Shadow War*, que será produzido por Sam Raimi (*diretor de* Darkman). É um suspense no estilo de Hitchcock.

Como você se sente com todo o sucesso nos Estados Unidos?

Ainda não aprendi direito a lidar com isso. Fico envergonhado quando alguém me pede um autógrafo. Nunca pensei que seria recebido tão bem. Os fãs, a imprensa, os cineastas, todos têm sido ótimos comigo. Isso só me incentiva a fazer filmes cada vez melhores para nunca decepcionar ninguém. Até Scorsese me elogiou; é inacreditável!

André Barcinski, de Los Angeles

Melissa Moseley

Acima, o mestre chinês dos filmes de ação John Woo e uma cena de um de seus maiores sucessos, *A Better Tomorrow 2* (1987)

SÃO PA
SUA MAIS
TRAD

Caderno SP. Todos os dias no Jornal da Tarde.

Só mesmo o Jornal da Tarde para conseguir colocar num só caderno São Paulo inteira. É o novo Caderno SP. Uma vista panorâmica do mundo das artes e

detroit

ULO NA COMPLETA UÇÃO.

espetáculos, vida social e consumo da maior cidade da América do Sul. Caderno SP. Você começa se informando e acaba se divertindo.

jornal da tarde
CADA DIA MAIS SURPREENDENTE.

entrevista

MARTIN SCORSESE

adeus às armas

CONSAGRADO COMO UM DOS MAIORES CINEASTAS VIVOS, O DIRETOR DESVIA SEU OLHAR DO SUBMUNDO CONTEMPORÂNEO PARA UM ROMANCE ARISTOCRATA DO SÉCULO PASSADO

MARTIN SCORSESE

Católico nascido e criado em Little Italy, Nova York, Martin Scorsese (51 anos) levou para sua obra as experiências vividas naquele bairro, como os temas do pecado e da redenção ligados ao gangsterismo. Ainda na universidade, realizou vários curtas-metragens de sucesso, incluindo *It's Not Just You, Murray*, um retrato irônico sobre gângsters, que em 1968 virou o longa *Who's that Knocking at My Door?*.

Cinco anos depois, Scorsese entrou definitivamente para os anais cinematográficos ao dirigir *Caminhos Perigosos*, seu primeiro filme com Robert De Niro, e que marca o início da parceria mais criativa do cinema americano atualmente, perpetuada depois com *Taxi Driver* (1976), *New York, New York* (1977), *Touro Indomável* (1980), *O Rei da Comédia* (1983), *Os Bons Companheiros* (1990) e *Cabo do Medo* (1991).

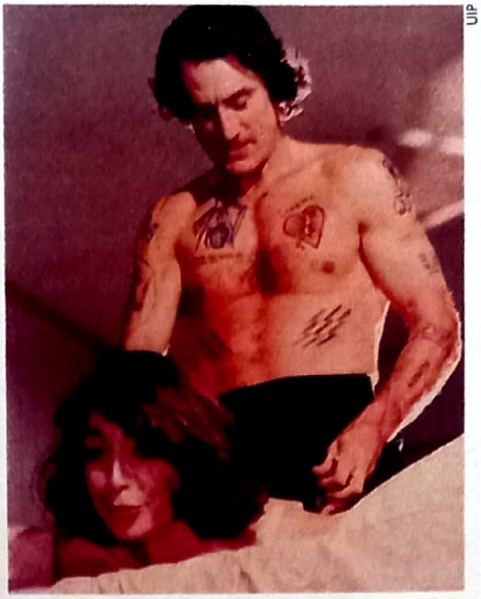
Há dois anos o cineasta não nos brindava com uma obra. Agora Martin Scorsese volta a ser notícia com o sucesso de crítica de *A Época da Inocência*, projeto que se tornou um desafio pessoal, principalmente porque trata de um tema ainda não abordado em seus filmes. Exigente, o diretor pesquisou em profundidade os hábitos e costumes do final do século passado cujo resultado é recheado de uma elegância que não se viu nos últimos tempos em Hollywood. Atualmente, Scorsese está fazendo um documentário sobre a história da meca cinematográfica para a rede de televisão Channel 4.

Especulou-se muito a respeito da finalização de *A Época da Inocência*, porque o lançamento foi adiado para quase um ano após a data do lançamento original, aparentemente para que o filme fosse remontado. O que houve, de fato?

Ficam dizendo que sou um obcecado por detalhes. Bom, a maioria dos diretores, roteiristas e atores é assim. Esse tempo de montagem é bastante normal para mim e para todo mundo que faz filmes. O negócio é que as pessoas estão tomando esse tempo adicional de montagem no mau sentido.

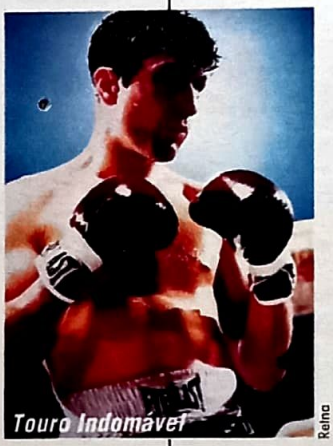
Warner

Scorsese e o elenco de *Os Bons Companheiros*



UIP

Os Bons Companheiros foi concluído em agosto de 1989 e saiu em setembro de 1990. Terminamos de rodar *A Época da Inocência* em junho de 1992, e estamos lançando um ano e dois meses depois. Considerando que, na superfície, é um tipo bem diferente de filme que costumo fazer, porque o comportamento dos personagens é tão diferente, precisamos de um tempinho extra para a montagem, para dar o ritmo adequado. É um filme que vem do coração. Num filme *mainstream*, como *Cabo do Medo*, acho que fizemos tudo em questão de um ano. Não gosto dessa correria, mas você acaba recebendo um outro tipo de energia.



Touro Indomável

Reino

O que estou querendo dizer é que filmes diferentes requerem atenção e tempo diferentes. E acho perigoso, hoje em dia, quando a área mais afetada na hora de se cortar o tempo de produção para que um filme cumpra a data de lançamento seja justamente a montagem.

O problema é que os estúdios não percebem como isso é perigoso. Acho que foi Stanley Kubrick quem disse que a montagem é o único elemento original verdadeiramente criativo dessa grande forma de arte que é o cinema. A iluminação pode ser comparada à pintura, o movimento da câmera e dos personagens pode ser comparado à dança. Mas você precisa cortar daquele movimento para um plano estático, parado. Ou precisa cortar daquela iluminação para outra, ou fundi-la, o que também é considerado montagem. E o que eles fazem? Sacrificam a contribuição mais original que um filme pode dar à sua forma de arte.

Até agora, seus filmes haviam enfocado criminosos psicóticos, a Máfia, o submundo. Mas em *A Época da Inocência* você se concentra na aristocracia nova-iorquina do século passado. Há muitas diferenças entre esse filme e os que fez anteriormente?

Acho que sua pergunta seria "por que você fez esse filme e o que o torna diferente dos anteriores?". Vou tentar resumir. Jay Cocks, que era crítico de cinema da revista *Time* nos anos 60 e 70, é meu amigo desde 1968 e me levava a muitas sessões de cinema: um mostrava ao outro seus filmes favoritos, alguns em 16 mm, íamos a cinemas ou assistíamos a filmes na cabine da *Time*. Nesse processo, viemos a nos conhecer muito bem, e viemos a saber muito bem que tipo de filme um e outro gosta. Em 1980, depois de doze anos durante os quais atravessamos juntos várias coisas pessoais e profissionais, ele me deu um livro chamado *Age of Innocence*, porque se lembrava do meu fascínio pelo que chamo de "obra à fantasia" – uma característica, aliás, superficial, porque você pode ter um filme que é só isso (um monte de gente à fantasia). Mas, além disso, o livro era sobre uma história de amor e sobre um determinado tempo. E aquilo poderia ser interessante. Ele me conhece melhor que eu mesmo e quando me deu o livro disse: "quando você fizer uma obra romântica, essa é você". Ele se referia não aos personagens, mas ao espírito da obra. Naquela época, eu tinha terminado *O Touro Indomável* e estava para começar *O Rei da Comédia* meio que tonto, ainda buscando a resolução que Jake LaMotta encontra no final (de *O Touro Indomável*), eu estava tonto com a raiva e a fúria daquele tipo de filme, aquela maneira de se encarar a vida.

Os anos 80 foram muito difíceis para mim. Tive que me reajustar e aprender de novo como fazer filmes, com *Depois de Horas* e *A Cor do Dinheiro*. Aprender como fazê-los mais rápido e mais baratos. Filmes como *E.T.– O Extraterrestre* estavam rendendo centenas de milhões de dólares, algo que meus filmes eram incapazes de fazer, e por isso eu estava perdendo o poder de realizar os filmes que queria.

Seis ou sete anos mais tarde, li *Age of Innocence*. Àquela altura, já havia reaprendido como fazer filmes pela segunda, terceira vez, e me sentia capaz de me relacionar com aquela história de amor. O conflito e a história de amor, a tensão no relacio-

namento entre Ellen e Archer. Ou, então, como notou um escritor amigo meu, a dor refinada dos protagonistas.

Mais tarde, as pessoas que leram o roteiro que eu e Jay escrevemos acharam que o relacionamento obsessivo (de *Age of Innocence*) era parecido com o de *Taxi Driver* e o de *Who's That Knocking at My Door?*. Mas eu não enxergava isso, pelo menos não de imediato – eu só enxergava a história de amor. No entanto, me interessava também aquela dor refinada, causada por uma história de amor proibido.

A não ser que você tenha uma situação como a colocada por Edith Wharton, que coloca o relacionamento de Ellen e Archer dentro de uma espécie de jogo de xadrez com regras rígidas. Eles vivem numa sociedade tão rígida, com rituais e regulamentos tão específicos. E você vai desenvolvendo aquilo mostrando detalhe após detalhe, como a decoração, os costumes, o comportamento, os bailes, a comida, e você desenvolve, desenvolve, e é quase como se você estivesse, tijolo após tijolo, construindo uma muralha em torno de Archer. É como uma prisão, da qual ele não consegue escapar.

Nesse sentido, *A Época da Inocência* não difere tanto assim de *Os Bons Companheiros*: ambos mostram sociedades de regras rígidas, que devem ser respeitadas.

O Rei da Comédia

20th Century Fox

Quem desrespeitá-las, será eliminado. Naquela cena final, do jantar dado em homenagem a Ellen, os serviçais ao redor da mesa parecem guarda-costas da Máfia, que estão ali para impedir que Ellen e Archer fiquem juntos.

É verdade que Joanne Woodward era sua primeira escolha?

Sim, eu gosto muito dela.

Parece também que o projeto foi armado inicialmente com a Fox, acabou não acontecendo e daí foi para a Columbia...

Scott Rudin, originalmente na Fox, nos deu o sinal verde para escrever o roteiro e fazer um contrato comigo e Jay Cox e quando terminamos o roteiro estávamos em janeiro, fevereiro de 1989. Tivemos então várias reuniões com Joe Roth, que havia acabado de assumir na Fox e aí então fiz *Os Bons Companheiros* e *Cabo do Medo* e, depois de completar *Cabo do Medo*, Fox produziu *O Último dos Moicanos*. Duas semanas depois da estréia de *Cabo do Medo*, Joe ligou para mim e disse: "Marty, odeio lhe dizer isso: eu serei o primeiro na fila para ver seu filme, mas não tenho dinheiro para bancá-lo". Precisávamos de 32 milhões, algo assim. E eu disse: "Tudo bem". De repente estavam abertas as negociações com a Universal, que tinha feito um contrato pessoal e exclusivo comigo: eles leram o roteiro, adoraram, mas só nos dariam trinta milhões. Aí, dentro de um dia ou dois, Mark Canton entrou para a Columbia – eu o conhecia de *Os Bons Companheiros* –, ele havia trabalhado anos na Warner, e veio ao meu apartamento com Michael Nathanson, os dois leram o script e adoraram. Foi o amor dele pelo projeto que possibilitou a realização do filme.

Phillip Caruso

Martin Scorsese dirige Michelle Pfeiffer durante as filmages de *A Época da Inocência*

Eu ia lhe perguntar sobre o orçamento, até que ponto ele pode ser um problema?

Não para Mark. Quanto às outras pessoas, bem... Alguém tem de se preocupar com isso, senão acabaríamos gastando quarenta milhões. O que eu puder tirar eu tiro, o que quiserem me dar eu aceito, porque significa um tempo extra de filmagem e às vezes isso é o que você mais precisa, porque chega lá e fica paralisado, mesmo com tudo planejado em sua cabeça. Eu tinha mais dinheiro para fazer *O Cabo do Medo*, porque era um filme mais comercial. Mas Mark estava emocionalmente envolvido e tinha fé no projeto e assim conseguiu o dinheiro extra. Acho que ele nem tinha lido o livro, só o roteiro, que o tinha emocionado muito.

E as comparações com *Soberba* (*The Magnificent Ambersons*, de Orson Welles) na decoração, na narração...

"FICAM DIZENDO QUE SOU UM OBCECADO POR DETALHES. O NEGÓCIO É QUE AS PESSOAS ESTÃO TOMANDO ESSE TEMPO ADICIONAL DE MONTAGEM NO MAU SENTIDO"

Na narração, não. Só por causa dela, não. Eu diria que está mais para *Os Bons Companheiros*, porque *Soberba* não é um filme que venha da subcultura americana. Você pode dizer que ele faz mais parte de uma cultura americana e eu faço parte de uma subcultura. Me identifiquei mais com *Cidadão Kane* quando o vi, porque é um filme mais completo e acabado. *Soberba* é bagunçado, foi destruído. Não consegui entendê-lo, principalmente por não vir daquela cultura. Enquanto que, para meu amigo Jay Cox, é seu filme favorito de Welles. E ele é mais americano do que eu, mais protestante e anglo-saxão. Algo completamente diferente. Mesmo com todas as falhas do filme – que não são responsabilidade de Orson Welles – Jay se identifica, e assim como muitas outras pessoas que eu conheço, considera seu filme favorito de Welles.

Não consigo entender isso porque não conseguia enxergar além do que, aparentemente, é a destruição do filme. Eu não sabia nada disso quando o assisti, vinte, 25 anos atrás, apenas não fazia sentido. Muito bonito, mas eu não conseguia entender nada. Só alguns poucos anos atrás, pude assisti-lo para valer e começar a entender quando Jay me explica: "Bem, aqui eles iam fazer isso"... Ele me explica o que ficou faltando, quais cenas foram refilmadas pela RKO e aí começo a perceber a diferença. Mas continua sendo uma obra de mestre que foi mutilada, muito difícil de ser plenamente apreciada.

"HÁ MAIS RAÍZES EUROPÉIAS DO QUE AMERICANAS NESTE MEU ÚLTIMO FILME, COMO A PREOCUPAÇÃO VISUAL DA OBRA DE VISCONTI"

Sempre vou pela minha primeira impressão, a primeira vez que vejo um filme. Mas *Soberba* certamente é um fator no visual do meu filme – e os filmes de Visconti, obviamente. Acho que há mais raízes européias do que americanas neste filme. *Tarde Demais (The Heiress*, William Wyler) também, porque meu pai me levou para assistir-lo quando eu tinha nove ou dez anos e foi algo que nunca esqueci: que tamanha brutalidade pudesse acontecer entre um pai e uma filha numa casa tão bonita. Suas maneiras são tão finas e educadas e, nesse contexto, aquela brutalidade gelada me derrubou completamente. Principalmente no final do filme. De qualquer forma, Jay Cox e eu preparamos um livro sobre *A Época da Inocência*, onde tentamos fazer algo diferente do típico "making of": o roteiro está incluído e algumas outras coisas também.

Stills

Phillip Caruso

Claudia Cardinale, ao alto, em *O Leopardo*, no qual Scorsese se inspirou para fazer *A Época da Inocência*, abaixo

Resolvemos colocar uma seção chamada "Fontes" esperando que pessoas mais jovens que gostem do filme e se interessem por esse estilo, possam conferir os filmes de que falamos, como *Sedução da Carne (Senso)*, *O Inocente* e *O Leopardo* de Visconti, *O Homem sem Coração (The Private Affairs of Bel Ami)* e *O Retrato de Dorian Gray (The Picture of Dorian Gray)* de Albert Lewin, *Caprichos do Destino (The Strange Affair of Uncle Harry*, de Robert Siodmark) e até mesmo *Curva do Destino (Detour*, de Edgar G. Ulmer), que fazia vários truques de iluminação e penetrava nos pensamentos interiores das pessoas. Interessante, brincamos com isso nesse filme. *Soberba, Duas Inglesas e o Amor* e *Jules e Jim* de Truffaut, *Lola Montés* e *Carta de Uma Mulher Desconhecida* (Max Ophuls), filmes assim, cujo estudo pode ser aprofundado.

Há uma grande discussão atualmente sobre a violência no cinema e seus filmes, com exceção deste último, sempre foram considerados muito violentos. Como você se sente no meio disso?

Hoje existe toda uma movimentação da mídia, entrevistas como essa, trailers etc., identificando que tipo de filme você vai assistir. Existe uma classificação etária. Você vai levar seus filhos ou não? A escolha é sua. Muitas pessoas não querem ver filmes como *Os Bons Companheiros* e eu não as culpo, já vemos violência suficiente no noticiário da TV. Não faço filmes para todo mundo, você pode ter certeza.

Em termos da responsabilidade envolvida, o que posso dizer é que a violência que tenho usado na maioria dos meus filmes – especialmente nos que tratam do submundo – é honesta e apresentada da maneira que sei que ela acontece. Está ali porque existe, não é usada como efeito nem embelezamento. Às vezes é mais perturbadora do que no telejornal. Quase não assisto TV, apenas documentários, o noticiário e filmes antigos. Mas é uma questão delicada, porque a TV entra direto na sua casa. No cinema, não; a escolha é sua.

Mas os filmes vão do cinema para a TV.

Sim, Steven Spielberg e eu estávamos conversando sobre isso algumas semanas atrás e ele disse que é irrelevante, porque em um ou dois anos você poderá controlar isso e até "trancar" todos os canais. É assim que deve ser feito. Quando *Taxi Driver* passou em rede nacional de TV, todo cortado, eu disse: "Claro!" Não me importo. Às seis horas da tarde, com as crianças na sala... o filme não foi feito para ser exibido, assim, entre seis e oito da noite na TV – talvez a cabo,

THE ONE

Uma nova era em imagem e som.

FILMADORAS

VHS-C
NV-S750 PN
NV-S250 PN

MULTI LASER DISC PLAYER

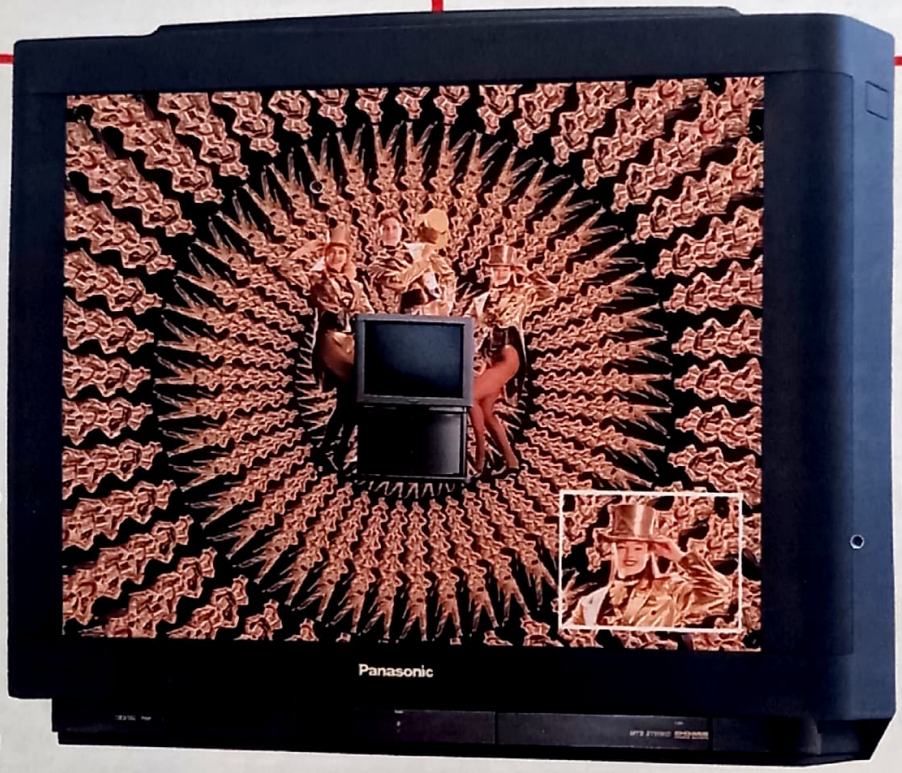
LX-K700
LX-101

VIDEOCASSETES

NV-SD10 BR
NV-SD20 BR
NV-HD100 BR

TELA SUPERPLANA

A tela de THE ONE é 30% mais plana que a dos modelos convencionais. Isto permite que você tenha um maior campo de visão e possa apreciar imagens nítidas de qualquer ângulo.



TELA NEGRA

Com mais de 750 linhas de resolução, a série THE ONE consegue um grande realismo nas imagens. Graças aos pigmentos negros no vidro da tela, a reprodução dos tons escuros também é mais realista, com uma melhora de 46% no contraste.

SISTEMA DE SOM DE ALTA QUALIDADE

No exclusivo New Dome Sound Stereo System/Surround System, as caixas acústicas estão dentro do gabinete e envolvem o tubo de imagens. Isto proporciona um som ambiente mais rico, como no cinema, com graves mais profundos, médios e agudos cristalinos.

Modelo TC-33V2L
(com sistema "PinP")

CONTROLE REMOTO MULTIFUNCIONAL

Para operar, ao mesmo tempo, o televisor e a maioria dos videocassetes Panasonic.

A Panasonic produz seus televisores como quem cria uma obra de arte. Ela busca expressar todo o seu talento para emocionar uma pessoa verdadeiramente especial: você. THE ONE reúne uma série de características que o fazem único no mercado. Ele possui um design arrojado e os mais sofisticados recursos de áudio e vídeo. Conquiste este privilégio.

THE ONE

THE ONE
TC-29V2L (29")
TC-33V2L (33")

Panasonic

À venda na Zona Franca de Manaus
Produtos Importados

entre onze e meia-noite. Mas vi algumas coisas outro dia às oito horas, com uma advertência dizendo "contém cenas de nudez e violência" e pensei: talvez seja cedo demais. Ou talvez eu esteja ficando velho e conservador.

Você acha que podemos aprender mais com os filmes do que com a vida? O cinema parece ser sua principal fonte de reflexão e sua conversa está sempre recheada de referências a determinados filmes...

Não sei. Acho que é uma questão de viver e encontrar a expressão das idéias e emoções nos filmes. Certos filmes exprimem estas coisas de uma maneira que as tornam mais claras para mim. Mais até do que nos livros. Cresci numa família operária que não tinha um livro em casa, apenas jornais. Quando entrei no colégio e depois na faculdade, comecei a trazer livros para casa, mas foi uma formação defeituosa. Eu leio muito devagar, por isso demorou um bom tempo para atravessar vários livros que sempre quis ter e que seriam referências para iluminar certos sentimentos, pensamentos ou situações da vida. Mas isso não significa que eu passe o tempo todo sentado assistindo a filmes, sem nunca sair de casa. Quer dizer, agora que estou com cinqüenta anos isso é verdade. Mas estou falando de cinema – numa época em que não havia vídeo, nem laser disc, nem TV a cabo e você tinha de sair de casa, pegar um ônibus ou o metrô. Fazia parte da vida.

A Última Tentação de Cristo — Universal

Vários cineastas jovens estão citando você como inspiração. Robert Rodriguez, que fez *El Mariachi*...

Não vi ainda, preciso vê-lo.

.... E os irmãos Albert e Allen Hughes, que fizeram *Menace II Society*...

Esse eu vi. Um filme muito forte.

E Quentin Tarantino de *Cães de Aluguel*.

Gostei muito.

Quais as semelhanças entre estes filmes e os seus?

Bem, *Menace II Society* é parecido com *Caminhos Perigosos* no sentido em que mostra de uma maneira honesta como aquelas pessoas vivem *(à margem da sociedade)*. Simples assim. E acho que eles não se importam nem um pouco se alguém vai ver o filme ou não. Eu também não me importava, com *Caminhos Perigosos*. Não achava que fosse ser lançado, apenas encostado em alguma prateleira... Foram seis anos para eu conseguir transformar aquilo num filme. Há religião ali e muitas das minhas obsessões pessoais. É semi-autobiográfico, basicamente a minha história e a de alguns amigos. De qualquer forma, me parecem vozes honestas e, no que diz respeito a *Cães de Aluguel*, Tarantino é certamente um estilista honesto e extraordinário.

Como foi seu contato com a violência das ruas, quando você estava crescendo?

Basicamente da maneira mostrada em *Caminhos Perigosos* e um pouco como *Os Bons Companheiros*. À noite acontecia de vermos cadáveres na rua. Matavam os caras em algum outro lugar e os despejavam ali. Sempre havia alguém como Jimmy, o tira, que percebia e vinha dizer algo como "Caiam fora daqui, garotos!". Assistíamos Jimmy enfiar um lápis atrás da cabeça do cara para ver onde estava a perfuração. Era divertido para nós, garotos de nove, dez anos. Não entendíamos direito. Era um acontecimento bem normal. Gerava uma excitação e aí foi criado um conflito em mim porque eu estava levando a igreja muito a sério e esse conflito moral está refletido em *Caminhos Perigosos*. Estávamos a uma quadra da miséria do Bowery – basicamente eu tinha uma família siciliana de estrutura forte para me proteger, mas estando tão perto do Bowery, eu via na rua e no corredor as ruínas e destroços da humanidade, o modo como as pessoas podiam se destruir e foi isso que ficou preso em mim: o sofrimento.

Você já mencionou que queria ser padre e de certa forma prega o cinema como a palavra de Deus. Existe uma conexão entre fazer filmes e o sacerdócio?

Quando aplico minhas energias na feitura de um filme, ter a presunção de pensar que eu estaria usando o cinema como um púlpito, para fazer sermão, exigiria ter uma idéia clara do que vou dizer com o filme antes de fazê-lo. E a única vez que tínhamos uma idéia clara nesse sentido foi em *A Última Tentação de Cristo*. Estávamos abrindo discussões específicas ali, e isso foi feito quase até um ponto excessivo, como um ato religioso. Como eu disse, isso seria presunção de minha parte.

José Emilio Rondeau, de Los Angeles

SET

Como Agradar a Gregos e Troianos?

Os críticos estrangeiros elogiam a obra de Scorsese, mas sempre têm que encontrar um senão

Para um diretor conhecido pela violência dos filmes que realiza, *A Época da Inocência* foi esperado com muita expectativa. Toda a crítica se perguntava se Martin Scorsese conseguiria transpor para as telas todo o potencial do romance premiado de Edith Wharton. Com *première* mundial dia 31 de agosto no Festival de Veneza, o filme agradou aos mais céticos. A Bíblia do cinema, o semanário americano *Variety* (cujos críticos não têm "papas na língua") chamou *A Época* de "uma filmagem extraordiária e suntuosa que agradará ao público sofisticado que gosta de adaptações literárias... cujo roteiro inteligente e as boas atuações do elenco, são tudo o que se espera de Martin Scorsese".

Já a revista *Entertainment Weekly* coloca dois pesos na mesma balança: primeiro elogia o trabalho do diretor dizendo que "em sua primeira metade, o filme é um conto orquestrado magistralmente. Tirando os visuais hipnóticos, a arte de Scorsese está presente no modo como seus personagens pulsam cheios de vida". Mas, o crítico não se dá por feliz e solta uma farpa: "apesar disso, e de ser ajudado por um elenco de 'sonho', *A Época* não é um sucesso completo porque a partir de sua segunda metade os acontecimentos se tornam muito vazios. E Wharton escreveu uma das obras mais devastadoras da literatura americana: o romance começa como uma história de amor e transforma-se numa tragédia claustrofóbica... Scorsese e o roteirista Jay Cocks deveriam ter se aprofundado mais na textura dramática do texto".

Mas enquanto o filme não estréia no Brasil – a princípio programado para entrar nos cinemas neste mês de novembro e adiado pela distribuidora Columbia TriStar para o início de 1994 para esperar o calor das indicações para o Globo de Ouro e para o Oscar da Academia, segundo Telma Gadioli, gerente de publicidade e propaganda – , nós nos divertimos com as pequenas preocupações da crítica, que, para não variar, sempre tem que encontrar um pequeno defeito nas obras dos grandes autores. Ou então, leia o romance, que foi relançado em outubro.

Deborah Peleias

FUGINDO DE UM INVERNO EM LONDRES,
ELAS PLANEJARAM UMAS FÉRIAS ENCANTADAS.
TUDO IA BEM... ATÉ QUE OS HOMENS CHEGARAM.

MIRANDA RICHARDSON · JOSIE LAWRENCE · POLLY WALKER · JOAN PLOWRIGHT

3 INDICAÇÕES PARA O OSCAR
MELHOR ATRIZ COADJUVANTE
JOAN PLOWRIGHT
MELHOR ROTEIRO ADAPTADO
MELHOR FIGURINO

UM SONHO DE PRIMAVERA

ENCHANTED APRIL

ART FILMS

CANNES HOME VIDEO

MIRAMAX FILMS APRESENTA UMA PRODUÇÃO BBC FILMS PRODUCTION EM ASSOCIAÇÃO COM GREENPOINT FILMS
MIRANDA RICHARDSON JOSIE LAWRENCE POLLY WALKER E JOAN PLOWRIGHT ALFRED MOLINA MICHAEL KITCHEN JIM BROADBENT EM
ENCHANTED APRIL ROTEIRO DE PETER BARNES DO ROMANCE DE ELIZABETH VON ARNIM FOTOGRAFIA DE REX MAIDMENT MÚSICA DE RICHARD RODNEY BENNETT
PRODUTORES EXECUTIVOS MARK SHIVAS E SIMON RELPH PRODUZIDO POR ANN SCOTT DIRIGIDO POR MIKE NEWELL

DOLBY STEREO

MIRAMAX FILMS

Charlie Sheen numa cena de *Top Gang 2*, que não perdoa nem a propaganda das pilhas Duracell

ENTREVISTA

JIM ABRAHAMS

Santa Bobagem!!!

Como uma metralhadora, o diretor de TOP GANG 2 – A MISSÃO detona os filmes "sérios" que inspiram suas paródias e revela seu processo de criação

O cineasta Jim Abrahams começou no cinema com o trio ZAZ (A de Abrahams e Z de David e Jerry Zucker). Loucos até o último fio de cabelo, os três descobriram o filão das sátiras aos filmes catástrofes em 1980 com *Apertem os Cintos, o Piloto Sumiu*. Daí para frente, dirigiram e produziram uma enxurrada de sucessos, como *Ghost* e *Cry Baby*, e ainda por cima lançaram ao estrelato Leslie Nielsen, que, segundo o próprio Abrahams, nunca mais vai se livrar da imagem de ator cômico.

Como surgiu a idéia de criar um personagem baseado em Rambo?

Não queríamos fazer outra sátira a *Top Gun* porque já havíamos esgotado nosso estoque de piadas sobre aviação. Achamos que seria melhor pensar em outro gênero para inspiração, um gênero que se levasse muito a sério. Você sabe que é muito mais divertido satirizar pessoas que se levam a sério, que realmente acham que são importantes. Os filmes do tipo *Rambo*, em que o cara vai à terra do inimigo para resgatar seus compatriotas, são desses casos de gênero que se leva a sério demais.

Como nascem seus roteiros? Você dá liberdade para os atores criarem alguns diálogos?

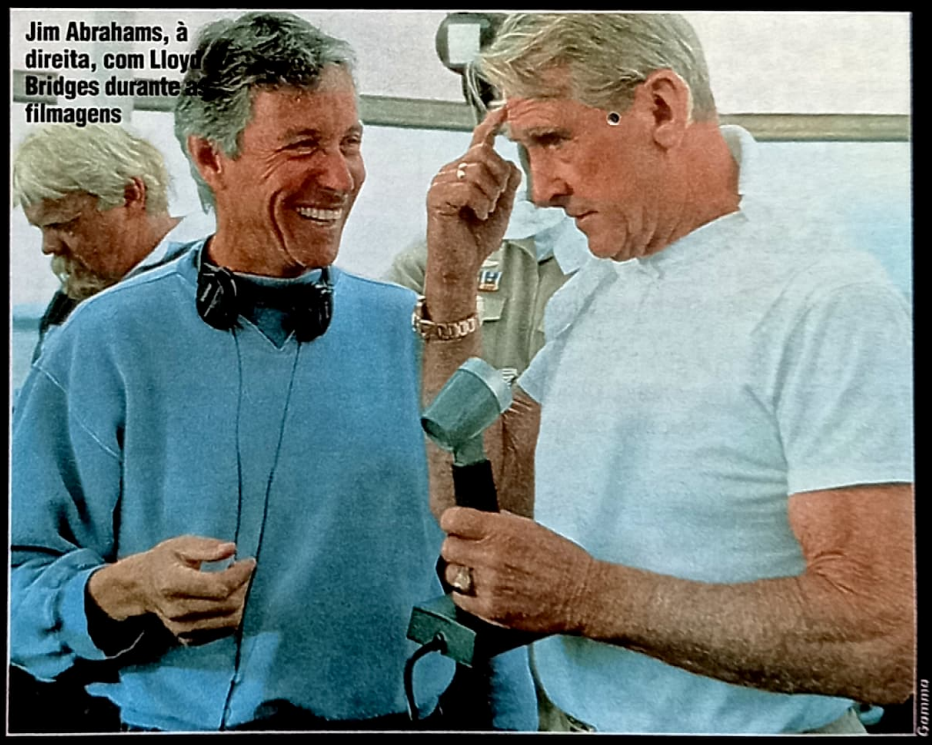
Não, é tudo organizado e predeterminado. Eu sou inseguro demais para trabalhar de outro jeito. É lógico que se algum ator bolar uma frase engraçada que não esteja no roteiro, ela pode até entrar no filme.

Você já parodiou *Aeroporto* (em *Apertem os Cintos, o Piloto Sumiu*) e agora *Rambo*, filmes que não são obras-primas. Seria correto dizer que você se inspira na ruindade dos filmes para criar suas sátiras?

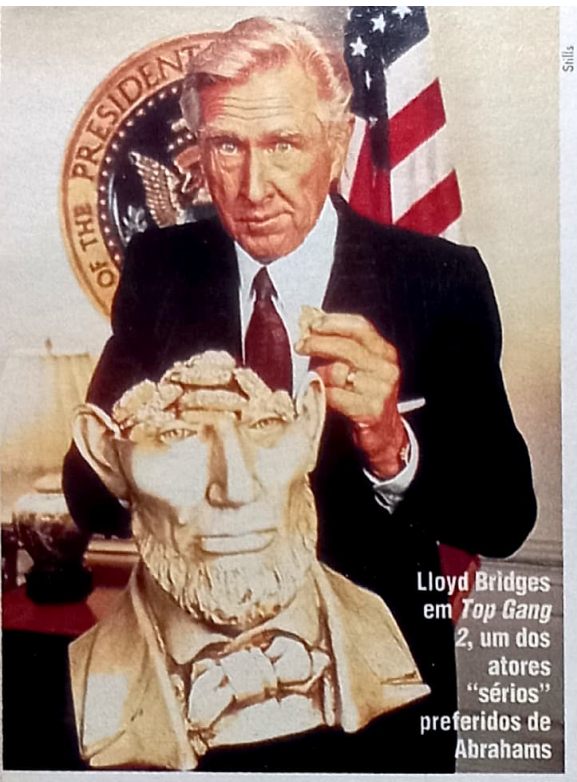
(*Rindo*) De uma certa maneira sim. Adoro ver filmes muito ruins, porque eles sempre fazem a minha imaginação funcionar. Outro dia estava vendo esse *Uma Segunda Chance* (filme em que Harrison Ford interpreta um advogado mal-humorado que tem de "repensar" sua vida depois que uma bala o deixa em coma) e não consegui parar de rir. Gostei particularmente dos dois minutos que mostram a transformação do personagem de um completo vegetal em um advogado brilhante. Toca uma musiquinha, o Harrison Ford faz um cooper e dois minutos depois ele está discursando na Suprema Corte. (*Risos*)

Será que esse filme não inspiraria uma paródia?

Sim, esse e todos os outros filmes recentes sobre yuppies que enfrentam dificuldades sentimentais, como *O Príncipe das Marés*. Acho que *O Príncipe*



Jim Abrahams, à direita, com Lloyd Bridges durante as filmagens



Stills

Lloyd Bridges em *Top Gang 2*, um dos atores "sérios" preferidos de Abrahams

das Marés foi um dos piores filmes a que eu já assisti! (*Risos*)

Como foi que você e os irmãos Zucker criaram esse gênero de humor *nonsense*?

Quando nós fizemos nosso primeiro filme, *Kentucky Fried Movie* (1977), criamos uma lista com quinze regras para se fazer uma boa comédia, e a décima quinta regra era: "não existem regras!" Resumindo: faça o que quiser, como quiser, e torça para que as pessoas achem graça!

Mel Brooks é um diretor que se consagrou fazendo paródias. Ele foi uma grande inspiração para vocês?

Quando Mel Brooks viu *Por Favor, Matem Minha Mulher* (1986), ele chamou David, Jerry e eu e disse: "Vocês deveriam continuar a fazer paródias!" Depois desse conselho é que resolvemos dirigir *Corra que a Polícia Vem Aí*.

Você não pensa em dirigir filmes, digamos, mais sérios?

Eu gostaria, mas, por causa do meu currículo, nenhum estúdio me deixaria fazer um filme que não fosse uma comédia escrachada. Eu cheguei a fazer audições para dirigir *Amigos, Sempre Amigos* e *Uma Equipe muito Especial*, mas não me deram os trabalhos.

Como é feita uma audição para diretores?

Bom, basicamente você vai até o estúdio para uma entrevista, conversa com os produtores, discute o filme, e depois eles dizem "não". (*Risos*)

Antes de trabalhar com você, atores como Lloyd Bridges, Richard Crenna e mesmo Charlie Sheen eram considerados muito "sérios". Como foi que os convenceu a atuar em comédias desse tipo?

Adoro pegar artistas que tenham essa fama de respeitosos e botá-los para trabalhar em papéis ridículos. Admiro eles porque têm o senso de humor para brincar com a própria imagem de artistas sérios.

E Leslie Nielsen (o tenente Frank Drabin de *Corra que a Polícia Vem Aí*)? Ele era um ator desconhecido até vocês o escalarem para *Apertem os Cintos, o Piloto Sumiu*.

É verdade, e agora não consegue mais fazer nenhum papel sério! (*Risos*) Acho, sinceramente, que Leslie não tem cura. Ninguém agüenta olhar para ele sem rir, mesmo que ele esteja atuando em um filme sério. (*Risos*)

Existe algum ator com o qual você gostaria de trabalhar?

Sim, Charlton Heston. Já o convidamos um monte de vezes, mas ele nunca topou. Não sei se ele é realmente um cara preocupado com sua imagem de durão ou se ele não acha graça nesse tipo de filme. Outro com quem gostaria de trabalhar é Charles Bronson. Estamos em conversações para incluí-lo em algum de nossos próximos filmes.

Que será...

Corra que a Polícia Vem Aí 3.

André Barcinski, de Los Angeles

SET

Os Porras-Loucas

Saiba como surgiu o trio mais maluco do cinema

No final da década de 60, Jim Abrahams era um estudante na Universidade de Wisconsin. Na sua classe havia dois irmãos com gostos e senso de humor semelhantes aos seus: Jerry e David Zucker.

Os três se juntaram e começaram a escrever pequenas peças de comédia. Em 1969, fundaram o grupo teatral Kentucky Fried Theater, que encenava pequenos "sketches" típicos de comédia pastelão.

Cansados da monotonia de Wisconsin e planejando vôos altos, os loucos se mudaram para Los Angeles levando membros de sua trupe. Depois de anos de peças fracassadas, aparições em curtas-metragens e todo tipo de trabalho quebra-galho, o trio finalmente conseguiu sua primeira grande chance quando um produtor alucinado resolveu investir grana num longa-metragem baseado nos "sketches" teatrais do Kentucky Fried Theater.

O resultado foi *Kentucky Fried Movie*, uma seleção de cenas absurdas, com humor *nonsense* e metalingüístico. A partir daí, a ZAZ (como ficou conhecida a união dos irmãos Zuckers com Abrahams) se tornaria uma das maiores forças do cinema de comédia, dirigindo e produzindo uma penca de filmes de sucesso.

Em 1980, veio a consagração com *Apertem os Cintos, o Piloto Sumiu* (*Airplane*), paródia em cima do cinema-catástrofe de filmes como *Aeroporto* e *O Destino do Posêidon*. *Apertem os Cintos...* foi a quarta maior bilheteria do ano (atrás de *O Império Contra-Ataca*, *Nine to Five* e *Loucos de Dar Nó*), arrecadando quase 100 milhões de dólares. O filme ainda lançou para o estrelato um ator que ficaria irremediavelmente associado às comédias ZAZ: Leslie Nielsen.

Os três amigos descobriram o filão: sátiras impiedosas em cima de gêneros cinematográficos decadentes. Em 1984, lançaram *Top Secret*, com Val Kilmer (*The Doors*), gozação em cima das aventuras de espionagem e em especial aos filmes de 007. Quatro anos depois, humilharam os filmes policiais, com o ótimo *Corra que a Polícia Vem Aí*, um de seus melhores filmes.

Corra... deu origem a uma série de TV engraçadíssima que acabou fracassando por motivos inexplicáveis. No final dos 80, o trio começou a enveredar para projetos-solo. Jerry Zucker acabou dirigindo o mega-sucesso *Ghost*, enquanto Abrahams foi produtor executivo do excelente *Cry Baby*, de John Waters.

Os três ainda são amigos íntimos. Mesmo estando envolvidos em diferentes projetos, garantem que logo estarão juntos de novo. Enquanto isso, se reúnem duas, três vezes por semana para a diversão preferida do trio, que é ver filmes horrorosos em videocassete.

A. B.

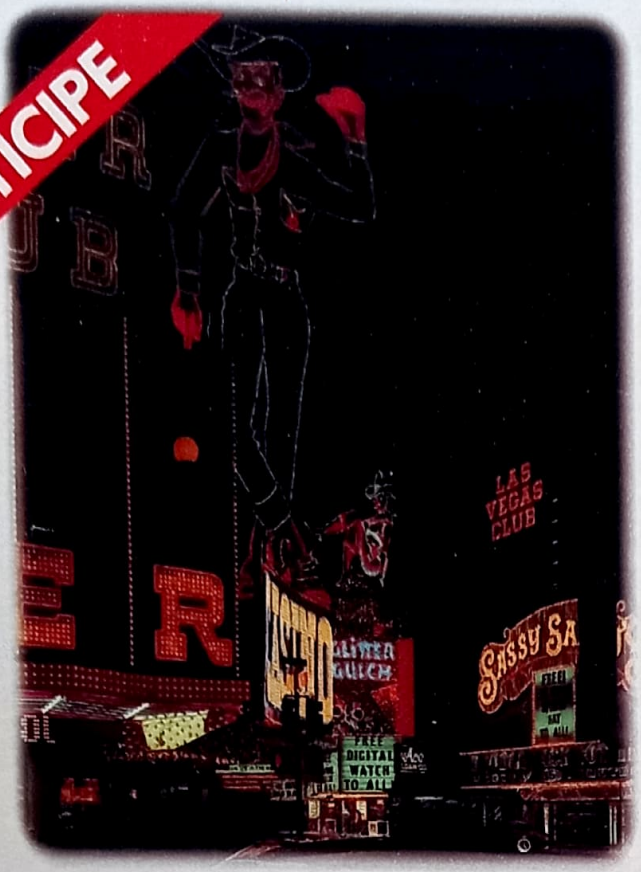
CIC

Fotos UIP

Apertem os Cintos..., Corra que a Polícia...e Ghost

PROMOÇÃO PROPOSTA INDECENTE

PARTICIPE



LAS VEGAS
5 NOITES

2 PASSAGENS AÉREAS
DE PRIMEIRA CLASSE

LIMOUSINE
C/MOTORISTA 24 HORAS POR DIA

US$ 8.000
EM VOUCHERS

COM UM PRÊMIO ASSIM, A ÚNICA COISA INDECENTE É VOCÊ PERDER ESTA CHANCE.

Existem poucas chances como essa na vida: dar uma de bilionário em Las Vegas.
E ainda por cima levar a pessoa que você mais gosta, pra passar 5 noites inesquecíveis, com todo luxo a que você tem direito.
Pra concorrer a tudo isso, você só precisa assistir ao super lançamento PROPOSTA INDECENTE e responder a pergunta:
QUAL O NOME DO BARCO PARA O QUAL O BILIONÁRIO JOHN GAGE LEVA DIANA MURPHY PARA PASSAR A NOITE?
Depois envie sua resposta, através de carta, para a Rádio Transamérica. Rua Pio XI, 1587 - Alto da Lapa - Cep 05468-140 - São Paulo.
O que você está esperando? Corra agora mesmo até a sua locadora e alugue o filme. Porque a única coisa realmente indecente que pode acontecer nesta promoção é você não participar dela.

SORTEIO DIA 22/12/93 E EMBARQUE DIA 05/02/94.

Para participar é obrigatório ter mais de 18 anos.

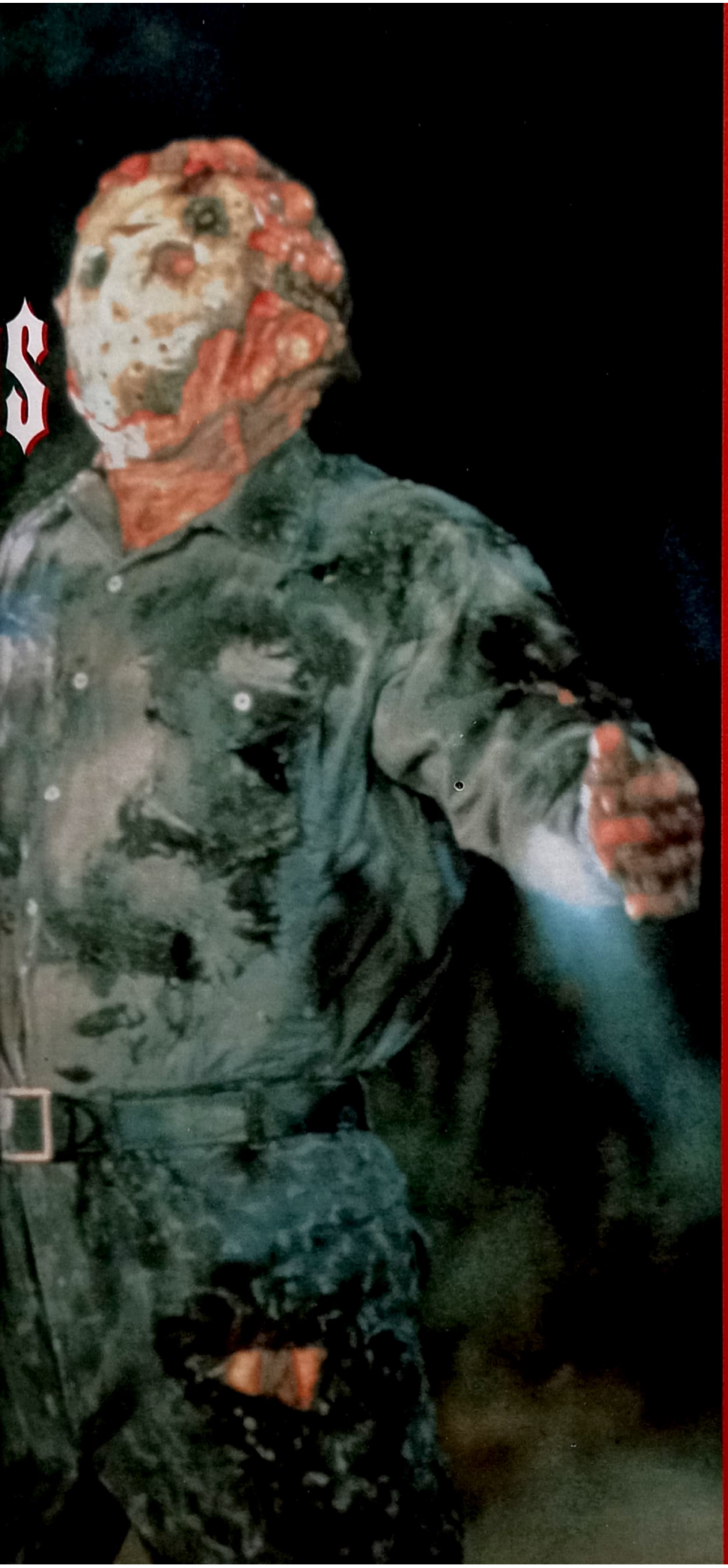
PROMOÇÃO EXCLUSIVA
REDE T
TRANSAMÉRICA

Paramount

REALIZAÇÃO
PROMOTECHA

CERTIFICADO DE AUTORIZAÇÃO Nº 01/00/230-93

SEXTA-FEIRA 13 – PARTE 9
NO QUINTO DOS INFERNO
TREZE ANOS DEPOIS DE SUA PRIMEIRA CARNIFICINA, O PSICOPATA MAIS PANACA DOS FILMES DE TERROR ENCARA SUA ÚLTIMA MATANÇA



Nenhum personagem na história do cinema foi tão humilhado quanto Jason Voorhees, o lunático da máscara de hockey que desde 1980 vem fazendo sushi de adolescentes. Se fosse de carne e osso, o psicopata já teria perdido a cabeça e trucidado todos os produtores, diretores e executivos que enriqueceram destruindo a sua reputação com filmes vagabundos.

Os filmes de Jason são tão ruins que chegam a ser charmosos. Na verdade, apenas dois dos nove filmes da série são assistíveis. O primeiro, dirigido por Sean S. Cunningham em 1980, e o último, *Jason Goes to Hell – The Final Friday* (*Jason Vai para o Inferno – A Última Sexta-Feira*), dirigido pelo novato Adam Marcus, de 25 anos. O resto é lixo, *trash movies* que provocam gargalhadas ao invés de sustos.

Nesse novo filme, Jason é um espírito maligno que "pula" de um corpo para outro. Os efeitos especiais e as cenas de ação são muito melhores do que as dos outros *Sexta-Feira 13*. Marcus fez um filme que, se não é nenhuma obra-prima, pelo menos se destaca em meio aos sacrilégios que cometeram usando o nome de Jason. De Los Angeles, o jovem diretor contou para a SET tudo sobre o seu encontro com o filho preferido de Camp Crystal Lake.

Como foi que você acabou convidado para dirigir *Jason Goes to Hell*?

A história é curiosa. Quando eu tinha 11 anos, era amigo de Noel S. Cunningham, filho de Sean. Ele me levou para ver as filmagens do primeiro *Sexta-Feira 13*, que seu pai estava dirigindo. Adorei o set de filmagens, fiquei fascinado com cinema e acabei trabalhando como quebra-galho, trazendo café e pizza para a equipe técnica. Foi ali que comecei a me interessar por cinema.

E depois disso você continuou a trabalhar em filmes?

Fiz curso de cinema em Nova York e escrevi algumas peças. Um dia Sean me ligou dizendo que havia sido convidado para dirigir a nona parte da série de Jason, mas que gostaria mesmo era de produzir. Daí ele me perguntou se eu não queria dirigir. Fiquei maluco! Sean me deu dois dias para bolar uma história. Ele adorou a minha idéia e acertou tudo com o estúdio.

Você não ficou preocupado em assumir a direção de um filme de uma série como *Sexta-Feira 13*? Estou perguntando isso porque os últimos filmes de Jason não foram grande coisa.

Sei exatamente do que você está falando. Acho que os únicos filmes que prestam são o primeiro e o segundo, o resto é porcaria. O próprio Sean odeia todas as seqüências. É lógico que fiquei com um pouco de receio, mas sabia que a história que nós bolamos era muito mais interessante do que a de qualquer *Sexta-Feira 13*. Essa nova história é muito tensa e bem mais complexa. Não é como as outras seqüências, em que Jason basicamente só corre atrás das pessoas.

A série é motivo de piada em todo lugar. Você não tem medo de chegar em algum estúdio, quando estiver fazendo testes para outros filmes, e dizer que dirigiu Jason – Parte 9? Por favor, não tome a pergunta como ofensa...

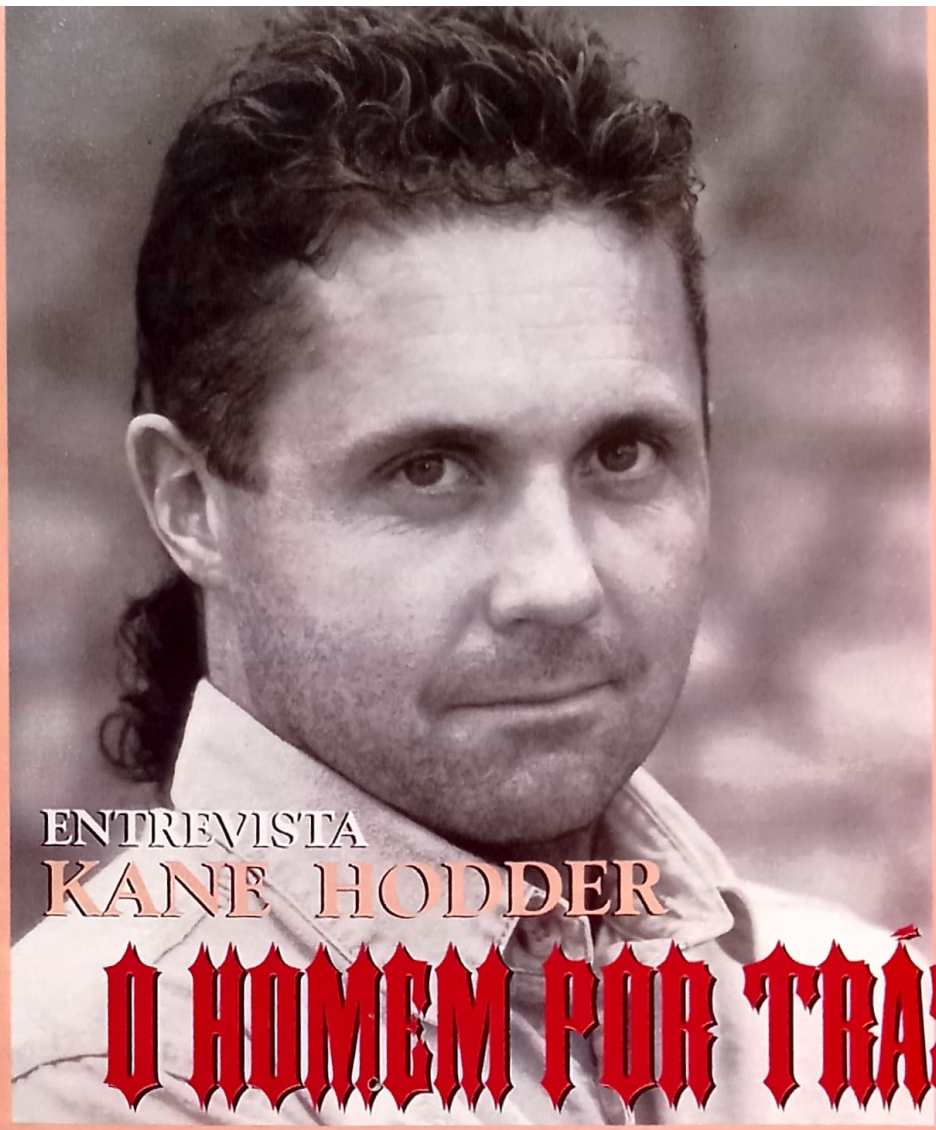
(Rindo) Não, eu entendo perfeitamente. Acho que foi um risco que corri. Se as pessoas assistirem ao filme, vão ver que é bem diferente, bem dirigido, com cenas interessantes. Não acho que vou ter nenhum problema para conseguir outros filmes.

A produtora New Line está anunciando este como o "último filme da série". Dá para acreditar?

Eles também me disseram isso, mas eu soube que Wes (*Craven, criador da série* A Hora do Pesadelo) e Sean estão pensando em fazer um filme juntando Jason e Freddy Krueger! *(Risos)*

André Barcinski, de Los Angeles

SET



ENTREVISTA KANE HODDER

O HOMEM POR TRÁS

CIC

JASON, PASSO A PASSO: NADA COMO UMA SEXTA APÓS A OUTRA ...

CIC

SEXTA-FEIRA 13
(EUA, 1980) Direção: Sean S. Cunningham. Com Adrienne King, Kevin Bacon. Warner.
O começo de tudo. Meninos vão para Camp Crystal Lake e encontram o capeta. Atenção para a participação do ator Kevin Bacon (*Footlose*). Mas preste bem atenção mesmo, porque ele leva uma espetada de Jason logo no começo do filme. Os atores são pavorosos e a história é boba, mas dá para assistir. Cena memorável: para escapar da mãe de Jason, que também é psicopata, uma menina ataca a coroa com um rolo de...barbante!

SEXTA-FEIRA 13 – PARTE 2
(EUA, 1981) Direção: Steve Miner. Com Adrienne King, Amy Steel, John Furey. CIC.
Cinco anos depois da primeira carnificina, jovens voltam para o camping de Jason. Esse filme tem algumas das cenas mais violentas de toda a série. Cena memorável: menina abre o armário e um louco sai gritando: "Vocês estão amaldiçoados! Vocês vão morrer!"

SEXTA-FEIRA 13 – PARTE 3
(EUA, 1982) Direção: Steve Miner. Com Danna Kimmell, Richard Brooker. CIC.
Ai, Jesus, o que é que eu fiz para merecer isso? O roteiro é uma estupidez que mistura hippies malucos e uma gangue de motoqueiros. A história se passa na tarde seguinte à matança do segundo filme, e ninguém ouviu falar que ali pertinho quinze pessoas haviam sido trucidadas 24 horas antes. O único da série filmado em 3-D. Cena memorável: Jason esmaga a cabeça de um garoto e o olho do coitado salta em direção à câmera. Em 3-D, o efeito ficou legal.

Warner

SEXTA-FEIRA 13 – PARTE 4 – O CAPÍTULO FINAL
(EUA, 1984) Direção: Joseph Zito. Com Crispin Glover, Kimberly Beck, Corey Feldman. CIC.
Esse é ruim demais. Jason ressuscita no necrotério e volta para Crystal Lake. Atenção para Corey Feldman (Conta Comigo, Goonies) no papel de um nerd. Cena memorável: menina furiosa enfia uma televisão gigante na cabeça de Jason. Isso aí que é o tal "poder da mídia"?

SEXTA-FEIRA 13 – PARTE 5 – UM NOVO COMEÇO
(EUA, 1985) Direção: Danny Steinman. Com John Shepard, Corey Feldman. CIC.
Atenção para a genialidade do roteiro. Corey Feldman, agora já nos seus 20 anos, está tão obcecado com Jason que vai ser tratado numa clínica psiquiátrica, que por coincidência fica... em Crystal Lake! Cena memorável: Jason enfia um fogo de artifício na boca de um infeliz, que fica com a cabeça fosforescente.

SEXTA-FEIRA 13 – PARTE 6 – JASON VIVE
(EUA, 1986) Direção: Tom McLoughlin. Com Jennifer Cooke, David Kagan. CIC.
Amigos saem à noite para um programa agradável: destruir o cadáver de Jason. Eles abrem o caixão e, quando estão prestes a botar fogo na criatura, vem um raio e ressuscita o doente. Atenção para a abertura do filme com as silhuetas de Jason ao me-

CIC

Pela terceira vez interpretando o personagem, o ator diz ser fã de filmes de terror desde criança e que adora ficar horas sendo maquiado

DA MÁSCARA

Como o dublê virou o ator com o papel principal do filme?

É uma coisa bem natural, o dublê vir a representar, porque tantas vezes nos filmes existem papéis pequenos para pessoas que acabam levando a maior surra *(risos)*, aquilo é um papel de dublê, e os produtores precisam de pessoas que sejam capazes de cumprir as duas tarefas, representar e ser dublê. E não são muitas as pessoas com essas qualificações. De todo modo, o grosso do meu trabalho ainda é sendo dublê.

Você é o único ator a ser Jason no cinema três vezes. Podemos chamá-lo de um amigo íntimo de Jason, já que vocês se encontraram tantas vezes?

Adoro fazer seqüências, especialmente com um personagem como esse. Tenho trabalhado como dublê há quinze anos, e sempre é mais divertido quando faço Jason: ele é tão descontrolado, quanto mais loucuras eu faço, mais os produtores gostam. E "revisitá-lo", por assim dizer, a cada ano e meio, dois anos, é muito gostoso, porque posso acrescentar algum detalhe novo que ainda não tenha sido tentado no personagem, ou posso modificar alguma coisa que não tenha gostado no filme anterior.

O que é diferente em Jason desta vez?

Desta vez ele é bem mais...versátil. Ele exerce influência sobre as pessoas e faz com que elas cometam os atos de maldade. E tem uma outra novidade: neste novo filme, eu represento também um segundo personagem, sem maquiagem, um policial que fala umas poucas e boas sobre Jason *(risos)*. E acaba morrendo, é lógico. *(risos)*

Então você mata a si mesmo?

Eu mesmo, eu também sou assassinado por Jason. *(risos)*

É frustrante o fato de o público não conhecer seu rosto?

Pode ser para alguém que não tenha começado a carreira sendo dublê. Mas para uma pessoa como eu, você se acostuma a estar sempre no fundo, com um ator à frente levando sozinho todo o crédito pelo papel. Você precisa ser parecido com o ator para que o *stunt* dê certo, então as pessoas quase nunca percebem que exista uma segunda pessoa representando o mesmo papel. Seu rosto nunca aparece. Quando comecei a fazer Jason, já estava acostumado a não mostrar meu rosto. Ao mesmo tempo, quando vou a algum evento especial freqüentado pelos verdadeiros fãs de filmes de terror, eles *sabem* como é minha cara. Eles me reconhecem, eles sabem quem eu sou.

Você gosta de filmes de terror?

Sempre gostei, desde criancinha. Ao mesmo tempo, foi um golpe de sorte ter vindo a trabalhar neste gênero. E foi sorte para os produtores também, porque eu curto tanto passar horas sentado na sala de maquiagem, sendo preparado para a filmagem.

É incômodo trabalhar com a máscara de hockey?

Pois é, entre uma tomada e outra eu posso tirar a máscara para respirar um pouco melhor. Mas neste último filme, não tive esse luxo por causa dos efeitos especiais. A máscara desta vez foi construída de maneira a parecer que ficou por tanto tempo sobre o rosto de Jason que a pele dele começou a crescer por cima da máscara.

José Emilio Rondeau

lhor estilo "007". Cena memorável: Jason mata um exército de praticantes de paintball.

SEXTA-FEIRA 13 – PARTE 7 – A MATANÇA CONTINUA

(EUA, 1988) Direção: John Carl Buechler. Com Lar Park Lincoln, Kane Hodder. CIC.
Menina com poderes paranormais sofre colapso nervoso e vai se tratar com um psicólogo em Crystal Lake. Ela enfrenta Jason criando todo tipo possível de "Poltergeist", como vasos voando, tetos caindo e por ai vai. Cena memorável: os poderes paranormais da menina ressuscitam mortos para combater Jason.

SEXTA-FEIRA 13 – PARTE 8 – JASON ATACA EM NOVA YORK

(EUA, 1989) Direção: Rob Hedden. Com Jensen Daggett, Scott Reeves, Kane Hodder. CIC.
Esse não é só o mais ridículo de todos, como é um dos piores filmes já feitos desde Melies. Jason entra em um barco e destrói tudo e acaba em Manhattan. Chame os amigos, compre uma pipoca e aproveite. Se quiser, pegue *Desejo de Matar 3* e faça uma sessão dupla inesquecível. Cena memorável: todas as cenas são dignas de nota, mas, quando Jason esmaga uma menina metaleira usando uma guitarra, você sabe que está presenciando um momento mágico.

SEXTA-FEIRA 13 – PARTE 9 – JASON VAI PARA O INFERNO – A ÚLTIMA SEXTA-FEIRA

(EUA, 1993) Direção: Adam Marcus. Com Kane Hooder, Kari Keegan, Andrew Josh. Lançamento previsto nos cinemas em dezembro pela Europa/Carat.
Jason leva chumbo da polícia mas seu espírito sobrevive e começa a pular de um corpo para outro. Um caçador de prêmios famoso por matar assassinos seriais sai atrás do Belzebu. Cena memorável: numa lanchonete de Crystal Lake, o prato do dia é "Voorhees burger" com "batatas Jason" *A.B.*

Chacina em Números

- **Pessoas sacrificadas por Jason, somando seus nove filmes: 143.**
- **Quantidade de advertências do tipo "Não vá para Crystal Lake, o lugar é maldito" ou "Se eu fosse você, não iria para aquele lugar": dezenove**
- **Cadáveres encontrados escondidos num armário ou pendurados no teto: 83**
- **Vítimas que sonham com Jason: dezessete**
- **Quantas vezes alguém diz frases do tipo "Espere um minuto que eu já volto" ou "Vou só ver que barulho foi aquele lá fora..." E nunca volta: dezenove vezes**
- **A indústria automobilística tem uma afeição toda especial por Jason. Sete de suas vítimas foram chacinadas pelo psicopata depois que seus carros enguiçaram ou simplesmente atolaram em algum lamaçal.**
- **Somando seus nove filmes, Jason já levou mais de cinqüenta tiros, foi esfaqueado 23 vezes, levou cinco machadas, foi atropelado por um trator e por um carro e já foi atingido na cabeça dezenove vezes com vasos, pedaços de madeira, um sofá, duas cadeiras, uma estante e até uma televisão. E sobreviveu.**
- **Desde 1980 quando foi lançado o primeiro filme, houve 25 sextas-feiras 13. Para ter nove seqüências, a série deveria ter iniciado no ano de 1984.**

Fita de Primeira Preço de Segunda

Na Jointvideo fita nova ou usada, lançamentos pronta-entrega e raridades a preços mais atraentes do que nunca.

A Jointvideo está de casa nova e acaba de ampliar o acervo para 15 mil fitas. O Fita Express Jointvideo - recém-criado serviço de entrega 24 horas já é sucesso entre as locadoras de São Paulo e Grande São Paulo. As reservas passaram a ser feitas por computador. O preço de tudo isso? Ficou ainda mais baixo, com o atendimento de sempre, qualidade, variedade dos títulos e garantia de 3 meses. E mais: permuta, facilidades no pagamento e remessas via Sedex para todo o País. Acessórios de alto padrão direto do fabricante.
Jointvideo: qualidade que não custa mais.

JOINTVIDEO
COMERCIO E DISTRIBUIÇÃO DE FITAS LTDA.

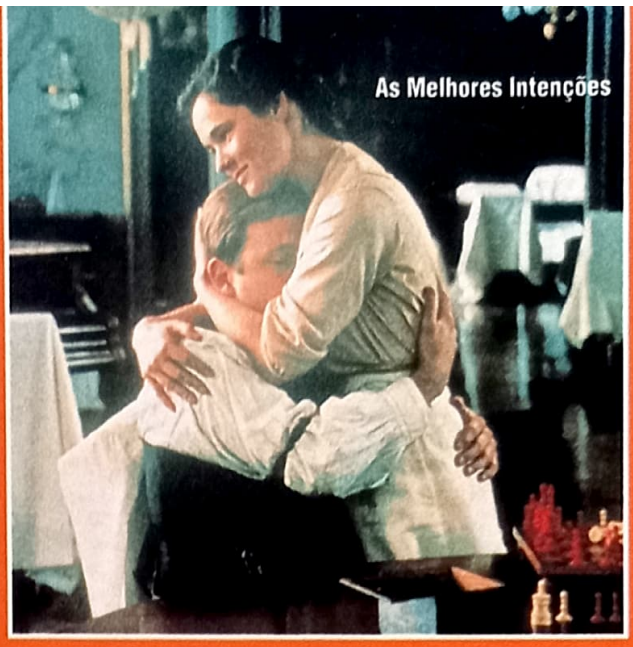
SÃO PAULO - SP
Av. Gal. Ataliba Leonel, 411
Santana (próximo à Estação Carandiru do Metrô) CEP 02033-000
Fone:(011)290.0811/Fax:(011)267.6120

RECIFE - PE
R. João Coimbra, 99
Madalena CEP 50610-310
Fone/Fax: (081) 228.3988

Foto Juca Martins

ÊNFASE COMUNICAÇÕES

Questão de Honra


As Melhores Intenções

Mês bem diversificado: há desde clássicos do cinema, como *Gigi*, até a versão *trash* dos dinossauros de Spielberg cometida por Roger Corman, *Carnossauro*, passando pelo lançamento tardio, em vídeo, de *Quinteto Irreverente*. E a partir desta edição, SET identifica todas as fitas inéditas nos cinemas.

Carnossauro

A Megera Domada

Cyrano

COTAÇÕES

★ RUIM
★★ REGULAR
★★★ BOM
★★★★ ÓTIMO
★★★★★ OBRA-PRIMA

O olhar de Anne Brochet é insinuante, mas o alvo de sua paixão não é o nariz onipresente do Cyrano personificado por Depardieu

CYRANO ★★★

(França, 1990) Direção: Jean-Paul Rappeneau. Com Gérard Depardieu, Anne Brochet, Vincent Perez, Jacques Weber. LK-Tel/Columbia.

Mais caro filme produzido na França até então, *Cyrano* custou US$ 20 milhões (em setembro de 1993 estreou *Germinal*, de Claude Berri, que custou US$ 26 milhões). Foi uma aposta arriscada do diretor Rappeneau, que não abriu mão de manter a estrutura em versos alexandrinos da peça de Edmond Rostand (1868-1918). Pelo menos em termos comerciais deu certo: o filme teve cinco milhões de espectadores na França, ganhou dez César (o Oscar francês) e candidatou Gérard Depardieu ao prêmio da Academia de Hollywood. Cabe lembrar que, em 1950, Jose Ferrer foi o vencedor da estatueta dourada fazendo um Cyrano narigudo numa produção americana dirigida por Michael Gordon.

Cyrano é um herói de verso e espada afiados, dotado de um nariz tão grande que se aproxima da deformidade. É tão consciente de sua feiura que não ousa se declarar à bela Roxanne (Brochet). Ela, por sua vez, ama um cadete belo e vazio (Perez, que fez depois *A Viagem do Capitão Tornado e Indochina*). O cadete acha que lhe falta galanteria para se aproximar da moça. É salvo por Cyrano, que passa a escrever as cartas e os poemas que inflamam ainda mais a paixão de Roxanne.

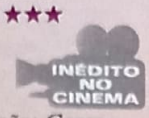
Cyrano e o cadete se completam no amor de Roxanne. Representam as duas faces do amor: o sagrado e o profano. Um, com sua beleza física; o outro, com a espiritualidade. O cadete apresenta como suas as criações de Cyrano. O arranjo funciona para os dois. O cadete realiza sua conquista e Cyrano aplaca seus demônios amando por procuração. É uma situação estranha para os padrões atuais. Talvez não seja tão estranha assim, nestes tempos bicudos de Aids. O diretor Rappeneau celebra o amor vicário. Canta a força da palavra, outra raridade na produção atual, que prefere exaltar os efeitos especiais. Não é bem por isso que o seu sucesso chega a ser surpreendente.

Na verdade, Rappeneau não se decide entre cinema e teatro e transforma a cena final num arrastado anticlímax. O bom final seria quando Cyrano se define como *répondeur du tac au tac*: o homem da resposta feita, que teve tudo e não foi nada. Apesar do brilho visual, *Cyrano* beira a chatice. O que segura o interesse é a performance eletrizante de Depardieu no papel-título. Ele perdeu o Oscar, porém, para Jeremy Irons, por *O Reverso da Fortuna*.

Luiz Carlos Merten

"(A performance de Depardieu) é edificante, magnífica e tocante, que faz o que qualquer caracterização honesta do lendário Cyrano deveria fazer: levar-nos a sonhar", *Rolling Stone*

PRISIONEIRO DO ÓDIO ★★★



(On the Streets of L.A., EUA, 1992) Direção: Georg Stanford Brown. Com Louis Gossett Jr., Blair Underwood, Rae Down Chong, David Harry. NCA.

Este é o terceiro trabalho de Stanford Brown na direção, que tem preferência por dramas e os tem realizado com competência – seu segundo filme, o teledocumentário *Vietnam War Story*, de 1988, foi muito bem recebido pela crítica. Em *Prisioneiro do Ódio*, Brown incursiona nos problemas de dois presidiários negros que se descobrem pai e filho. O jovem Williams (Underwood) já cumpriu sua pena de dois anos, mas só obterá a liberdade se aceitar morar com o pai, Clay (Gossett Jr.), o qual odeia por ter abandonado sua família. É a partir daí que a vida dos dois se torna um verdadeiro inferno. Infelizmente, o diretor abre espaços para a condescendência, próximo ao final.

Deborah Peleias

DELINQÜÊNCIA ATRÁS DAS GRADES (MERY PARA SEMPRE)★★★

(Mery per Sempre, Itália, 1989) Direção: Marco Risi. Com Michele Placido, Alessandro Di Sanzo, Francesco Benigno. Look.

GAROTOS DE RUA ★★★

(Ragazzi Fuori, Itália, 1990) Direção: Marco Risi. Com Francesco Benigno, Alessandro Di Sanzo. Look.

Italiano também tem seu massacre da Candelária. Que o diga Marco Risi. O diretor italiano, filho do mestre da comédia Dino *Perfume de Mulher* Risi, foi às ruas de Palermo e, no melhor estilo Rossellini, convocou um exército de menores abandonados para integrar o elenco deste drama realista. A maioria dos "atores", se não foi morta pela polícia (como Di Sanzo, o homossexual Mery), continua à mercê da marginália. *Delinqüência Atrás das Grades* não tem o apuro dramático de um *Pixote*, nem transcende a miséria das sarjetas como *Os Esquecidos*, de Buñuel, mas é um filme-tendência na Itália, responsável, junto com *Ladrões de Criança*, de Gianni Amelio, pelo ressurgimento de uma corrente neorealista. *Garotos de Rua* é uma seqüência. Se na primeira parte Risi encerra os jovens num reformatório com um professor idealista (Placido, único ator profissional em cena), nesta continuação mostra-se a turma livre das grades, mas prisioneira da cidade. A seqüência é melhor. Os paralelos com a realidade, porém, os tornam obrigatórios.

Hamilton Rosa Jr.

PROPOSTA INDECENTE ★★

(Indecent Proposal. EUA, 1993). Direção: Adrian Lyne. Com Robert Redford, Demi Moore, Woody Harrelson, Oliver Platt. CIC.

Desde *9 1/2 Semanas de Amor*, todo mundo já sabia que o cinema de Lyne, com suas mensagens "subliminares" sobre as maravilhas do sucesso financeiro e sobre os perigos dos excessos sexuais, nada mais era que uma extrapolação dos comerciais de televisão. Ninguém conhece melhor a libido e a paranóia da classe média mundial do que Lyne (dirigiu também *Atração Fatal*). Por isso mesmo, a trama deste filme, na qual um homem oferece 1 milhão de dólares para dormir com a mulher de outro, serviu-lhe como uma luva. O maior sonho machista (o de "possuir" uma mulher

AS MELHORES INTENÇÕES ★★★

(The Best Intentions/Den Goda Viljan, Suécia, 1991) Direção: Bille August. Com Samuel Fröler, Pernilla August, Max Von Sydow, Ghita Norby. Europa/Carat.

Ingmar Bergman venceu a Palma de Ouro de 1992. Apesar de não dirigir desde 1986, quando realizou o telefilme inédito *O Sinal*, foi graças ao seu roteiro que *As Melhores Intenções* levou o prêmio máximo. Não há outra explicação para o fato do diretor sueco Bille August ter levado a láurea apenas três anos depois de tê-la recebido pelo belíssimo *Pelle, o Conquistador*.

Bergman narra aqui como seus pais se conheceram em 1909, ele um estudante de teologia, ela filha de uma família abastada. A relação, é claro, não contava com a aprovação dos pais da jovem. Mesmo depois de se casarem, anos mais tarde, os dois nunca viveram um mar de rosas. O roteiro desenvolve muito bem os personagens em meio a fatos esquemáticos e sucessivos. Falta a August a consistência artística de Bergman. Os espaços narrativos que se dispersam nas quase três horas de duração do filme seriam ricos em leituras com o *approach* bergmaniano.

August, porém, conduz o filme de forma acadêmica e tímida, contentando-se em apenas narrar uma história. Apesar de várias passagens de extrema beleza, esta opção é duvidosa, pois provoca uma narrativa arrastada, de emoções letárgicas. O elenco, felizmente, está muito bem (Pernilla August, esposa do diretor, levou a Palma de melhor atriz), o que enriquece as entrelinhas e prende a atenção do espectador. Este, porém, fica entre a entrega ao encanto da história e o desagrado ante filme de discurso tão anacrônico.

Christian Petermann

"As Melhores Intenções é uma arriscada e bem-sucedida jornada de um mestre contador de histórias pelos labirintos do coração humano", *Premiere.*

Os "pais" de Ingmar Bergman em um raro momento de paz matrimonial

terrivelmente cobiçada por outro) e o mais arcaico desejo feminino (o de ser terrivelmente cobiçada) adquiriram com Lyne sua expressão comercial definitiva. Num clima que se alterna entre comerciais de "lingerie", de cartão de crédito e de anéis de brilhante, Lyne produziu, com certeza, o filme com o qual cinéfilos de "shopping center" sempre sonharam.
Roberto Rios

EASY VIRTUE ★★
(Inglaterra, 1927). Direção: Alfred Hitchcock. Com Isabel Jeans, Franklin Dyall, Robin Irvine, Violet Farebrother. Continental. Filme mudo baseado na peça homônima do dramaturgo Noel Coward, *Easy Virtue* é um bom exercício para o cinema que Hitchcock faria em Hollywood. Ele tinha em mente filmar uma tragédia usando as tintas do cinema expressionista. Tudo que ele consegue, porém, é um dramalhão quase mexicano, que nos seus quase 55 minutos de duração se sustenta apenas pelos atores. Quase tudo se perde com a trilha sonora pseudo-religiosa, martelada o tempo todo na cabeça do espectador. A trama é esta: a jovem milionária Larita Filton (Jeans) depõe no tribunal, pois o marido matou seu possível amante. O tribunal a acusa de adúltera, e Larita procura uma praia no Mediterrâneo para espairecer. Lá conhece John Whittaker (Irvine). Casam-se e vão morar na mansão rural da família Irvine, onde ela dará de cara com a sogra, brilhantemente interpretada por Violet Farebrother. O final é patético, parece telenovela.
Francisco Costa

O casal em crise (Mia Farrow e Woody Allen) leva a amiga separada (Judy Davis) para um passeio pela Nova York típica do cineasta

MARIDOS E ESPOSAS ★★★

(Husbands and Wives, EUA, 1992) Direção: Woody Allen. Com Woody Allen, Mia Farrow, Sydney Pollack, Judy Davis, Juliette Lewis, Liam Neeson. LK-Tel/Columbia.
Os filmes de Woody Allen nunca demoraram muito para chegar ao circuito brasileiro. Nenhum chegou tão rápido quanto *Maridos e Esposas*. A distribuidora Columbia quis aproveitar o clima de baixaria que cercou, e ainda cerca, a separação de Allen e Mia Farrow. *Maridos e Esposas* é ótimo. Logo no começo, Woody e Mia recebem a visita de um casal de amigos. Sydney Pollack (diretor de *A Firma*) e Judy Davis (*Mistérios e Paixões*) anunciam que estão se separando. Woody e Mia entram em crise. No final, é o casamento deles que vai para o brejo, enquanto Pollack e Davis partem para a segunda chance. Allen solta sua câmera para ressaltar a impressão de instabilidade. Oferece belíssimos papéis a Davis e a Lewis (*Cabo do Medo*). Antecipa as agressões do divórcio no tratamento que dá à personagem de Mia: ela nunca esteve tão feia e neurótica.

Luiz Carlos Merten

"Allen nunca realizou algo tão engraçado quanto esta comédia sobre a separação; é um filme decisivo, repleto de atuações sublimes atentas para a violência cometida em nome do amor", *Rolling Stone*

VIAGEM DE AMOR ★★★
(Viaggio d'Amore, Itália, 1990) Direção: Ottavio Fabbri. Com Omar Sharif, Lea Massari, Florence Guerin, Stephane Bonnet, Leopoldo Tieste. Top Tape
Sharif e Massari interpretam dois velhinhos, Rico e Zaira, que vivem num paradisíaco vilarejo medieval na Itália e que nunca viram o mar. Espirituosos e com a ingenuidade própria das pessoas que, como eles, não conhecem a televisão, nem a vida nas grandes cidades, partem numa caminhada, beirando o rio, até alcançarem o oceano. Inspirado no poema "Il Viaggio", de Maggioli, o filme é uma parábola delicada sobre a sabedoria da vida, com vários momentos divertidos. A viagem funciona como uma metáfora da vida dinâmica e contemplativa que eles têm. Com diálogos simples, esse simpático casal extrai da bela natureza e das pessoas encontradas observações sobre o prazer de se viver.
Walter de Silva

OS ÚLTIMOS REBELDES ★★★
(Swing Kids, EUA, 1992.) Direção: Thomas Carter. Com Robert Sean Leonard, Christian Bale, Barbara Hershey, Kenneth Branagh, Frank Whaley. Abril Vídeo.
Hamburgo, 1939: desafiando as autoridades nazistas, os *swing kids* Peter (Leonard) e Thomas (Bale) vão aos clubes dançar o jitterbug e ouvir ídolos proibidos, como Artie Shaw (um judeu) e Count Basie (um negro). Pressionados, aderem à Juventude Nazista e enfrentam pesados dramas de consciência. Leonard (*Sociedade dos Mortos Vivos*) é certamente um talento que desponta. Hershey (*Amigas para Sempre*), sua mãe, divide-se entre a memória do marido músico morto pelos nazistas e a proteção dos filhos, o que a leva a conviver com Herr Knopp (Brannagh), um agente da Gestapo. Boa fotografia, convincente recriação de época e uma trilha sonora sacudida pelas *big bands*.
José Eduardo Mendonça

RAMONA – A AVENTURA DE SER MULHER ★★★
(Ramona, EUA, 1992) Direção: Jonathan Sarno. Com Heidi Von Palleske, Henry Sinclair, Jason Scott. TV Vídeo.
INÉDITO NO CINEMA
Quem passar por cima do título duvidoso, pode até arriscar esta curiosa comédia pós-Jarmuschiana, que andou fazendo algum sucesso em festivais internacionais. É o segundo filme de um cineasta promissor, que dirige com total leveza um elenco simpático. A trama é a enésima variação do estrangeiro nos EUA, mote por excelência de um certo cinema "modernex" (*Estranhos no Paraíso, Eu Estive em Marte* etc.). A desinibida Ramona, mexicana-européia interpretada pela canadense Von Palleske, parte da idéia de que é necessário agir segundo alguns princípios moralizantes – por mais intuitivos e tortuosos que estes sejam. Tudo para azar de Sinclair, misto de *yuppie* e *looser*, que ela escolhe para fazê-la atravessar ilegalmente a fronteira dos Estados Unidos e para hospedá-la em Los Angeles. É por isso que os caminhos desse quase-*road-movie* conduzem a uma história com começo, meio e final (feliz).
Alex Antunes

OS SAQUEADORES ★★★★

(Trespass, EUA, 1992)

INÉDITO NO CINEMA

Direção: Walter Hill. Com Bill Paxton, Ice T, William Sadler, Ice Cube. CIC.

Uma fusão de *Cães de Aluguel* com *A Ilha do Tesouro*. No lugar de piratas ou índios, uma gangue de negros. No lugar de uma ilha ou de um forte apache, um galpão abandonado. Neste galpão – no meio de uma grande cidade, mas ao mesmo tempo longe da civilização – desenrola-se a ação. *Os Saqueadores* não tem heróis. Os dois protagonistas parecem personagens saídos dos antigos gibis da EC Comics (uma das principais influências de Hill). Seres carregados de Culpa, condenados à Danação Eterna porque em determinado momento da aventura cederam à Cobiça e escolheram o caminho do Pecado. Hill escolheu, para tanto, dois atores habituados a fazerem papéis de vilões, Paxton e Sadler. Ice T faz bem a pose de grande guerreiro orgulhoso, mas rapper por rapper, Ice Cube se dá melhor como o jovem guerreiro invocado. Já o guitarrista Ry Cooder (habitual colaborador de Hill) brinca de fazer rap com sua guitarra *bluesy*. O resultado é impecável, como todo o filme.

Rogério de Campos

RADIO FLYER ★★★

(EUA, 1992)

INÉDITO NO CINEMA

Direção: Richard Donner. Com Elijah Wood, Joseph Mazzello, Lorraine Bracco, Adam Baldwin, Tom Hanks. LK-Tel/Columbia.

Donner, diretor dos três *Máquina Mortífera*, fez este filme sobre a fantasia infantil sem cair no drama de apelo fácil. Em 1969, abandonada pelo marido, mulher e seus dois filhos (os ótimos Wood e Mazzello) recomeçam a vida na Califórnia. Ela se casa com King (um dos irmãos Baldwin), que bebe muito e espanca o mais novo quando a esposa não está presente. Por serem garotos na faixa dos dez anos, os irmãos dão asas à imaginação como fuga ao pavor imposto pelo padrasto e à infelicidade silenciosa da mãe. Donner, assim como Steven Spielberg fez em *E.T.*, filme com o qual guarda curiosas semelhanças, trabalha a câmera com o ponto de vista dos garotos. O padrasto é quase sempre visto na altura da cintura, sem mostrar o rosto: um vulto assustador com uma lata de cerveja na mão. O resultado é uma aventura dramática familiar e emocionante.

W. S.

O SENHOR DAS MOSCAS ★★

(Lord of the Flies, EUA, 1990)

INÉDITO NO CINEMA

Direção: Harry Hook. Com Balthazar Getty, Chris Furrh, Danuel Pipoly. Mundial.

Remake do filme dirigido por Peter Brook em 1963, a partir do livro homônimo do prêmio Nobel *Sir* William Golding. Turma de escolares americanos (ingleses, no original) fica isolada numa ilha após um naufrágio. Liderados por Ralph (Getty), os meninos acabam desembocando na barbárie. O filme de Brook é bastante superior, mas este ainda serve como boa metáfora do caminho que pode trilhar a humanidade quando pautada apenas por seus instintos.

J.E.M.

GUNCRAZY – HOWARD & ANITA, JOVENS AMANTES ★★★

(Guncrazy, EUA, 1992) Direção: Tamra Davis. Com Drew Barrymore, James LeGros, Michael Ironside, Joe Dallesandro, Tracey Walter. Paris.

Desde que se reabilitou do vício das drogas, Barrymore tem se caracterizado por papéis de ninfeta sedutora e perigosa (ver *Relação Indecente*, em "Suspense"). Aqui ela interpreta uma jovem que transa com todos, mora com o namorado da mãe heroinômana (que também se serve dela) e que se apaixona por um presidiário com o qual mantém correspondência. Texas, deserto americano, cidadezinha sem perspectivas: fascinados por armas, Howard (LeGros, de *Drugstore Cowboy*) e Anita (Barrymore) sonham com um futuro classe média recheado de adrenalina. O destino os encurrala, forçando-os a pôr o pé na estrada ao som pesado de grupos como Sonic Youth, Suicidal Tendencies, The Beastie Boys e Helmet. O elenco é *cult* total, com destaque para um decadente Dallesandro (ex-muso de Andy Warhol) no papel do "padrasto" de Anita. O roteiro resolve mal algumas de suas passagens, mas o conjunto não deixa de ser uma aventura *teen* de grande potencial.

Christian Petermann

Jeffrey Hunter, ator de vida ilibada, personificaum Cristo aprovado pelo Vaticano

O REI DOS REIS ★★★

(King of Kings, EUA, 1961) Direção: Nicholas Ray. Com Jeffrey Hunter, Siobhan McKenna, Robert Ryan, Viveca Lindfors, Rip Torn. Warner.

Há um mistério de pai e filho no cinema de Nicholas Ray. Passa pelo *cult movie Juventude Transviada*, com James Dean, e chega a *O Rei dos Reis*, primeiro épico do cineasta realizado para o produtor Samuel Bronston. Assim como o segundo, *55 Dias em Pequim*, foi rodado na Espanha. Ray sempre foi atraído pelo sangue dos inocentes (*Sangue Sobre a Neve*) e pelos heróis linchados (*Quem Foi Jesse James?*, que costuma passar na TV como *A Verdadeira História de Jesse James*). Encontrou tudo isso na sua versão da vida de Jesus Cristo.

São admiráveis, pela agonia que transmitem, imagens como a do rosto de Jeffrey Hunter aureolado pela coroa de espinhos. O ator foi escolhido para o papel por sua vida regrada. Até o Vaticano aprovou a escolha. Apesar disso, o filme não convence. Ray não conseguiu captar a essência do homem Jesus, como Pier PaoloX Pasolini (*O Evangelho Segundo Mateus*) e Martin Scorsese (*A Última Tentação de Cristo*) tentaram fazer depois. Por pressão do produtor Bronston, que sonhava com uma saga hollywoodiana capaz de ofuscar Cecil B. De Mille, há um excesso de personagens secundários atravancando as cenas. É também carola demais. É pena, porque há momentos em que os jogos de olhares são perfeitos para ilustrar o que o cineasta, ídolo de Jean-Luc Godard e Wim Wenders, gostava de dizer: "O cinema é a melodia do olhar".

Luiz Carlos Merten

"O filme espertamente substitui caracterizações por orgias. O diretor inseriu muitos símbolos ao longo da obra, evitando as banalidades da arte religiosa massificada", *Video Movie Guide*

A MEGERA DOMADA ★★★

(The Taming of the Shrew. EUA/ Itália, 1967.) Direção: Franco Zeffirelli. Com Richard Burton, Elizabeth Taylor, Michael York. LK-Tel/Columbia.

É fácil acusar o diretor Zeffirelli de ser excessivamente maneirista. Mas é também forçoso elogiá-lo pela competente tradução cinematográfica de peças que, em mãos de terceiros, transformam-se em teatro filmado. Ele, que um ano depois desta *Megera* levou às telas outra obra de William Shakespeare, *Romeu e Julieta*, que o consagraria mundialmente, apesar da leitura terrivelmente lacrimosa, consegue criar movimento e encanto com dois atores, Burton e Taylor, ideais para os respectivos papéis. Aqui, eles repetem suas rusgas como casal (na vida real) interpretando Petruchio e Katharina. Katharina, intempestiva, é a irmã mais velha da doce Bianca, que não pode se casar enquanto a irmã não desencalhar. E quem é que vai querer tal dragão como esposa? Petruchio, o grosseirão, o bêbado, que consegue domar a fera, liberando a irmã para o cavalheiro Lucêncio (York). Muita diversão e grande requinte visual nesta que foi a sexta peça escrita pelo bardo, mas na qual a carpintaria já se encontrava amadurecida. A trilha sonora é de Nino Rota, que em 1968 conquistaria o Oscar pela música de *Romeu e Julieta*.

José Eduardo Mendonça

"Os roteiristas fizeram um bom trabalho, inserindo diálogos sem abusar da memória do bardo", *Variety Movie Guide*

As brigas entre megera e marido lembram muito a relação entre Taylor e Burton

QUINTETO IRREVERENTE ★★★★

(Amici Miei Atto 2, Itália, 1982) Direção: Mario Monicelli. Com Ugo Tognazzi, Philippe Noiret, Adolfo Celi, Gastone Moschin, Renzo Montagnani. Concorde.

Em 1974, Pietro Germi morreu deixando pronto o roteiro de *Meus Caros Amigos*. Monicelli resolveu homenagear o amigo: filmou o roteiro seguindo escrupulosamente as indicações de Germi. Não considera o filme como seu. O sucesso de público foi tão grande que Monicelli resolveu retomar o assunto, fazendo *Quinteto Irreverente*. Lançamentos europeus em vídeo não são muito freqüentes. Vale conhecer, ou rever, já que Monicelli não brinca em serviço. São quatro amigos cinqüentões (o personagem de Noiret faleceu na primeira parte, reaparecendo apenas em *flashbacks*) que levam a vida como eternos adolescentes. Começam o filme, por exemplo, dando tapas na cara dos atônitos viajantes de um trem, idéia que vem do filme anterior. O humor é permeado de melancolia e tristeza. O desfecho não poderia ser mais negro em sua crueldade, atingindo como um raio o "quinteto" machista e irreverente.

Luiz Carlos Merten

NÃO CHAME A POLÍCIA ★★★

(Amos & Andrew, EUA, 1993) Direção: E. Max Frye. Com Nicolas Cage, Samuel L. Jackson, Dabney Coleman, Michael Lerner. Vídeo Arte.

INÉDITO NO CINEMA

Quando o cinema decide ironizar as instituições mais caras aos americanos, como a democracia e os direitos humanos, não sobra pedra sobre pedra. É o que acontece com esta comédia extremamente inteligente e crítica. Andrew (Jackson) é um dramaturgo negro de sucesso na Broadway que decide comprar uma casa de férias em sossegada ilha. No seu primeiro final de semana na nova casa, os vizinhos o tomam por ladrão e os policiais o recepcionam a balas. Quando o chefe de polícia, candidato a um posto político na cidade, descobre o engano, promete liberdade ao prisioneiro Amos (Cage) se ele se fizer passar pelo homem que atirou em Andrew. A farsa toma rumos inesperados. Os esquetes movimentados e bem-humorados e o choque de personalidades entre o rústico Amos e o requintado Andrew, inconsolável com o racismo de que foi vítima, garantem o ritmo do filme.

Fátima Gigliotti

UM DISTINTO CAVALHEIRO ★★★

(The Distinguished Gentleman, EUA, 1992) Direção: Jonathan Lynn. Com Eddie Murphy, Lane Smith, Joe Don Baker, Kevin McCarthy. Abril.

Na tradição das comédias sociopolíticas de Frank Capra, surge esta divertida fábula sobre um vigarista (Murphy, em personagem mais maduro do que de costume) que descobre que a política em Washington é uma forma muito mais lucrativa de crime. Como nos clássicos de Capra (e no recente *Presidente por um Dia*), o protagonista atravessa um processo de conscientização, trocando o papel de participante passivo de um sistema corrupto por um de agente renovador da democracia americana. Murphy não possui a ingenuidade e a integridade de James

Stewart ou Gary Cooper. Por esta razão, a mudança de atitude do personagem acontece, no início, quase que por acaso (como com Dustin Hoffman em *Herói por Acidente*). Como o filme foi um inesperado fracasso de bilheteria nos EUA, podemos suspeitar que os fãs de Murphy não estão preparados para uma versão "politicamente correta" de seu ídolo. Disponível nas versões dublada e legendada.
R.R.

UMA MULHER PARA DOIS ★★★
(Mad Dog and Glory, EUA, 1992.) Direção: John MacNaughton. Com Robert De Niro, Bill Murray, Uma Thurman. CIC Vídeo.
"O que minhas fotos mostram é a pior espécie de desamparo", diz o desamparado Wayne "Mad Dog" (De Niro), um fotógrafo da polícia de Chicago especializado em presuntos. Ele gostaria de ser um fotógrafo de verdade, e diz a frase a Glory (Thurman), uma garçonete que queria ser atriz de verdade e que é usada pelo comediante barato Frank (Murray), um pequeno mafioso a quem o irmão de Glory deve favores. De Niro, que costumamos ver em papéis durões, surpreende como um homem mais que pacato. Thurman é uma Glory quase trêmula e pedinte em sua fragilidade. Murray passa bem aquele tipo de alma que se imagina grande e inabalável, não fosse Frank tão patético. É um mundo de *small-timers*, em que quase sempre é noite.
J.E.M.

A GRANDE ESCAPADA ★★★
(La Grande Vaudrouille, França, 1966) Direção: Gérard Oury. Com Louis De Funès, Bourvil, Terry-Thomas, Claudio Brook, Andrea Parisy, Marie Dubois. VTI.

O selo Vídeo Nostalgia da distribuidora tem como maior mérito desencavar pequenas pérolas do passado, como esta comédia do mesmo diretor (e também ator, De Funès) de *As Aventuras de Rabbi Jacob*. Para o público brasileiro, mais acostumado com as produções americanas, *A Grande Escapada* pode não causar muito impacto, e muito menos fazer rir, pois tem um tipo de humor muito peculiar, típico da efervescente década de 60. Oury tira um sarro deslavado do exército alemão ao mostrá-lo incapaz de caçar três soldados da Força Aérea inglesa, cujo avião foi avariado sobre a Paris ocupada pelos nazistas. Esta comédia é uma das maiores bilheterias do cinema francês, tendo permanecido em cartaz por quase doze meses quando de seu lançamento.
D.P.

O poder do rei se limita à continência de seus súditos; quanto a ver a rainha nua...

O REI PASMADO E A RAINHA NUA ★★★★

(El Rey Pasmado, Espanha/França/Portugal, 1991) Direção: Imanol Uribe. Com Gabino Diego, Juan Diego, Eusebio Poncela, Laura del Sol, Maria Barranco, Anne Roussel, Joaquim de Almeida, Fernando Fernan Gomes. Top Tape.

Contemporaneamente a *Sedução* (92), estreou no país outra produção espanhola recente que emplacou junto ao público graças a um bom trabalho de divulgação boca-a-boca. Trata-se de *O Rei Pasmado e a Rainha Nua*, a impressionante adaptação do romance *Crónica del Rey Pasmado*, de Gonzalo Torrente Ballester, o primeiro escritor espanhol a receber o Prêmio Cervantes (em 1985), a mais alta honraria literária de seu país. É ele que co-escreve o roteiro, sendo um dos responsáveis pelo sucesso da fita.

O diretor Uribe, até então inédito comercialmente no Brasil, revela um olhar agudo para transpor em imagens o universo sofisticado elaborado por Ballester. A novela adaptada ambienta-se durante a Inquisição espanhola. Em 1620, o jovem rei Felipe IV perde a virgindade com a prostituta mais bem paga do reino. Fica fascinado com o sexo oposto e faz questão de ver sua esposa nua. Seu desejo inquieta a nobreza e, especialmente, a facção conservadora da Igreja, que até então conseguiu afastar os cônjuges para que estes saboreassem o sexo com o único intento de procriar.

O diretor poderia ter optado pelo caminho fácil da farsa. Escolheu, porém, o caminho mais complexo e foi bastante bem-sucedido. Ele narra esta saga sobre a ignorância e a hipocrisia humanas, com subtextos ricos e fortemente místicos, de maneira igualmente sutil e óbvia. Uribe é ao mesmo tempo comedido e radical na composição de seus personagens, obtendo um meio termo tão raro quanto sofisticado. O brilhante elenco só contribui para que a fita se revele um passatempo agradável, leve, mas em todos os instantes elaborada e inteligente. Não à toa, levou os prêmios do júri e do público no Festival del Film Ibérico y Latinoamericano de Biarritz, em 1992, além de arrebatar oito dos quatorze Goyas (o Oscar espanhol) em seu ano, dentre os quais o de roteiro adaptado. *A real winner*!

Christian Petermann

"O filme de Uribe é o tipo de cinema imprescindível, hoje em dia, na Espanha, no qual a ambição de inteligência e refinamento não interfere em sua rentabilidade", *El País*

CARNOSSAURO ★★★

INÉDITO NO CINEMA

(Carnosaur, EUA, 1993)
Direção: Adam Simon. Com Diane Ladd, Raphael Sbarge, Jennifer Runyon, Clint Howard. Califórnia.

Senso de humor, é isso que falta no mundo. Se nosso planeta não fosse um lugar tão sério, tão carracundo, Charles Bronson seria o ator mais querido e Roger Corman estaria mais rico do que Steven Spielberg.

Mas cinéfilo exige qualidade. Não vê filmes de terror porque "os atores são ruins" ou porque "a história não faz sentido". Quando, mudando de canal na TV, dá de cara com um filme de Godzilla, fica indignado com o zíper nas costas do monstro e muda rápido para ver um documentário sobre o fenômemo da pororoca. Se você é uma destas pessoas, sem dúvida vai acabar odiando *Carnossauro*, produzido por Roger Corman.

Analisando friamente, o filme é uma bomba. O roteiro é uma estupidez sem tamanho, e as atuações são sofríveis. Diane Ladd (mãe de Laura Dern, atriz de *O Parque dos Dinossauros* – sentiram a "citação"?) faz uma cientista maluca que pretende destruir a raça humana. Para isso, ela cria geneticamente dinossauros a partir de ovos de galinha.

Se no quesito "competência", *Carnossauro* receberia nota zero, o filme é aprovado com louvor na categoria "diversão escapista". Só a cena em que um velociraptor devora um grupo de hippies vegetarianos depois que um dos cabeludos saúda o bicho com um "alô, meu amigo verde" vale a grana gasta com a locação da fita.

Outra cena memorável é a de Ladd, já em estado terminal de esquizofrenia, "chocando" um ovo como se fosse uma galinha. Quem se não Corman conseguiria fazer uma atriz consagrada se submeter a cena tão humilhante e ao mesmo tempo tão engraçada?

Trata-se de um excelente filme ruim, na tradição de *Tarântula* e da já citada série *Godzilla*. Infelizmente, vai acabar esquecido nas prateleiras das videolocadoras, como aconteceu com os recentes *O Ataque dos Vermes Malditos* e *Eles Vivem*, dois filmes extraordinários.

André Barcinski

"A fábrica de filmes de Roger Corman, sempre atenta, é mais uma vez a primeira no mercado, agora com uma sensação oportunista", *Variety*

O ataque de um dos dinossauros fake criados por Corman

PESADELO FUTURO ★★

INÉDITO NO CINEMA

(Mindwarp, EUA, 1991.)
Direção: Steve Barnett. Com Bruce Campbell, Marta Alicia. LK-Tel/ Columbia.

Uma produção da revista gosmenta *Fangoria*, cheia de mutantes canibais, mortes brutais, vermes nojentos e esguichos de vermelho-tinto. A história é pilhagem dos clichês que a revista costuma criticar. Passa-se num futuro pós-apocalíptico, no qual os habitantes de um abrigo levam uma vida tão limitada que só lhes resta sonhar, sonhos induzidos por computador. Mas uma mocinha se rebela contra esse mundo tão Philip K. Dick, querendo viver de verdade. Sai do seu quarto ascético, chupado de *THX 1138*, de George Lucas, para o mundo de mutantes baratos dos filmes de Roger Corman. Claro, tudo não passa de um bom pesadelo. Bem fotografado, é verdade, mas pouco assustador.

M. P.

SOLAR CRISIS ★★

(Solar Crisis, EUA/ Japão, 1992) Direção: Alan Smithee. Com Tim Matheson, Charlton Heston, Peter Boyle, Jack Palance, Annabel Schofield. Alpha.

Em 2050, a Terra está ameaçada de ser torrada por uma labareda gigante do Sol. Uma nave é enviada para desviar o fogaréu, mas há um sabotador a bordo. O roteiro desta caprichada produção para a TV a cabo parece uma seqüência de trailers de sucessos da ficção científica. Tem uma dose de *2001*, outra de *Guerra nas Estrelas*, pitadas de *Blade Runner* e até de *Mad Max*. A mistura, porém, é mal-feita. Muitos personagens ficam perdidos nesta estratégia picareta de citar tantas fontes. O final, então, chega a ser grotesco. De positivo: a trilha sonora de Maurice Jarre, a co-produção do mestre dos efeitos Richard Edlund e uns dólares extras para as aposentadorias dos veteranos Heston, Palance e Boyle.

M. S.

ASSASSINATO NO COLÉGIO ★★

INÉDITO NO CINEMA

(Cutting Class, EUA, 1989)
Direção: Rospo Pallenberg. Com Brad Pitt, Donovan Leitch, Roddy McDowall, Jill Schoelen. LK-Tel/ Columbia.

Imagine um filme da série *A Hora do Pesadelo* sem Freddy Krueger. É a melhor definição para este terror juvenil preso a tantos outros clichês do gênero. Depois de ter sido tratado numa clínica para loucos, por ter assassinado o pai, Leitch volta à escola e não é mais aceito pelo amigo Brad Pitt e pela namorada Schoelen. Apesar de o roteiro brincar com a idéia de quem é o verdadeiro

A TRAGÉDIA DO ANO EM EDIÇÃO HISTÓRICA

Você vai ter um relato emocionante que culmina com o trágico fim do maior mito dos quadrinhos. Não perca pra não morrer de arrependimento depois.

Abril Jovem

- **Edição especial**
- **A saga completa**
- **160 páginas**

Nas bancas, a partir da 2ª quinzena de novembro.

TERROR • FICÇÃO

METRÓPOLIS ★★★★★
(Metropolis, Alemanha, 1926)
Direção: Fritz Lang. Com Brigitte Helm, Alfred Abel, Gustav Froelich, Max Schreck. Continental.

Um dos últimos e mais fascinantes exemplos do cinema mudo (que acabaria no ano seguinte, com *O Cantor de Jazz*). É também um dos maiores marcos da ficção científica, cujas influências chegam até o mais recente *Blade Runner*. Seu espetacular desenho de produção *art déco* futurista já basta para torná-lo um dos grandes clássicos do cinema expressionista alemão. A história é um libelo simplório e demagógico sobre uma sociedade injusta, que oprime trabalhadores e protege elites ociosas. Mas a narrativa quase épica de Lang (como nas inesquecíveis seqüências com as massas de escravos-zumbis entrando nas fábricas) compensa qualquer ingenuidade. De quebra, há ainda o primeiro e mais bonito robô da história do cinema. Já as técnicas de interpretação no cinema mudo visavam algo completamente estilizado e artificial, que pudesse ao mesmo tempo prescindir dos diálogos falados e compensar a ausência. Repare nas bizarras expressões facias que a atriz Helm usa para diferenciar seu papel duplo como Maria e o robô-sósia. Infelizmente, este lançamento tem 30 minutos a menos do que a versão original, o que explica alguns saltos abruptos na história. Mesmo assim, é muito superior à versão completa que o compositor Giorgio Moroder "modernizou" com música pop em 1987.

Roberto Rios

assassino (Brad ou Donovan?), as revelações decepcionam. Vale apenas para ver Pitt, em começo de carreira, num ótimo desempenho.
W. S.

BABYLON 5 – ESTAÇÃO ESPACIAL ★★★
(Babylon 5, EUA, 1993)
Direção: Richard Comton. Com Michael O'Hare, Tamlyn Tomita, Tony Doyle, Mira Furlan. Warner.
Este interessante esforço de ficção científica "alternativa" para a televisão merece nota dez em coragem. Muitos tentaram enfrentar o mega-sucesso *Jornada nas Estrelas* e fracassaram. Com 25 anos de vantagem e milhões de fãs no mundo todo, *Star Trek* costuma devorar sua competição sem maiores cerimônias. O que sai em vídeo no Brasil é o piloto de uma nova série, que estará chegando às televisões americanas em janeiro de 1994. A Babylon 5, como indica o título, é uma estação espacial localizada em ponto estratégico da galáxia. A trama gira em torno dos seus habitantes regulares e dos problemas que enfrentam ao administrar conflitos entre as várias raças alienígenas que por lá passam. Apesar dos clichês da história, a produção é bem cuidada e faz excelente uso de computação gráfica (ao contrário de *Star Trek*, que utiliza modelos). Para os que apreciam o gênero *space opera* e acham que o universo pode ser mais do que klingons, vulcanos e romulanos, *Babylon 5* é uma parada obrigatória.
R.R.

MUSICAL

GIGI ★★★★★
(EUA, 1958)
Direção: Vincente Minnelli. Com Leslie Caron, Maurice Chevalier, Louis Jourdan. Warner.

Gigi foi o último musical produzido por Arthur Freed. Há quem diga também que o filme é o último musical importante da Metro. Uma coisa, porém, é certa: o filme apresenta todo o esplendor comum ao gênero nos anos 40 e começo dos 50. Não por acaso, foi o grande premiado com o Oscar daquele ano, nove estatuetas (filme, direção, roteiro, fotografia, cenografia, canção, música, vestuário e montagem) e mais uma, especial, para Maurice Chevalier.

Leslie Caron protagoniza a última produção de Arthur Freed, monstro sagrado dos musicais

Não é um filme de diretor, muito embora Minnelli tenha muito a ver com o sucesso do espetáculo. Mas *Gigi* não foi dirigido apenas por ele. Após a filmagem dos exteriores em Paris (21 dias) e o trabalho de estúdio (35 dias), houve mais onze dias de *retakes* (com direção de Charles Walters, o coreógrafo do filme) e um dia com direção de George Cukor (a seqüência em que Isabel Jeans ensina Caron a comer; Jeans está no elenco por recomendação de Cukor).

É, portanto, um filme de produtor. Foi dele a idéia de adaptar a história da vida da escritora Colette – a de uma menina que é preparada pela avó (Hermione Gingold) e pela irmã da avó (Jeans) para ser uma cortesã. Foi de Freed, também, a idéia de chamar a dupla Alan Jay Lerner (escritor e letrista) e Frederick Loewe (músico) para a adaptação. Lerner e Loewe estavam desde 1953 com um enorme sucesso na Broadway, *My Fair Lady*, e a história de *Gigi* é muito parecida com a de Elise Doolittle. Uma das canções que aparece no filme, "Say a Prayer for Me Tonight", foi, a propósito, composta (e não aproveitada) para a peça.

O conjunto é perfeito nos mínimos detalhes: na escolha do elenco (Caron é Gigi, dublada nos números musicais por Betty Wand), no uso perfeito de Chevalier (que narra a história), no ótimo desenho de produção de Cecil Beaton e nos belos exteriores de Paris. Foi um fim de carreira à altura de Freed, que infelizmente não deixou herdeiros.

Adilson Laranjeira

"Uma versão musical charmosa e alegre da história de Colette. O veterano Maurice Chevalier cantando 'Thank Heaven for Little Girls' merece atenção", *Pauline Kael's 5001 Nights at the Movies*

COMEÇOU!

SUCESSO INTERNACIONAL
ITÁLIA - ESPANHA - FRANÇA - ALEMANHA
ARGENTINA - INGLATERRA

Já nas bancas a promoção que conquistou o mundo.

Já está na revista *Contigo!* a promoção SUPERTESOURO, trazendo milhares de prêmios sensacionais. Confira hoje mesmo com os números do seu cartão. Você pode ser premiado logo na primeira semana! E lembre-se: nunca escreva ou rasure o seu cartão. Deixe suas anotações para as páginas da revista. Promoção SUPERTESOURO CONTIGO. Participar é grátis. Ganhar é fácil. Você vai gostar.

COMEÇA NA EDIÇÃO 945
(Com data de capa de 26/10)

REVISTA contigo!

EDITORA AZUL

Se você ainda não tem o seu cartão, ligue para:
(011) 853.0086
(011) 852.4821

PROSDOCIMO · mazda · SANYO · PCI · COUGAR · SUNAR · SEIKO · PROVIDENCE PREVER · SINGER
DAKO · DYNACOM · ARNO · PLAYBOY · PHYTOERVAS · YASHICA · PEONY · Top Premium · BOUQUET

Euromeeting Int. Europrint 1993© Nº Cert. Aut. R.P. 01/00/175/93.

CORAÇÃO DE TROVÃO ★★★
(Thunderheart, EUA, 1992) Direção: Michael Apted. Com Val Kilmer, Sam Shepard, Graham Greene, Fred Ward. LK-Tel/Video.
Os *yankees* trocaram os cavalos por um carrão último tipo e as fardas azuis por um distintivo do FBI. Já os indígenas agora vivem em trailers, assistem à televisão e, em vez de fumar o cachimbo da paz, preferem trocá-lo por um relógio Rolex. O pomo da discórdia, porém, é o mesmo dos velhos *westerns*: terras. Agentes do FBI, entre eles um mestiço sioux (Kilmer), investigam o assassinato de um dos membros de uma reserva indígena. O Oeste americano não é mais o mesmo, e o diretor Apted (*Nas Montanhas dos Gorilas*) realiza com este tema melancólico o seu melhor filme em muitos anos.
Marcus Resende Gomes

RELAÇÃO INDECENTE ★★★
(Poison Ivy, EUA, 1992) Direção: Katt Shea Ruben. Com Drew Barrymore, Sara Gilbert, Tom Skerritt, Cheryl Ladd. Paris.
Este filme leva três estrelas só pela presença de Barrymore, a erva venenosa do título. O roteiro, no entanto, deixa a desejar, pois promete muitas surpresas e não as cumpre. Por outro lado, o argumento cai como uma luva para a atriz ninfeta: uma estudante infiltra-se na família de garota solitária (Gilbert) com intenções maléficas – como, por exemplo, conquistar o pai desta (Skerritt). Ela está linda, louca e perigosa.
D.P.

QUESTÃO DE HONRA ★★★

(A Few Good Men, EUA, 1992)
Direção: Rob Reiner. Com Tom Cruise, Demi Moore, Jack Nicholson, Kevin Pollak, Kiefer Sutherland, Kevin Bacon. LK-Tel/Columbia.

Realizado antes de *A Firma*, Cruise também aparece aqui como advogado, mas em um contexto completamente diferente. Ele é J.G. Daniel Kaffee, um advogado e oficial da Marinha americana designado para investigar a morte de dois marujos na Base Naval de Guantanamo Bay, em Cuba. Se fosse prático e sem escrúpulos, o rapaz poderia muito bem fazer uma investigação superficial do caso e não criar entraves em sua trajetória. Mas a história foge dos clichês de filmes de tribunal e Cruise se envolve no problema, sem se importar com as pressões do coronel Jessep (Nicholson, indicado para o Oscar).

O tema é árido e Reiner não tem a mesma familiariedade que Sydney Pollack (de *A Firma*) com temas jurídicos, mas dá espaço para os atores. O filme recebeu até a indicação máxima da Academia. E, se Cruise parece imaturo para o papel, a história tem o mérito de criar falsas expectativas e depois modificá-las. Kaffee não é bobo, nem a atração-repulsão dele pela tenente-comandante Joanne Galloway (Moore) toma o primeiro plano da história. Ponto para a originalidade.

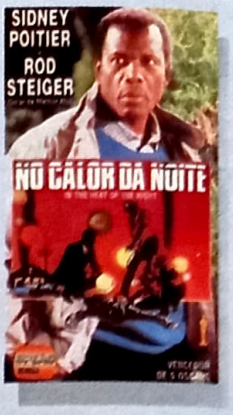
O roteiro de Aaron Sorkin – o mesmo autor da peça que fez sucesso na Broadway –, por outro lado, tem muito mais a ver com o palco do que com a tela. Mas Cruise e Moore, esforçados, mostram que bem dirigidos rendem mais do que belos rostos. Só está na hora de Nicholson fazer um papel menos arrogante. Afinal, o tipo durão todo mundo já sabe que ele é capaz de fazer.

Cesar Garcia Lima

"É impecavelmente produzido, vigorosamente interpretado e oferece o impacto emotivo esperado de um drama de tribunal", *Newsweek*

A equipe de Tom Cruise (Demi Moore, Kevin Pollak) analisa as reações dos militares em julgamento

NO CALOR DA NOITE ★★★★
(In the Heat of the Night, EUA, 1967)
Direção: Norman Jewison. Com Sidney Poitier, Rod Steiger, Warren Oates, Lee Grant. Opção.



No Calor da Noite, surpresa, continua sendo um filme eficiente. Temia-se que um dos principais ingredientes de sua história, o preconceito racial no Sul dos EUA dos anos 60, prejudicasse a revisão deste espetáculo de cinema pelo público de agora. Isso não acontece, porque sua melhor virtude se mantém: antes de mais nada, ele é um thriller eficiente. Tem roteiro bem resolvido (de Sterling Silliphant), boas interpretações, montagem nervosa e criativa (de Hal Ashby, que depois viria a ser um diretor de respeito), música envolvente e surpreendente (de Quincy Jones) e uma direção que mantém o espectador atento (alguns acham que este é o melhor filme de Jewison, de Feitiço da Lua).

Em 1967, o componente racial era o que mais incomodava. Começa com o relacionamento difícil (e depois cordial) entre o xerife de uma cidade do Sul, Sparta, onde acontece um homicídio, e um policial negro do Norte, confundido, a princípio, como suspeito do crime e depois convidado a participar das investigações. Ficou famosa a bofetada que o policial negro (Poitier) dá no rosto de um branco (Larry Gates). Mas se isso ainda impressiona, o que vale mesmo, nessa revisão, é que se conta no filme uma eficiente história policial, sempre com talento. Com uma ressalva: a interpretação caricata e maneirista de Steiger continua tão ruim como já era em 1967, apesar de ter arrebatado o Oscar daquele ano, junto aos de filme, roteiro adaptado, montagem e som.

A.L.

INFANTIL

MAX E JEREMIE ★★
(Max et Jérémie, França, 1992)
INÉDITO NO CINEMA
Direção: Claire Devers. Com Philippe Noiret, Christophe Lambert, Jean-Pierre Marielle. Look.
O roteiro, co-escrito pela diretora Devers, inédita no Brasil, apresenta dois personagens de personalidades disparatadas. Noiret é o matador profissional aposentado que decide voltar à ativa. Lambert é jovem e inseguro, e faz amizade com Noiret ao não conseguir levar a cabo sua missão: matar o próprio. Inicia-se uma trama absurdamente verborrágica, com inúmeros momentos mortos intercalados com explosões e certa violência. A química entre os atores dá certo, mas falta humor e sobra psicologia existencial. Dublado em inglês.
Ch. P.

MORTE POR ENCOMENDA ★★★
(Red Rock West, EUA, 1992)
INÉDITO NO CINEMA
Direção: John Dahl. Com Nicholas Cage, Dennis Hopper, Lara Flynn Boyle. Capital Filmes.
O diretor e co-roteirista Dahl retoma de maneira ainda mais elaborada o universo *on the road* de seu filme de estréia, *Mate-me Outra Vez* (89): um casal fugindo da polícia, um anônimo qualquer sendo tragado pela trama e servindo de pivô para explosões de violência, mentiras e ganância. Cage, aceita a missão de matar a esposa do xerife de uma cidadezinha texana. A trama envolve um número crescente de personagens, com mortes e humor negro convivendo de uma forma que lembra *Gosto de Sangue*, dos irmãos Coen. A comparação é nobre, e este filme não faz feio.
Ch.P.

Zak e Crysta descobrem os encantos da última floresta tropical do mundo

AS FERAS DAS OLIMPÍADAS ★★★
(Animalympics, EUA, 1979)
INÉDITO NO CINEMA
Direção: Steven Lisberger. Sunset.
No estádio "Pegada de Bicho", animais dos cinco continentes disputam as medalhas de ouro em diversas modalidades esportivas. É a maior festa do reino animal. A emissora de televisão Z.O.O. apresenta a cobertura completa das Olimpíadas. A bicharada é engraçada: elefante fazendo evoluções em barras paralelas, jacaré correndo 100 metros e orca competindo com castor na piscina olímpica. A produção caprichada levou a assinatura do diretor Lisberger que, três anos depois, realizaria *Tron* para os estúdios da Disney. Acima da média, *As Feras das Olimpíadas* é um bom programa para pais e filhos.
Belinda Santos

TINY TOONS EM A NOITE DOS SUSTOS ★★★
(Tiny Toon Spook-Tacular, EUA, 1990)
Direção: Rich Arons, Art Leonardi, Ken Boyer e Art Vitello. Warner.
Esta é mais uma feliz investida da Amblin, empresa de Steven Spielberg, no universo dos desenhos, assegurando o padrão dos cartuns da Warner. Os "filhos" da turma do Pernalonga protagonizam aqui uma bem sacada sátira aos filmes de terror. Em *Pato no Escuro*, por exemplo, o patinho Plucky tem pesadelos com um pastiche de Freddy Krueger, *Tubarão* e *Frankenstein*. O porco Presuntinho é perseguido a noite inteira por um bolo de chocolate fantasma no divertidíssimo *O Pequeno Bolo de Horrores* (citação de *A Pequena Loja dos Horrores*). *A Noite dos Animais de Estimação* é a paródia mais literal (de *A Noite dos Mortos-Vivos*): todos os ex-animais de estimação de Felícia saem das covas para invadir a casa da menina. Não são só as crianças que apreciarão esta coletânea: as referências farão o prazer do cinéfilo.
W. S.

TAZ-MANÍACO ★★★
(Taz-Maniac, EUA, 1992)
Direção: Keith Baxter. Warner.
O já famoso Diabo da Tazmânia, animal de apetite selvagem e que se move como um furacão, ganhou uma edição modernizada pela Warner. Em apenas dois dos episódios ele luta desesperadamente por uma boa refeição. *Tudo por um Ovo*, por exemplo, é uma divertida peleja entre Taz e um cardume atrevido de piranhas, que o impede de pegar um ovo gigante no meio de uma lagoa. E o primeiro episódio, *A Sombra*, mostra seqüências muito criativas de uma longa briga de Taz com sua própria sombra.
W. S.

FERNGULLY – AS AVENTURAS DE ZAK E CRYSTA NA FLORESTA TROPICAL ★★★

(Ferngully – The Last Rain Forest, EUA/Austrália, 1992.) Direção: Bill Kroyer. Abril Vídeo.

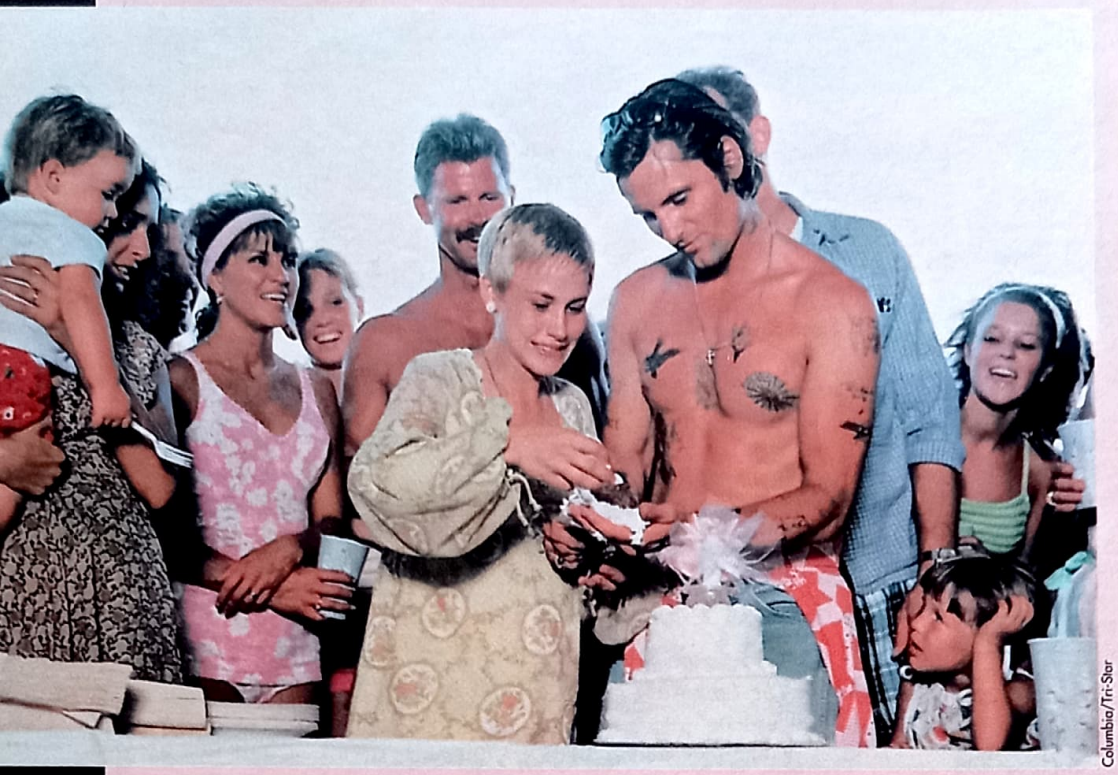
Os seres pequeninos da paradisíaca Floresta Ferngully acham que os humanos estão extintos. E que extinto está, também, Exus, o monstro da poluição, há muitos anos preso em uma árvore. Em sua inocência, não sabem que a ameaça está prestes a voltar, na forma de uma enorme escavadeira que corta a árvore na qual está Exus, libertando-o.

Zak, um jovem que marcava as árvores a serem cortadas, é encontrado ferido, é encolhido pela bela fada Crysta e acaba se dando conta dos efeitos da destruição. Combatem a ameaça com a ajuda da fada-mor, Magi, que doutrina seus amigos sobre os perigos da devastação da natureza.

Um belo desenho politicamente correto: patrocinado por entidades ambientalistas, como o Rain Forest e o Greenpeace, parte da renda reverterá às mesmas, e seu material de divulgação em todo o mundo é feito em papel reciclado. Destaca-se a figura do engraçadíssimo morcego pirado Batty Koda (que tem, no original, a voz de Robin Williams, antes de ser premiado como o gênio de *Alladin*). Boa trilha sonora, com Sheena Easton, Tone Loc, Elton John e outros.

José Eduardo Mendonça

Concebida com estilo alegre e ritmo acelerado, a fita vai entreter a garotada enquanto lhes passa uma lição ecológica, e oferece piadas divertidas e canções espertas suficientes para fazê-la digerível aos adultos", *Variety*



Columbia/Tri-Star

Entre os inúmeros filmes previstos para o final de 1993, destaca-se a estréia na direção de Sean Penn com o interessante *Unidos pelo Sangue*, filme sobre a desintegração de uma família e de dois casais na década de 60, com Charles Bronson e Patsicia Arquette (irmã de Rosanna). Há também um dos maiores sucessos do circuito de arte de 1991, o francês *O Marido da Cabeleireira*, de Patrice Leconte. Chama a atenção, ainda, o filme que Sergio Toledo dirigiu para a TV inglesa, *A Guerra de um Homem*, que reúne no elenco nomes como Anthony Hopkins, Norma Aleandro e Fernanda Torres.E por fim, os lançamentos simultâneos em cinema e vídeo de *O Despertar de um Homem*, com Robert De Niro e Ellen Barkin, exibido na Mostra Banco Nacional do Rio, e *Matinée*, a curiosa brincadeira de Joe Dante com os filmes de terror e ficção dos anos 40 e 50.

BOLSA DE VÍDEO

Os votantes da bolsa deste mês renderam-se à estética imortal de *Metrópolis*, uma das maiores ficções da história do cinema

	Inácio Araujo, Folha de S. Paulo	Carlos Merten, O Estado de S. Paulo	Wanderley Sanches, Veja São Paulo	Paulo de Góes, Jornal da Tribo	Hugo Sukman, Jornal do Brasil	Roberto Rios, TVA	Luiz Zini Pires, Zero Hora	Christian Petermann, SET	José Norberto Flesch, Folha de Londrina	Deborah Pelelas, SET	Média
Metrópolis (Continental)	10	6	10	–	7	10	9	10	8	10	8.9
Quinteto Irreverente (*Amici Miei Atto 2*, Concorde)	8	7	7	9	8	8	–	7	7	–	7.6
Gigi (Warner)	–	8	7	9	–	7	6	7	8	–	7.4
Maridos e Esposas (*Husbands and Wives*, LK-Tel/Vídeo)	7	9	8	–	9	5	6	7	–	–	7.3
Cyrano (LK-Tel/Vídeo)	6	6	9	7	8	7	7	7	–	–	7.1
No Calor da Noite (*In the Heat of the Night*, Opção)	5	7	–	7	–	8	7	7	7	7	6.9
A Megera Domada (*The Taming of the Shrew*, LK-Tel/Vídeo)	2	7	8	8	3	8	9	7	8	8	6.8
O Rei dos Reis (*King of Kings*, Warner)	8	5	–	8	5	7	–	–	–	7	6.7
Questão de Honra (*A Few Good Men*, LK-Tel/Vídeo)	4	6	6	6	7	6	4	6	8	–	5.9
Os Saqueadores (*Trespass*, CIC)	–	5	–	7	–	3	2	7	7	8	5.6

PARADA

OUTUBRO

AS MAIS ALUGADAS:

BRASIL

1 *O Último dos Moicanos (The Last of the Mohicans)* (Warner Home Video)
2 *Drácula de Bram Stoker (Bram Stoker's Dracula)* (LK-Tel)
3 *Perfume de Mulher (Scent of a Woman)* (CIC)
4 *Jogos de Adultos (Consenting Adults)* (Abril Vídeo)
5 *Esqueceram de Mim 2: Perdido em Nova York (Home Alone 2: Lost in New York)* (Abril Vídeo)
6 *O Guarda-Costa (The Bodyguard)* (Warner Home Video)
7 *Passageiro 57 (Passenger 57)* (Warner Home Video)
8 *Perdas e Danos (Damage)* (Paris Vídeo)
9 *A Bela e a Fera (Beauty and the Beast)* (Abril Vídeo)
10 *Os Imperdoáveis (Unforgiven)* (Warner Home Video)

Fontes: Vídeo Factory (SP), Hobby Vídeo(SP), Real Vídeo (SP), Copa 6 (RJ), Star Vídeo (GO), Scorpius (GO), Back I (RS), Vídeo Gama (RS), Canal Vídeo (BH), Dumont Vídeo & Games (BH)

E.U.A.

1 *Point of No Return (A Assassina)* (Warner)
2 *Alive (Vivos)* (Touchstone)
3 *Groundhog Day (Feitiço do Tempo)* (Columbia Tri-Star)
4 *National Lampoon's Loaded Weapon I* (New Line)
5 *Mad Dog and Glory (Uma Mulher para Dois)* (MCA/Universal)
6 *Chaplin* (LIVE)
7 *Boiling Point* (Warner)
8 *The Temp (Ambição Fatal)* (Paramount)
9 *Falling Down (Um Dia de Fúria)* (Warner)
10 *The Crush (Paixão sem Limite)* (Warner)

Fonte: Entertainment Weekly (8/10/93)

ABAIXO VOCÊ ENCONTRA AS MELHORES REVENDAS DE VÍDEO.

CENTER

O Shopping das fitas novas e usadas

Não perca tempo e dinheiro,
vá direto onde há os melhores
lançamentos com os menores preços.

- Proposta Indecente
- Um Distinto Cavalheiro
- Um Dia de Fúria
- Questão de Honra

ABRA UMA VÍDEO LOCADORA

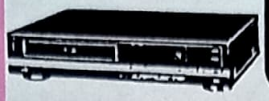
Assessoria completa desde a escolha do ponto, abertura de firma, instalação, informatização e a garantia total de quem realmente tem experiência. Consulte-nos!

Aceitamos automóveis, telefones e imóveis como forma de pagamento

Rua Tijuco Preto, 201
Tatuapé - CEP 03316 - SP
(Próx. Metrô Tatuapé)
Tel.: (011) 296-1715

MERCADO DO VÍDEO

COMPRA
VENDA
TROCA



VÍDEOS
FAX
CÂMERAS

1 ANO DE GARANTIA

ASSISTÊNCIA TÉCNICA EM TV'S, VÍDEOS, CÂMERAS E FAX.
Orçamentos em 24 horas.
Transcodificações em TV"S Importadas.
1 ANO DE GARANTIA

SISTEMA EUROPEU

TRANSFORMAMOS FITAS
PARA NOSSO SISTEMA
E VICE-VERSA
TAMBÉM U-MATIC

SERVIÇO NO MESMO DIA

PABX: (011) 5333290
Av. Pavão, 690 - Moema - SP

HAWAI
HOME VÍDEO

FITAS NOVAS E USADAS

Av. Cruzeiro do Sul, 2282 - Sala 1/2 e 3
CEP 02030 - Carandiru - São Paulo - SP
(próximo ao Metrô Carandiru)
Tel.: (011) 290-4330
ABERTO TAMBÉM AOS SÁBADOS
REMETEMOS PARA TODO O BRASIL

- Toda linha de acessórios
- Financiamos a partir de 30 a 120 dias
- Pagamentos com cheques semanais
- Aceitamos automóvel e telefone como forma de pagamento

Cannes
Home Video

O FESTIVAL DE FITAS NOVAS E USADAS

TUDO EM ACESSÓRIOS

OFERECEMOS VÁRIOS LANÇAMENTOS COM ÓTIMOS PREÇOS!

- Proposta Indecente
- Um Diário de Um Crime
- Questão de Honra
- Eternamente Jovem
- Um Distinto Cavalheiro

- Catálogos a partir de CR$ 400,00
- Garantia total das fitas
- Melhor qualidade
- Ganhe estojos novos e usados

- Cheques pré-datados sem juros
- Remetemos para todo o Brasil

Av. Cruzeiro do Sul, 2752 - Salas 21/22
Santana - CEP 02030 - São Paulo - SP
(Entre Metrôs Carandiru e Santana)
Tel.: (011) 290-2788

OS DONOS DO AMANHÃ
(CLASS OF 84)

10% DE DESCONTO PARA ADIQUIRIREM NAS REVENDAS DESTA PÁGINA.

PROMOÇÃO:
CENTRAL HOME VÍDEO

CASH
HOME VÍDEO

FITAS NOVAS E USADAS
TUDO EM ACESSÓRIOS

Rua Jovita, 167 - 1º andar - Santana
CEP 02036 - São Paulo - SP
Tel.: (011) 267-0060

PATY'S
HOME VÍDEO

MONTE SUA LOCADORA CONOSCO!
TUDO EM FITAS E ACESSÓRIOS
CONFIRA OS ÚLTIMOS LANÇAMENTOS

- Proposta Indecente
- Um Diário de Um Crime
- Questão de Honra
- Eternamente Jovem
- Um Distinto Cavalheiro

- PARA CADA FITA, GANHE UM ESTOJO
- PAGAMENTO CONFORME SEU BOLSO
- PREÇOS SEM CONCORRÊNCIA
- GARANTIA E QUALIDADE

TEMOS FITAS EM PROMOÇÃO

Rua Dr. Zuquim, 358 - Santana
São Paulo - SP - CEP 02035-020
(Próximo ao Metrô Santana)
Tel.: (011) 298-1120
REMETEMOS PARA TODO O BRASIL

Paris Filmes

Seigner e Coyote: amor e sexo sem fronteiras

LUA DE FEL

História de amor de Polanski pode desagradar aos fãs mais radicais

Ao se falar em Roman Polanski, nos vêm à mente algumas cenas que se tornaram clássicas do cinema contemporâneo. Filmes como *Repulsa ao Sexo* (1965), *A Dança dos Vampiros* (1967), *O Bebê de Rosemary* (1968) *Chinatown* (1974), *O Inquilino* (1976) e *Tess* (1979) entraram definitivamente para a galeria dos *cults* do século.

Conhecido pelo controle rígido exercido sobre seus trabalhos, muitas vezes co-escrevendo o roteiro e atuando, Polanski, desde seu primeiro longa *A Faca na Água* (1962), vem revelando sua visão particularíssima do mundo, cujas preocupações são a violência e a vitimização, o isolamento e sua conseqüente alienação. Mas não se pode negar que ele mantém seu senso de humor, muitas vezes macabro. As abordagens mais barras-pesadas são encontradas em *Repulsa ao Sexo*, *O Inquilino* e *O Bebê de Rosemary*, nos quais trabalha a desintegração psicológica do homem (no segundo, o próprio Polanski, numa de suas melhores atuações).

Em *Lua de Fel*, Polanski retoma suas preocupações, mas com doses açucaradas, embora recheadas de uma morbidez assustadora. Ele conta uma história de amor, onde o sexo é o elemento da união do casal; mas este mesmo sexo é propulsor de uma crueldade sem limites. Parece que Polanski quer dizer que no fundo todo o ser humano obtém mais prazer nos obscuros desejos da alma do que nos carnais.

O argumento (baseado no livro homônimo de Pascal Bruckner) é o seguinte: os ingleses caretíssimos Nigel (Hugh Grant) e Fiona (Kristin Scott-Thomas) estão comemorando sete anos de casamento fazendo um cruzeiro até Istambul, quando conhecem o sádico e paraplégico Oscar (Peter Coyote), casado com a desejável Mimi (Emmanuelle Seigner). Percebendo o interesse de Nigel por Mimi, Oscar passa a contar a este, em sessões regadas a uísque, como foi que ele conheceu a estonteante garota francesa. Em flashbacks, sexo sem fronteiras e amor se misturam com tortura e desilusão.

Para os fãs de Polanski, o filme pode decepcionar. Mas um olhar mais atento mostrará que o diretor retoma o tema da desintegração, só que desta vez de uma forma mais "leve" e cheia de humor. Afinal, a própria vida do cineasta sempre se misturou à sua ficção. Quem não se recorda de que ao finalizar a paródia *A Dança dos Vampiros* e o terror ginecológico *O Bebê de Rosemary*, Sharon Tate (com a qual havia se casado) e três de seus amigos foram brutalmente assassinados por membros da seita de Charles Manson? Ou de quando, em 1979, foi acusado de manter relações sexuais com uma garota de 13 anos, ficou preso durante 42 dias e depois deportado dos Estados Unidos, para onde nunca mais poderia voltar?

Por isso e talvez por sua infância nada feliz (quando na Polônia, ele e sua família ficaram presos num campo de concentra-

ção nazista), a relação existente entre seus temas preferidos e sua vida sempre chamaram a atenção.

E desde *Busca Frenética* (1988), quando deu à esposa Emmanuelle Seigner seu primeiro papel principal, Polanski parece ter fugido do caminho que traçava em sua obra e passou a se dedicar exclusivamente à beleza estonteante de Seigner. Parece. Mas, neste último filme, mostra que aos 60 anos aprendeu muita coisa. Principalmente que a vida engana os mais desavisados.

Deborah Peleias

Lunes de Fiel, França/Inglaterra, 1991 ■ DIREÇÃO: Roman Polanski ■ ROTEIRO: Roman Polanski, Gérard Brach, John Brownjohn, a partir do romance homônimo de Pascal Bruckner ■ FOTOGRAFIA: Tonino Delli Colli ■ MÚSICA: Vangelis ■ Com Peter Coyote, Emmanuelle Seigner, Hugh Grant, Kristin Scott-Thomas, Victor Banerjee, Luca Vellani ■ Paris Filmes

Flashstar

A musa chinesa Gong Li dá lições de feminismo ao lutar pelos direitos do marido

OLHOS DE SERPENTE

No papel de uma *starlet* sodomizada, Madonna revela mais uma vez suas deficiências como atriz

Numa cena de *Olhos de Serpente*, James Russo vai se queixar ao diretor do filme dentro do filme (Harvey Keitel). Diz que não consegue contracenar com a atriz interpretada por Madonna. "Ela é ruim demais." Qualquer espectador que tenha um mínimo de noção do que sejam técnicas de representação concorda com Russo. Madonna pode ser uma *entertainer* provocadora e até genial. Disfarça em comédias como a deliciosa *Procura-se Susan Desesperadamente*. Exibe toda a sua fragilidade em *Corpo em Evidência* e em *Olhos de Serpente*.

O filme de Abel Ferrara vai ser lançado a toque de caixa no Brasil. A distribuidora quer aproveitar a presença de Madonna para faturar. *Olhos de Serpente* passou no último Festival de Veneza e Ferrara apostava que ia ganhar muitos prêmios. Não ganhou nenhum, nem merecia. O filme conta a história de uma rodagem. Keitel é o diretor, Russo é o astro e Madonna, uma *starlet* catapultada à condição de estrela. O ritmo no set é infernal. Quando não estão cheirando cocaína, os personagens estão se agredindo. Vida e arte se misturam.

Para quem associa o nome da estrela à perversidade, *Olhos de Serpente* não nega fogo. Numa cena, Russo sodomiza Madonna. Concluída a rodagem, ele levanta o zíper e ela vai se queixar a Keitel de que a cena foi para valer. E reclama: "Que ator é esse que não tem técnica para simular uma cena assim?"

Luiz Carlos Merten

Paris Filmes

Keitel dirige Madonna no filme dentro do filme

Snake Eyes, EUA, 1993 ■ DIREÇÃO: Abel Ferrara ■ ROTEIRO: Nicholas St. John ■ FOTOGRAFIA: Ken Kelsch ■ MÚSICA: Joe Delia ■ Com HArvey Keitel, Madonna, James Russo, Nancy Ferrara ■ Paris Filmes

A HISTÓRIA DE QIU JU

O diretor de *Lanternas Vermelhas* retoma o tema da repressão feminina, desta vez na China atual

Ao contrário dos dois últimos filmes (*Ju Dou* e *Lanternas Vermelhas*), situados numa época de profunda repressão à mulher chinesa, em *A História de Qiu Ju* Zhang Yimou manteve a câmera centrada nos personagens femininos na China de hoje. Agora, Gong Li (a musa do diretor) é a mulher de um cidadão injustiçado de uma pequena aldeia, que luta obstinadamente contra a burocracia e vai até os tribunais para fazer valer os direitos do marido.

Como em seus filmes anteriores, Zhang é sutil no olhar, tem um agudo sentido visual, a beleza sempre presente nos enquadramentos. Ao se deter na atualidade, seu ritmo agora é certamente mais acelerado. Não sem mostrar os contrastes entre a vida urbana e no campo, e as degenerescências da primeira que contaminam a segunda.

Helena Salem

Qiu Ju da Guansi, China, 1992 ■ DIREÇÃO: Zhang Yimou ■ ROTEIRO: Liu Heng ■ FOTOGRAFIA: Chi Xiaoning, Yu Xiaogun ■ MÚSICA: Zhao Jipin ■ Com Gong Li, Lei Laosheng, Liu Peigi, Yang Liuchun ■ Flashstar

Art Films

Tina Kelleger, a segunda da esquerda, se revela ótima atriz na comédia de Frears

A GRANDE FAMÍLIA

Mistura fina de psicologia e humor, em mais uma obra de mestre de Stephen Frears

A família irlandesa típica de Frears poderia ser italiana, brasileira ou latina. É ruidosa, numerosa e cheia de idiossincrácias, uma espécie de Família Simpsons em carne e osso, em que a banalidade cotidiana embrutece as relações e só um acontecimento inesperado pode vir a dar outro sentido à árdua convivência diária.

O microterremoto é uma gravidez inesperada e a princípio indesejável da filha de 20 anos, grávida por acaso depois de um porre noturno.

Frears explora toda a comicidade e tragédia da situação, inventando um naturalismo sofisticado que coloca o espectador na mesa de jantar e na poltrona da televisão da família Curley, com rasgos de psicologia e humor absolutamente refinados. Um naturalismo arduamente obtido em que chama a atenção a direção de atores e o talento de Tina Kellegher, a filha, e de Colm Meaney, o pai, durão e fraterno.

Ivana Bentes

The Snapper, Inglaterra, 1993 ■ DIREÇÃO: Stephen Frears ■ ROTEIRO: Roddy Doyle, a partir de seu romance homônimo ■ FOTOGRAFIA: Oliver Stapleton ■ Com Tina Kellegher, Colm Meaney, Ruth McCabe, Eanna MacLian ■ Art Films

JONAH QUE VIVEU NA BALEIA

Premiado na Itália e em Moscou, drama mostra sem lirismo a vida de crianças na guerra

Dos filmes contemporâneos sobre crianças na guerra, este talvez seja o que mostre com menos lirismo o amadurecimento de um garoto durante a Segunda Guerra. O diretor italiano Roberto Faenza ateve-se ao relato fiel da autobiografia de Jonah Oberski, intitulada *Childhood* ("infância"). A história de *Jonah* começa quando, em 1942, ele e seus pais judeus vivem na encantadora Amsterdã. Com a ascensão do nazismo, a família é conduzida a um campo de concentração onde Jonah presencia os acontecimentos trágicos de uma vida quase sem valor.

O filme levou os prêmios para direção, música e figurino no festival do cinema italiano David Di Donatello; e no XVIII Festival Internacional do Cinema de Moscou, *Jonah* recebeu o prêmio Ecumênico do Juri Cristão.

Walter de Silva

Jonah Who Lived in the Whale, Holanda/Itália, 1993 ■ DIREÇÃO: Roberto Faenza ■ Com Jean-Hughes Anglade, Juliet Aubrey, Jenner Del Vecchio, Luke Petterson ■ Condor

SUPER MARIO BROS.

A fim de agradar aos gamemaníacos, filme atira em todas as direções mas não acerta o alvo

A escolha de Rocky Morton e Annabel Jenkel como diretores de *Super Mario Bros.* deu esperanças aos fãs dos heróis e aos cinéfilos curiosos. A dupla dirigiu *Max Headroom*, o interessante piloto de cerca de 60 minutos da telessérie. A intenção dos diretores era reproduzir na tela o ritmo e o delírio dos jogos. A forma tempestiva como o filme apresenta o divertido universo do rei Koopa (Dennis Hooper) entusiasma e intriga por não deixar claro quais serão seus rumos.

Mas a obsessão com os bons efeitos especiais e a insistência em preencher seus diálogos com frases feitas e piadinhas prontas, leva a um *over* sem graça e estático. O filme se recupera no final, quando a fronteira entre os dois mundos desaparece. Mas deixa a impressão de ser um longa ansioso em agradar e acertar. Esta co-produção de Roland Joffe fascina em partes e insatisfaz no todo.

Christian Petermann

Super Mario Bros., EUA, 1993 ■ DIREÇÃO: Rocky Morton & Annavel Jankel ■ ROTEIRO: Parker Bennett & Terry Runte e Ed Solomon ■ FOTOGRAFIA: Dean Semler ■ MÚSICA: Alan Silvestri ■ EFEITOS VISUAIS: Christopher Woods ■ Com Bob Hoskins, John Leguizamo, Dennis Hopper, Samantha Mathis, Fiona Shaw, Richard Edson, Fisher Stevens ■ DISTRIBUIÇÃO: Columbia TriStar

Columbia TriStar

Os irmãos italianos do game mais famoso em carne e osso, ou Hoskins e Leguizano

Don e Rebecca: excessos na representação

TÃO CULPADO COMO O PECADO

Sidney Lumet faz um suspense que vale apenas por mostrar Don Johnson como vilão

Você já viu esse filme antes. E ele foi melhor da outra vez. Ou, pelo menos, mais original: a fórmula clássica do superadvogado que se envolve emocionalmente – e contra a própria vontade – com o psicótico/assassino em potencial que o contratou para defender num tribunal, adquire aqui novos contornos apenas por colocar Rebecca De Mornay representando a lei e Don Johnson no papel de um Don Juan endinheirado e elegante cujo charme muito provavelmente pode ser letal.

Não deixa de ser interessante ver Don Johnson numa rara aparição como o vilão de um filme – depois do exagerado e quase bom *Hot Spot* de dois anos atrás. Mas mesmo a experiência do diretor Sidney Lumet não salvou Rebecca de uma representação tão afetada que beira a caricatura.

José Emilio Rondeau

Guilty as Sin, EUA, 1993 ■ DIREÇÃO: Sidney Lumet ■ ROTEIRO: Larry Cohen ■ FOTOGRAFIA: Andrzej Bartkowiak ■ MÚSICA: Howard Shore ■ Com Rebecca De Mornay, Don Johnson, Stephen Lang, Jack Warden ■ Columbia TriStar

TINA

Cinebiografia da rainha do rhythm'n'blues é uma obra sensível e inteligente

ColumbiaTriStar

A musculosa Angela Basset encarna com perfeição os trejeitos de Tina

Todo mundo já deve ter ouvido falar a respeito das surras homéricas que Tina Turner levava quando estava ao lado de Ike Turner, seu marido, descobridor e espécie de capataz. Pois tudo isso pode ser visto em *Tina*, adaptação para o cinema do livro *I, Tina* escrito pela própria.

Dirigido pelo britânico Brian Gibson (que já havia tido experiências anteriores com musicais), esta cinebiografia mostra a trajetória da vida e da carreira de Tina Turner durante quase quatro décadas – desde a infância, quando cantava nos corais de sua cidade natal, até atingir a maioridade, já ao lado de Ike e, posteriormente, quando em carreira solo.

Tina é um exemplo perfeito de como um bom diretor, um bom roteiro, uma boa trilha sonora e sobretudo um bom elenco conseguem resultar num filme sensível e inteligente.

As interpretações da musculosa Angela Basset e de Laurence Fishburne merecem um capítulo à parte. A escolha de Angela para o papel de Tina foi mais do que acertada, prova de que Gibson estava correto ao priorizar uma atriz para o papel em vez de uma cantora. Embora às vezes um tanto exagerada, a performance de Angela é incontestável.

Vale destacar também a trilha sonora, composta por standards da soul music e R&B criados pela dupla e que foram quase que totalmente regravados por Tina especialmente para o filme.

Claudia Lima

What's Love Got To Do With It, EUA, 1993 ■ Direção: Brian Gibson ■ ROTEIRO: Kate Lanier ■ FOTOGRAFIA: Jamie Anderson ■ COREOGRAFIA: Michael Peters ■ MÚSICA ORIGINAL: Stanley Clarke ■ Com Angela Basset, Laurence Fishburne, Jenifer Lewis, Vanessa Bell Calloway ■ Columbia TriStar

Laserland

ACESSO LIVRE

Via SEDEX para todo Brasil

AOS MELHORES MAIS NOVOS E MAIS RAROS LASER VIDEOS DISCS IMPORTADOS DO JAPÃO E DOS E.U.A.

Av. Rebouças, 2736, Pinheiros, S. Paulo, SP
05402-500
tel (011) 282 0922 fax (011) 881 3117

R. Domingos Leme, 675, V.N.Conceição, S. Paulo, SP
04510-040
tel / fax (011) 829 7235

Av. Pres. Vargas, 935, Sumaré, Ribeirão Preto, SP
14020-260
tel (016) 623 3069 fax (016) 623 3001

ASSASSINATO MISTERIOSO EM MANHATTAN

(Manhattan Murder Mystery, EUA, 1993) Direção: Woody Allen. Com Woody Allen, Diane Keaton, Alan Alda, Anjelica Huston, Jerry Adler. Columbia TriStar.

Voltou Diane Keaton, a co-estrela de Woody durante a safra mais prolífica e interessante do diretor. O filme não saiu 100% bom, mas mesmo assim é divertido vê-lo retornar a algo próximo do melhor de sua forma. Allen não apenas evoca carinhosamente os *thrillers*, como faz uma gozação com o gênero. *(J.E.R.)*

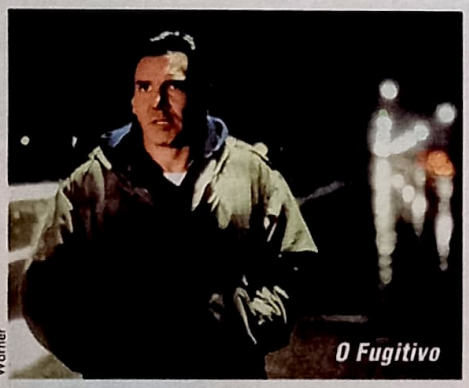
Columbia

Assassinato Misterioso em Manhattan

TOP GANG 2 – A MISSÃO

(Hot Shots – Part Deux, EUA, 1993) Direção: Jim Abrahams. Com Charlie Sheen, Valeria Golino, Lloyd Bridges, Richard Crenna, Miguel Ferrer. Fox.

Jim Abrahams põe todo seu talento humorístico para satirizar o personagem Rambo. A história toda é só pretexto para um festival de piadas. Em uma hora e meia, o diretor esculhamba cerca de trinta filmes. *(A.B.)*


Warner

O Fugitivo

CORAÇÕES EM CONFLITO

(Benny and Joon, EUA, 1993) Direção: Jeremiach Chechik. Com Johnny Depp, Mary Stuart Masterson, Aidan Quinn, Julianne Moore, Oliver Platt. UIP.

Depp é Sam, um rapaz vagamente autista, e comediante, que transforma a vida da solitária Joon (Masterson), uma esquizofrênica que vive sob a guarda de seu irmão mecânico (Quinn). Depp evoca a comédia física de Buster Keaton, com intervenções quase mudas. *(J.E.R.)*

JUSTIÇA POÉTICA

(Poetic Justice, EUA, 1993) Direção: John Singleton. Com Janet Jackson, Tupac Shakur, Tyra Ferrell. Columbia TriStar.

De tanto as pessoas falarem de *Os Donos da Rua*, John Singleton acabou acreditando que é um gênio. O resultado foi *Justiça Poética*, pretensioso e vazio. O personagem principal é a cabeleireira Justice, interpretada por Janet Jackson, moradora de uma bairro barra-pesada que começa a escrever poesia. Janet nunca foi atriz e, em vez de causar comoção, deixa metade da platéia às gargalhadas. *(A.B.)*

ABRACADABRA

(Hocus Pocus, EUA, 1993) Direção: Kenny Ortega. Com Bette Midler, Sarah Jessica Parker, Kathy Najimy. Columbia TriStar.

Comediazinha idiota sobre três bruxinhas do século 16 que vão parar no século 20 para encher o saco de um garoto. A falta de graça de Bette Midler é contagiante, mas há uma coisinha fofa que atende pelo nome de Sarah Jessica Parker (*L.A. Story*). *(A.B.)*

O FUGITIVO

(The Fugitive, EUA, 1993) Direção: Andrew Davis. Com Harrison Ford, Tommy Lee Jones, Sela Ward. Warner.

Andrew Davis imprimiu um ritmo acelerado que prende a atenção do espectador. Apesar de adaptado da famosa série da TV americana, é um filme para se ver em tela grande. *(A.B.)*

VAGAS PARA MOÇAS DE FINO TRATO

(Brasil, 1992/93) Direção: Paulo Thiago. Com Norma Bengell, Lucélia Santos, Maria Zilda Bethlem. Rio Filmes.

Exibido no mercado do último Festival de Cannes com o nome *Für Elise*, o filme apresenta os velhos e crônicos problemas do cinema brasileiro: *overacting* de voz empostada, *timing* arrastado (ou nenhum *timing*) e psicanálise de botequim. *(J.A.L.)*

FOREVER

(Brasil, 1991/93) Direção: Walter Hugo Khouri. Com Ben Gazzara, Eva Grimaldi, Vera Fischer, Ana Paulo Arósio. Cinedistri.

Embora falado em inglês e com Ben Gazzara no papel principal, *Forever* mantém laços embrionários com *Noite Vazia*. Gazzara é um empresário vítima de um ataque do coração provocado por uma noite de amor. Com diálogos precisos e elegância estudada, Khouri depura seu estilo temático de roteirista e diretor. *(W.S.)*

BOLSA DE CINEMA

O ritmo ágil de *O Fugitivo* e o romantismo de *Sintonia de Amor* convenceram a crítica nesta temporada

	José Geraldo Couto, Folha de São Paulo	Luiz Zanin Oricchio, O Estado de São Paulo	Cristiane Courto, MTV	Maria Ângela de Jesus, Jornal do Vídeo	Celso Arnaldo Araújo, Revista Manchete	José Eduardo Mendonça, Playboy	Rosane Pavam, Isto É	Rogério Durst, O Globo	Christian Petermann, SET	Deborah Petelas, SET	Média
O Fugitivo (The Fugitive, Warner)	–	–	10	7	6	8	9	8	–	9	8.1
Sintonia de Amor (Sleepless in Seattle, Columbia)	7	4	9	8	8	9	8	7	7	7	7.4
O Banquete de Casamento (The Wedding Banquet)	8	7	9	6	–	7	–	9	7	–	7.6
Tina (What's Love Got to Do With It?, Columbia)	–	–	10	7	6	–	7	6	–	–	7.2
A Firma (The Firm, UIP)	7	5	6	7	6	–	9	5	6	7	6.4
Super Mario Bros (Columbia)	–	2	–	–	5	7	7	–	5	–	5.2
Forever (Cinedistri)	7	5	–	4	–	8	1	–	–	–	5
Hellraiser 3 (Hellraiser 3 – Hell on Earth, Paris Filmes)	–	–	–	–	5	4	4	7	–	–	5
Top Gang 2! – A Missão (Hot Shots! Part Deux, Fox)	–	4	7	3	3	4	6	7	4	–	4.8
Warlock 2 (Warlock 2 – The Armageddon, Europa)	–	–	–	4	5	5	4	2	4	7	4.4

Para acompanhar essa dieta, que também é rica em unha e pelinha de cutícula, você só precisa estar um pouquinho ansioso com o vestibular. E entre um lápis e outro aproveite para ler o Fovest, o caderno de vestibular da Folha. O Fovest alimenta os seus conhecimentos com matérias que não são ensinadas na escola nem no cursinho. Tem tudo sobre profissões e mercado de trabalho, tudo sobre faculdades e cursos, e até como se preparar melhor para os exames. As matérias são orientadas pelo grupo nota 10, um grupo formado por professores dos mais importantes cursinhos de São Paulo. Todas as segundas-feiras, você encontra um Fovest quentinho e fresquinho recheando a Folha de S.Paulo.

OS NOSSOS LEITORES TÊM UMA ALIMENTAÇÃO À BASE DE FIBRAS E GRAFITE.

W/Brasil

FOLHA
Não dá pra não ler.

Leia Fovest. O caderno de vestibular da Folha.

Carta Aberta

Na edição nº 10, ano 7, na seção *Videolançamentos*, o filme *Diário de um Crime* (*Where Sleeping Dogs Lie*) foi confundido com outro, também estrelado por Sharon Stone, sendo que todos os dados divulgados não correspondem a este. O filme que chegou em outubro nas locadoras pela Europa/Carat Home Vídeo é estrelado, além de Stone, por Dylan McDermott (de *Flores de Aço*). A direção é de Charles Finch (*Veia de Campeão* e *A Lenda de Billy Jean*) e produzido por Mario Soltela. Este filme esteve em cartaz nos cinemas de São Paulo, e esperamos que SET retifique o erro, levando-se em conta os freqüentadores de locadoras.
Mônica Sufar
Assessora de Imprensa
Europa/Carat

Nós da Redação nos comprometemos a publicar na edição de dezembro uma crítica do filme correto. E pedimos desculpas pela confusão.

Matérias Especiais

Venho através desta parabenizar toda a equipe de SET pelas excelentes matérias, reportagens e entrevistas. Acredito que todos estão completamente inspirados e a revista vive a sua fase de ouro. Por isso os leitores devem concordar comigo quando merecem nota 10 as matérias: "Especial Vampiros", "Sexo à Européia", "A História do Oscar", "Como Comprar um Oscar", "A História e a Glória do Festival de Cannes" e "Os Dinossauros no Cinema".
Como a revista vem informando a cada nova edição sobre novos seriados da TV americana e aproveitando o momento do excelente nível informativo que a mesma passa aos leitores, sugiro uma matéria especial com a "História dos Seriados da TV Americana". Desde o seu início, passando pela fase de ouro, os clássicos e *cults* até os atuais. Creio que milhares de leitores esperam por uma matéria como esta.
Francisco de Assis da Silva
(Recife – PE)

Boa Cobertura

Não existem palavras para expressar o quão sensacional SET tem sido. Na edição nº 9, ano 7, a matéria de José Emilio Rondeau sobre o filme *A Firma* estava superclara e justa. O filme é muito bom, e Tom Cruise continua provando que é realmente um brilhantíssimo ator. Sem contar a capa da revista. Parabéns! Eu adoro vocês!
P.S.: as fichas de SET são o máximo!
Gabriella Aburade Delgado
(Campinas – SP)

Cineastas para Mito

Novamente, SET premia seus leitores. Depois da excelente reportagem sobre Jean Harlow (nº 8, ano 7), foi a vez do sempre popular Sean Connery (nº 9, ano 7). Parabéns à seção *Mito*, que, com certeza, continuará, na minha opinião, sendo a mais importante seção da revista. Aproveito para dar uma pequena sugestão: por que não uma seção com cineastas que fizeram história, como Alfred Hitchcock, Billy Wilder, Stanley Kubrick, Raoul Wash etc., com detalhes sobre seus principais filmes? Afinal, o cinema atual ainda sofre grandes influências dos "mestres" do passado.
Gilberto B. Cavalcante Filho
(Fortaleza – CE)

Gilberto: sua sugestão está anotada; mas se você viu a edição de outubro de 1993, perceberá que a seção Mito *homenageou o grande Howard Hawks.*

Jason não Morreu

Todos sabem que Luke Perry está bem vivo, mas, quanto ao ator Jason Priestley, morreu ou não de overdose de cocaína? Esta foi a notícia dada no Jornal Nacional, da Rede Globo, em junho deste ano.
Getro Santa Rosa Guimarães
(Salvador – Bahia)

Na Mira, Clint

Sou uma superaficionada pelo cinema, não perco uma estréia de filme, por isso gostaria de ter informações sobre o filme do Clint Eastwood com a atriz Rene Russo – *Na Linha de Fogo*. E sobre a revista de setembro, adorei a reportagem com a Meg Ryan, "Safe Sex".
Lionete Venson Dário
(Meleiro – SC)

Lionete: como assinante, você recebeu a revista de outubro com a reportagem sobre o filme Na Linha de Fogo.
Esperamos que tenha gostado.

Quase Perfeito

Dizem que, depois que a SET mudou o visual, ela ficou um "lixo". Bem, eu costumo gostar mais das coisas que são melhores: passei a ser fissurado por SET justamente depois dessa mudança! O "lixo" ficou para trás. Odeio o Tom Cruise, mas eu tenho que reconhecer: a matéria sobre *A Firma* estava ótima e também a capa.
Mas os destaques ficam para a reportagem e entrevista com Meg Ryan e Roger Corman e o perfil com Sean Connery. As fichas também estão ótimas. Agora, a seção *Takes* nunca foi tão ruim, com exceção da nota sobre a filial de "Planeta Hollywood" de Londres. De qualquer modo, parabéns, louvores unânimes para vocês. Continuem assim!
Leonardo Delarete Pimenta
(Belo Horizonte – MG)

Making Of

Aproveito esta carta para elogiar o formato geral da revista e também pedir mais reportagens sobre *making of* das filmagens. Solicito que publiquem o meu endereço a fim de que eu possa me corresponder com outros leitores para eventuais trocas de opiniões, fotos, revistas etc..
Mauro Alves da Silva
Rua Veriano Pereira, 03
Saúde – CEP 04144
(São Paulo – SP)

Dá-lhe Sean

Finalmente uma razoável homenagem ao astro Sean Connery (edição nº 9, ano 7). Foi muito boa e muito bem-vinda. Sean Connery, há muito tempo, vem superando astros como Robert De Niro e Dustin Hoffman em filmes como *Caçada ao Outubro Vermelho* e *Os Intocáveis*, que superam os sucessos *Rain Man* e *Os Bons Companheiros*.
Nagib Hosam Salha
(Natal – RN)

Trilhas Sonoras

Notei na seção *Free Shop* (nº 9, ano 7) o ressurgimento (tomara que continue para as próximas edições) das trilhas sonoras, o que me alegrou muito, pois, no meu entender, cinéfilo que é cinéfilo "curte" tudo em um filme. E aproveitando a deixa, gostaria de obter informações de como posso adquirir as trilhas sonoras não tão atuais, pois aqui em minha cidade é muito difícil, para não falar impossível. Será que há algum lugar especializado nisto?
Renata C. Favoretto
(São Carlos – SP)

Renata, você deve procurar as lojas especializadas e encomendar os discos através dos catálogos.

Correio Entre os Leitores

É de muita importância para mim conseguir algum endereço referente à escritora norte-americana Anne Rice. Agradeceria muito se algum leitor pudesse me ajudar.
Aurea Estela S. dos Santos
R. Barão de Bagé, 519
CEP 91330-570
(Porto Alegre – RS)

Sou fã de filmes de guerra, principalmente sobre a Guerra do Vietnã e da 2ª Guerra Mundial. Gostaria de me comunicar com outros fãs.
Cristiana
Rua João Krause, 260
B. Itoupava Central
CEP 89060
(Blumenau – SC)

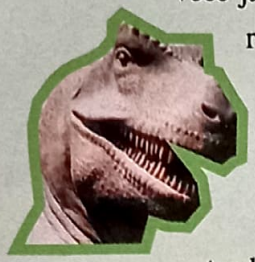
Quero me corresponder com interessados em seriados de TV, como *Além da Imaginação*, *Os Monstros* e *Super-Homem*, entre outros.
Edson Rontani Júnior
Caixa Postal 600
CEP 13400-970
(Piracicaba – SP)

Errata

Na edição nº 8, ano 7, na nota sobre a série *Fallen Angels*, na seção *Takes*, é Gary Busey e não Tom Waits quem aparece na foto. O título em português do filme *Music of Chance* é *Jogando com a Sorte* (nº10, ano 7).

SABE AQUELE CARA QUE SE RECUSAVA A APRENDER QUALQUER COISA SOBRE COMPUTADORES? FOI MORAR NO JURASSIC PARK.

VV/Brasil



Você já deve ter ouvido falar que o responsável pelo desaparecimento dos dinossauros foi um meteoro que caiu sobre a terra. É bem possível que daqui a milênios se fale também de um tal meteoro chamado informática. Mas você ainda tem tempo pra dominar esse assunto. E o melhor jeito é ler uma revista que fala de computador com linguagem de gente. INFORMÁTICA EXAME é assim.

Software

Esta seção tem as últimas novidades da área de software e diz como você pode aproveitá-las. Sempre do ponto de vista do mercado brasileiro.

Hardware

Aqui tem tudo sobre micros e periféricos.

Tutorial

Todo mês INFORMÁTICA EXAME dá uma verdadeira aula de como usar um equipamento ou um recurso.

On-line

Através de carta, você troca informações com os leitores, tira dúvidas com consultores técnicos e com a própria revista.

Prazer

Nesta seção, você fica conhecendo todos os jogos, programas educativos, brincadeiras.

Compre INFORMÁTICA EXAME nas bancas ou, se você preferir, receba em casa, pelo telefone 823-9100 (Grande São Paulo) ou (011) 800-3777 (demais localidades, ligação gratuita). A revista é entregue mesmo se o endereço for o Jurassic Park.

Informação hard. Leitura soft.

EDITORA
AZUL

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907-1990)

Diretoria
Angelo Rossi
Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

SET
CINEMA & VÍDEO

Diretor-Gerente: Carlos C. Arruda

REDAÇÃO
Diretor: José Augusto Lemos
Editora: Deborah Peleias
Editor-Assistente: Christian Petermann
Diretor de Arte: Michel Spitale
Chefe de Arte: Maria Amélia Azevedo
Coordenadora de Produção: Sueli Murakami
Diagramador: Izaú Norbertino
Correspondente (Los Angeles): José Emilio Rondeau, André Barcinski
Colaboradores - Texto: Adilson Laranjeira, Alex Antunes, Alexandre Nagado, Alcino Leite Neto, Belinda Santos, César Garcia Lima, Claudio Campos, David França Mendes, Fátima Gigliotti, Francisco Costa, Hamilton Rosa Junior, Helena Salem, Ivan David Silva, Ivana Bentes, José Eduardo Mendonça, José Júlio Espírito Santo, Luiz Carlos Merten, Marcos Smirkoff, Marcel Plasse, Roberto Rios, Rogério de Campos, Sheila Nassar, Walter da Silva. **Revisão e Preparação de Texto:** Alexandre Ortiz Ramos.

PUBLICIDADE
Diretor de Publicidade: Claudio Santos
Supervisores de Contas: Afonso Palomares, Nilo Galdeano Bastos, Ricardo Santos
Gerente: Ana Lúcia Serra
Contatos: Ana Lúcia Bertola, Ana Maria Lobo, Cristiane Mochnacs Loureiro
Marketing Publicitário: Denise Terranova
Coordenadores: Antonio Perissinoto, Igor Assan, José Soares

COMERCIAL
Diretora: Vera Helena Mirandez Gomes
Gerente de Planejamento e Controle: Ariovaldo Carrera Dias
Gerente de Produto: André Felipe D'Amato
Gerente de Promoções: Sandra Galli Ponsoni

Diretor Administrativo e Financeiro: Pedro Frazão
Azul Press-Gerente: Benjamin S. Gonçalves
Operações Editoriais: Rossane Gonçalves Costa
Diretora Responsável: Liège de Lima Dória Castelli

SET é uma publicação mensal da Editora Azul S.A. **ISSN 0104 - 1592,** edição 77, Novembro de 1993. **São Paulo - Redação e Correspondência:** Av. Nações Unidas, 5777, CEP 05479-900, tel: (011) 816-7866, Caixa Postal 66254, CEP 05389-970, telex: (011) 83178, fax: (011) 813-9115. **Rio de Janeiro**: Av. Marechal Câmara, 160 - 15º andar - salas 1534/35, Centro, CEP 20020-080, tel: (021) 532-0313, fax: (021) 532-1486. CP 4816. **Assinaturas:** valor de capa multiplicado pelo número de edições anuais. A Editora Abril garante aos assinantes desta publicação que a interrupção na entrega dos exemplares contratados, sem que para isso tenha dado motivo o próprio assinante, implicará a restituição, em cruzeiros, da parte do preço total paga antecipadamente e correspondente aos exemplares que não forem entregues, devidamente corrigida de acordo com a variação do IPCA (divulgado pelo IBGE) ou outro indexador que venha a substituí-lo. Com sua assinatura, seu nome é automaticamente incluído no cadastro da Editora Abril, o qual poderá ser cedido a empresas idôneas para fins unicamente de divulgação e promoção de seus produtos, que julgamos ser de seu interesse. Caso não queira fazer parte desse cadastro, entre em contato com uma das Centrais de Atendimento ao Assinante, cujos telefones constam desta revista. **Números atrasados:** ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor das publicações Abril de sua cidade. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP S/A - Distribuidora Nacional de Publicações, Caixa Postal 2505, Osasco - SP, CEP 06053-990, tel: (011) 810-5001 ramal 213 ou 244, fax: (011) 810-4800. **Serviço ao assinante:** tel. (011) 823-9222

ANER IVC

Fotolito: Postscript Artes & Gráfica, Fotoline Ltda, Grafcolor

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A

FILMOGRAFIAS

Columbia

STEPHEN FREARS

Diretor, nascido em 1941, Leicester, Inglaterra. Stephen Frears mostrou seu talento de contador de histórias em seu primeiro trabalho como assistente de direção, no filme *Morgan* (1966). Com a direção de *Minha Adorável Lavanderia* (1985), foi considerado vanguardista do cinema britânico.

Como Assistente de Direção: 1966: MORGAN (de Karel Reisz) ■ 1967: A MÁSCARA E O ROSTO (*Charlie Bubbles*, de Albert Finney) ■ 1968: SE... (*If...*, de Lindsay Anderson) ■ 1975: THE LIFETAKER

Como Diretor: 1971: GUMSHOE, DETETIVE PARTICULAR (*Gumshoe*) ■ 1984: THE HIT* ■ 1987: MR. JOLLY LIVES NEXT DOOR; O AMOR NÃO TEM SEXO* (*Prick Up Your Ears*); SAMMY E ROSIE* (*Sammy and Rosie Get Laid*) ■ 1988: LIGAÇÕES PERIGOSAS* (*Dangerous Liaisons*) ■ 1990: OS IMORAIS* (*The Grifters*) ■ 1992: HERÓI POR ACIDENTE* (*Hero* ou *Accidental Hero*) ■ 1993: A GRANDE FAMÍLIA DE STEPHEN FREARS (*The Snapper*)

Curtas-Metragens: 1967: THE BURNING (como diretor)

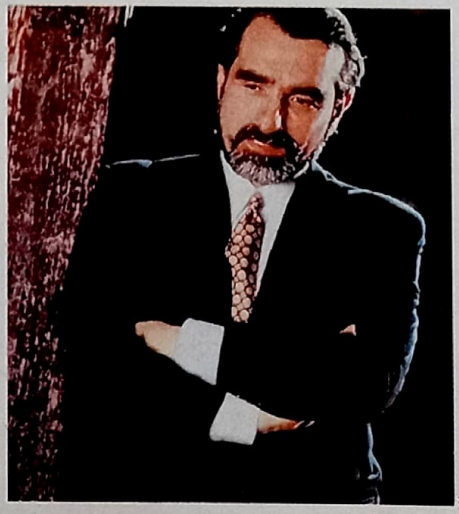
Como Ator: 1978: LONG SHOT

Como Diretor de Filmes para TV: 1971: A DAY OUT ■ 1972: MATCH OF THE DAY ■ 1973: SUNSET ACROSS THE BAY ■ 1974: TROIS HOMMES DANS UN BATEAU ■ 1975: PLAYTHINGS; EARLY STRUGGLES ■ 1976: LAST SUMMER ■ 1977: COLD HARBOUR; A VISIT FROM MISS PROTHEROE ■ 1979: BRINCADEIRA MORTAL* (*One Joke Too Many* ou *Bloody Kids*); TELEVISION TIMES ■ 1980: GOING GENTLY ■ 1983: LOVING WALTER; TRAGÉDIA NO VIETNÃ (*Saigon – Year of the Cat*) ■ 1984: DECEMBER FLOWER ■ 1985: MINHA ADORÁVEL LAVANDERIA* (*My Beautiful Laundrette*)

MARTIN SCORSESE

Diretor, produtor, roteirista, ator, nascido a 17 de novembro de 1942, Nova York, NY. Considerado o diretor mais consistente, colérico e criativo do cinema americano dos últimos vinte anos. Seus filmes são um retrato de suas próprias experiências, explorando a sua ascendência italiana e confrontando pecado e redenção de um modo universal.

Como Diretor: 1972: SEXY E MARGINAL (*Boxcar Bertha*) ■ ALICE NÃO MORA MAIS AQUI (*Alice Doesn't Live Here Anymore*) ■ 1977: NEW YORK, NEW YORK* ■ 1985: DEPOIS DE HORAS* (*After Hours*); HISTÓRIAS MARAVILHOSAS 6* (*Amazing Stories 6*) ■ 1986: A COR DO DINHEIRO* (*The Color of Money*) ■ 1988: A ÚLTIMA TENTAÇÃO DE CRISTO* (*The Last Temptation of Christ*) ■ 1989: o episódio "Lições de Vida" em CONTOS DE NOVA YORK* (*New York Stories*) ■ 1991: TWO BY SCORSESE (junção dos curtas *Italianamerican* e *The Big Shave*); CABO DO MEDO* (*Cape Fear*)


Warner

Como Diretor e Roteirista: 1967: WHO'S THAT KNOCKING AT MY DOOR? ■ 1973: CAMINHOS PERIGOSOS* (*Mean Streets*) ■ 1990: OS BONS COMPANHEIROS* (*GoodFellas*)

Como Diretor e Ator: 1976: TAXI DRIVER ■ 1977: AMERICAN BOY ■ 1978: O ÚLTIMO CONCERTO DE ROCK (*The Last Waltz*) ■ 1980: TOURO INDOMÁVEL (*Raging Bull*) ■ 1983: O REI DA COMÉDIA (*The King of Comedy*)

Como Roteirista: 1969: BEZETEN - HET GAT IN DE MUUR

Como Ator: 1976: CANNONBALL - A CORRIDA DO SÉCULO* (*Cannonball*, de Paul Bartel) ■ 1978: ROGER CORMAN: HOLLYWOOD'S WILD ANGEL ■ 1983: PAVLOVA ■ 1986: POR VOLTA DA MEIA-NOITE* (*Round Midnight*, de Bertrand Tavernier) ■ 1990: SONHOS* (*Akira Kurosawa's Dreams*, de Akira Kurosawa)

Como Produtor: 1990: OS IMORAIS* (*The Grifters*, de Stephen Frears)

Como Assistente de Diretor e Editor: 1970: WOODSTOCK* (de Michael Wadleigh)

Como Produtor Associado e Supervisor de Edição: 1970: STREET SCENES (não foi lançado) ■ 1971: MEDICINE BALL CARAVAN (de François Reichenbach)

Como Supervisor de Edição e Montagem: 1972: ELVIS ON TOUR (de Pierre Adidge e Robert Abel)

Curtas-Metragens: 1963: WHAT'S A NICE GIRL LIKE YOU DOING IN A PLACE LIKE THIS? (como diretor) ■ 1964: IT'S NOT JUST YOU, MURRAY (como diretor) ■ 1967: THE BIG SHAVE (como diretor) ■ 1974: ITALIAN AMERICAN (como ator e diretor) ■ 1987: NOT JUST ANY FLOWER (assistência)

* *disponível em vídeo*

Para captar imagem e som...

... A QUALQUER DISTÂNCIA.

SUPER VHS
M9000

MICROFONE ESTÉREO ZOOM
- Na posição "Zoom", o microfone se ajusta automaticamente para atrair o som e as imagens simultaneamente, criando uma atmosfera excepcional.
- No modo "Tele", o microfone capta com clareza os sons de objetos distantes.
- No modo "Wide", a gravação de áudio é de forma estereofônica, complementando o efeito tridimensional de espaço e profundidade.

SUPER VHS
- Resolução horizontal de mais de 400 linhas. Todo o realismo da cena original é captado com detalhes.
- Foco Automático Digital com Inteligência Artificial (AI)
- Zoom digital de velocidade variável 100x
- Congelamento de imagem digital
- Cortina (wipe) digital

VHS
M3000

MAGIC 1 (100X DIGITAL ZOOM)
Graças à tecnologia digital Panasonic, você pode aproximar suas tomadas em até 100 vezes.

MAGIC 2 (1 LUX)
Com este recurso, você obtém imagens claras e nítidas, mesmo gravando em ambientes com baixa luminosidade.

MAGIC 3 (DIGITAL MIX)
Esta função permite a mixagem entre imagens congeladas memorizadas e imagens em movimento.

- Digital tracer (efeito rastro)
- Cortina (wipe) digital
- Auto gravação temporizada
- Lente grande angular

Panasonic

Produtos Importados
À venda na Zona Franca de Manaus

MARK HARMON

(Mais Forte Que O Ódio)

DEBORAH UNGER

(Gemidos e Sussuros)

COPYRIGHT © 1990 SOVEREIGN PICTURES, INC.

Ele tinha tudo para estar no paraíso...
mas acabou num inferno mortal.

ENCONTRO COMO DESTINO

UMA FANTÁSTICA AVENTURA.
DEZEMBRO, NAS LOCADORAS.

COLUMBIA TRISTAR HOME VIDEO

LK-TEL VIDEO